

“... Cada dia compreendemos mais e mais que a justiça e a dignidade do nosso país se restabelecerão somente com a nossa revolução que vencerá as forças da reação...”

Deolinda Rodrigues

Em páginas de um realismo sem peias, onde sobressaem a sua forte personalidade e o seu carácter profundamente humano, Deolinda Rodrigues narra a difícil vida no exílio, o dia-a-dia de uma organização como o MPLA onde militam camaradas de todas as origens, de todas as convicções políticas, de todas as condições culturais e sociais, com todas as suas contradições, os seus defeitos e as suas virtudes.

Ao mesmo tempo que constitui retrato fiel do carácter firme e obstinado de Langdila (seu nome de guerra) em defesa daquilo que considerava justo, este diário revela-se também um libelo implacável contra as limitações impostas ao movimento de libertação nacional, contra o comodismo e egoísmo de alguns militantes, contra as manobras dos círculos políticos internacionais e sua ingerência nos países africanos.

Talvez não agradeam ao leitor as referências e observações críticas feitas a respeito de alguns personagens mas Deolinda era assim mesmo — doce e compreensiva mas também caustica e dura, quando necessário, no contexto da época.

Em algumas passagens deste depoimento, notam-se interrupções por certo determinadas pelos imprevistos da vida no «maquis». O próprio diário termina de repente, como voz que se afoga na garganta em plena acção, como ave atirada que sucumbe em pleno voo.

Roberto de Almeida

DIÁRIO DE UM EXÍLIO SEM regresso - Deolinda Rodrigues

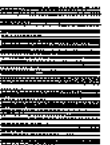


DEOLINDA RODRIGUES

DIÁRIO

**DE
UM EXÍLIO SEM regresso**

ISBN 972-8823-14-2



Editorial

Nzila

DEOLINDA RODRIGUES

DIÁRIO
DE UM
EXÍLIO SEM REGRESSO

A publicar:
Cartas e Documentos de Luandila

Diário de Um Exílio Sem Retorno

Autora:
Deolinda Rodrigues

© Copyright:
Familiars de Deolinda Rodrigues
Editorial Nzila, Lda, 2003

Editora:
Editorial Nzila, Lda.
Caixa Postal: 34 62
Luanda, Angola
Telefone: 244-2-441613
Email: nzila@ebonet.net

Coordenação editorial:
Arlindo Isabel

Revisão e fixação do texto:
Roberto de Almeida

Fotos da capa e dos anexos:
Arquivo de Roberto de Almeida

*Execução Gráfica,
Impressão e Acabamentos:*
Lito-Tipo

Capa:
Editorial Nzila

Tiragem:
2000 exemplares

1.ª Edição:
Luanda, Novembro de 2003

ISBN 972-8823-14-2
Depósito Legal, n.º 2074/2003

de Luanda

*A memória de minha Mãe,
falecida no dia em que se convenceu
que o exílio da sua filha era
um exílio sem regresso*

Roberto de Almeida

*Este livro é publicado em preito
de homenagem,*

*Àqueles que, na fuga para o exterior
"em busca de vida", como Maurício,
Helder "Dede", Gentil de Figueiredo "Ninho",
Manuel Van-Diném da Silva Neto,*

*E aos que na caminhada do interior
em luta para independência,
como os massacrados do Fuesse,
Talakanga, Maravilha, Rosado, Neças,
Gomes, Domingos, António Lopes, Brita,
Irene, Lucrecia, Engrácia, Teresa,
a própria Deolinda e tantos anónimos.*

*Ofereceram o sacrifício das suas vidas para
que Angola conquistasse a liberdade.*

Índice

Agradecimento	13
Testemunho do ex-combatente, capitão Martins Gaspar Paulo (<i>Mayende</i>)	15
O Valor de uma Confissão	17
<i>Excertos de uma entrevista a Holden Roberto</i>	17
Deolinda Rodrigues: o perfil de uma lutadora indomável	19
<i>Por Jacinto Fortunato</i>	19
Introdução	21
<i>Por Roberto de Almeida</i>	21
Diário	23
1956	25
1957	27
1958	29
1959	33
1960	37
1961	39
1962	41
1963	43
1964	47
1965	87
1966	135
Nota do Editor	141
1967	179

Nota final	213
<i>Por Roberto de Almeida</i>	
Glossário	215
Anexos	221
Comunicado da OMA, de 16 de Fevereiro de 1966	223
Documentos Escolares	224
Menu de Brazza	233
4 poemas de Deolinda Rodrigues	237
Fotografias	247

Agradecimento

A Simão António Mendes e, postumamente a Maria Idalina Augusto e Alé Pascoal Fernandes, meus primos, que apesar das peripécias do “*maquis*” guardaram religiosamente este “*Diário*”, a colecção de moedas e alguns poucos pertences de Deolinda Rodrigues “*Lamjidila*”, para os depositar intactos em minhas mãos, em Junho de 1974.

Ao Camarada *Lúcio Lara* que me proporcionou e facultou parte do original de outros documentos e fotografias de Deolinda, quando a obra já se encontrava no prelo.

Muito Obrigado.
Roberto de Almeida

«... Sabe-se que a minha detenção pela UPA tinha sido no dia 8 de Setembro do ano de 1967, motivos por ter contactado com a Camarada Deolinda Rodrigues na altura também posta lá presa»

Excerto da auto-biografia
do ex-combatente capitão
Martins Gaspar Paulo (Mayerde),
natural de Tomboco, Província do Zaire,
datado de 13 de Agosto de 1983]

O valor de uma confissão

(excertos de uma entrevista)

Pergunta: Ainda no desenvolver da luta de libertação, houve alguns conflitos entre o MPLA e a FNLA. Gostava que o senhor falasse um pouco sobre a morte de algumas cidadãs angolanas consideradas heroínas pelo MPLA, mais propriamente, Deolinda Rodrigues, Irene e outras. Em que circunstâncias é que essa situação ocorreu?

Resposta: Eu vou aproveitar para esclarecer essa situação. Nós, como já disse há bocado, tínhamos a luta armada. O Zaire tem uma fronteira de 2600 kms com Angola. Nós tínhamos a parte de fronteira onde o nosso pessoal entrava, quer dizer, ao longo daquela porção da fronteira nós tínhamos bases, onde a nossa gente entrava facilmente. Bom, o MPLA dizia que queria lutar; mas, se queria lutar, tinha que fazer outro corredor, não entrar no corredor da FNLA, porque lá, qualquer pessoa que passasse nesse corredor devia ser portadora de um papel do Estado-Maior da FNLA. Agora, pessoa que entrasse sem autorização do Estado-Maior era considerada como inimigo, sobretudo se a direcção do Estado-Maior não estivesse avisada. E a fronteira é grande. O MPLA queria lutar, devia escolher uma outra, abrir um outro corredor

próprio para poder entrar. Porquê entrar no campo onde está a FNLA em luta? Evidentemente, os soldados tomaram as suas responsabilidades, porque, onde há luta armada, é preciso o controlo das pessoas, pode haver infiltração de inimigos, ou seja, o MPLA se queria entrar, devia abrir uma frente própria.

Pergunta: *Confirma então que foi a FNLA que matou as heroínas do MPLA, quer dizer, Deolinda Rodrigues e Irene?*

Resposta: *Mas o MPLA também matou, não sei se ouviu.*

(Holden Roberto in Angola: depoimentos para a história recente, págs. 28 e 29)

Deolinda Rodrigues: o perfil de uma lutadora indomável

Deolinda, era assim que nós a chamávamos, rompeu com os preceitos conservadores da sociedade colonial que reservavam à mulher um papel secundário e submisso, e fez da luta de libertação — pelo pragmatismo da guerrilha — o caminho mais justo para se atingir a total emancipação dos angolanos do servilismo e das oportunidades desiguais.

O patriotismo de Deolinda Rodrigues estava evidente na forma esconrita e apaixonada como abordava os problemas de Angola deixando transparecer laivos de emoção e certeza na vitória.

Estamos nos anos cinquenta, e Deolinda dominava perfeitamente o kimbundu e a língua inglesa, atributos que viriam a transformá-la numa das mais eloquentes e preferidas intérpretes dos missionários americanos da Igreja Metodista Unida. Traduzia, em simultâneo, do inglês para português e do português para o kimbundu revelando uma enorme elasticidade cultural e sólida postura intelectual.

Foi através dela que fomos conduzidos às lides políticas, desenvolvendo actividades com Arnílcar Cabral, em Luanda, e mais tarde com o MPLA em 1961, no Brasil.

Obtive, neste mesmo ano, das mãos de Deolinda Rodrigues, o meu cartão de membro do MPLA, documento

de uma incomparável magnitude simbólica na minha vida, que conservo até hoje, assinado por Mário Pinto de Andrade e Viriato da Cruz.

Como estudante no Brasil, no Instituto Metodista Chácara Flora. (S. Paulo, Brasil), Deolinda era considerada uma aluna brilhante, exemplar, muito querida e dedicada aos estudos.

O patriotismo era outro dos traços característicos da sua personalidade, que se projectava na obsessão que sempre alimentou pela independência de Angola. Dava a impressão que não falava de outra coisa! Por ela lutou e sacrificou a sua vida.

Em S. Paulo realizámos diversas actividades políticas e mantivemos contactos regulares com o MPLA, enviando tudo o que fosse útil ao movimento. Foi através da Deolinda que os angolanos estabeleceram contactos com o grupo avançado do MPLA, em Leopoldville, e outras capitais africanas.

É pedagógico lembrar o seu exemplo, às gerações vindouras, e dar a conhecer ao mundo o perfil de uma lutadora que deu a sua vida pela causa da nossa luta de libertação. Morreu precocemente mas venceram os princípios nacionalistas por que se bateu. Valeu a pena, indomável Deolinda...

Jacinto Fortunato

Luanda, 16 de Março de 2003

INTRODUÇÃO

Foi um tanto afortunadamente que durante a minha primeira deslocação à República Popular do Congo, em Junho de 1974, me veio parar às mãos o diário de uma combatente angolana que, por sinal foi minha irmã.

Partida de Angola em Fevereiro de 1959, Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida, de seu nome completo, seguiu viagem para Lisboa e pouco depois para o Brasil. Livrou-se assim da prisão pela PIDE que a procurava em Luanda e Lisboa, no afa das detenções dos nacionalistas que vieram a integrar o célebre "Processo dos 50", de que fazia parte. Não tendo sido presa por diferença de poucos dias, ela não escapou porém ao processo judicial.

Em páginas de um realismo sem peias, onde sobressaem a sua forte personalidade e o seu carácter profundamente humano, Deolinda Rodrigues narra a difícil vida no exílio, o dia-a-dia de uma organização como o MPLA onde militam camaradas de todas as origens, de todas as convicções políticas, de todas as condições culturais e sociais, com todas as suas contradições, os seus defeitos, as suas virtudes.

Ao mesmo tempo que constitui retrato fiel do carácter firme e obstinado de Langidila¹ (seu nome de guerra) em defesa daquilo que considerava justo, este diário revela-se também um libelo implacável contra as limitações impostas ao movimento

¹ Langidila: nome de guerra de Deolinda, que significa "toma cuidado", "se vigiante".

de libertação nacional, contra o comodismo e egoísmo de alguns militantes, contra as manobras dos círculos políticos internacionais e sua ingerência nos países africanos.

Talvez não agradem ao leitor as referências e observações críticas feitas a respeito de alguns personagens mas Deolinda era assim mesmo — doce e compreensiva mas também cáustica e dura, quando necessário, no contexto da época.

Em algumas passagens deste depoimento, notam-se interrupções por certo determinadas pelos imprevistos da vida no «maquis». O próprio diário termina de repente, como voz que se afoga na garganta em plena acção, como ave atingida que sucumbe em pleno voo.

Mas a de Langidila é uma voz que não se extingue com nenhuma morte. Essa voz incômoda, essa voz sem medo sempre pronta a defender com frontalidade e paixão toda a verdade, essa voz fala muito mais alto, para além das folhas de um simples diário de campanha. Ela repercute nas consciências e obriga as pessoas a repensar os caminhos da Revolução e a reviver os dramas do exílio, a perseguição, a fome, o dilema entre servir a luta e continuar os estudos, os problemas de convivência com os camaradas, o alheamento ou deserção da maior parte dos intelectuais ao primeiro sinal do avolumar de dificuldades, a possibilidade da morte a cada passo da existência.

Quanto a mim, o mais importante é que a voz dessa intrepida mulher que lutou por Angola com toda a força da sua curta vida e com todo o peso da sua trágica e cruel morte, assume ainda hoje o tom de uma exortação guerrilheira para um combate encarregado e sem tréguas do povo e para o povo, até à vitória certa que é a independência total da nossa terra.

Março de 1975
Roberto de Almeida

DIÁRIO



1956



9 de Setembro

O Bigorna trouxe pra casa o Belarmino que me fez perguntas. Parece aceitarem-me no movimento nacionalista, embora o Sr. Benje e outros velhos estejam com receio por eu ser mulher.

17 de Setembro

O Mino trouxe um memorandum pra traduzir e dactilografar. Então é sinal que fui aceite no movimento.

1957



22 de Fevereiro

Há uma reunião pan-africana (Saúde). Kreps apresentou-me a uma médica da Costa do Ouro. Só de vê-la já me sinto outra, mais africana. É simpática e consciente.

O Sr. Miguéis da Mimosa deu-me «The African Awakening», de Davidson pra traduzir partes referentes a Angola. Não é muito fácil com as aulas e não tive tempo de dactilografar tudo. O Sr. não gostou de o trabalho ficar assim, mas não quis esperar mais. Pena.

2 de Junho

Bigorna e eu estamos muito ocupados com alguns memoranduns. Ele traduz, corrige e dactilografa na cozinha. Pena não termos uma máquina de escrever silenciosa. Depois queimar os rascunhos deixa uma fumaça inquietante. Não quero que a Ndona dê por isto e muito menos o Sr. Almeida, bezugo da loja ao lado.

14 de Setembro

Reunião da Comissão Económica da ONU. Pela 1.ª vez vi africanos instruídos a andar por toda a parte com toda a dignidade e naturalidade com seus trajes nativos. O movimento contactou com um grupo deles na casa do ti Nobre e interpretei. (Um deles, o Edu quis urinar e a malta ficou atrapalhada porque não havia retrete em condições pra um diplomata daqueles. Que embaraço! Foi um pouco engraçado porque o Edu estava «apertado» e pedia a casa de banho enquanto a malta examinava o caso). A Pide espionou.

O Dr. Johnson (Libéria) visitou num grupo a nossa aula de inglês; reconheceu-me e veio para o meu lugar conversar. Eu disse-lhe que a Pide estava a acabar connosco e o resto da África já libertada tem de nos ajudar. Depois da visita o professor perguntou-me o que tinha falado com o Dr. Johnson (filho da caixa do professor). Respondi-lhe que o Dr. Johnson explicou-me onde ficava a Libéria, etc. Bestas de nguas.

1958



5 de Março

Este mulato está sempre à esquina da nossa casa agora e dispara chuvas de asneiras quando me aproximo. Deve ser espião. Melhor não ligar.

21 de Março

Estávamos a ouvir Rádio Brazzaville. O Figueira entrou e perguntou: «o que é que este homem está a fazer aqui com o ouvido encostado na vossa janela? Estava de costas pra a esquina e não me viu chegar. Era um ngueta. Corri com ele.» Deve ser a PIDE, que chatice!

6 de Abril

O carro da radiopatrulha parou no Cooper e perguntou pelo Bigorna. Respirei fundo quando encontrei o Bigorna a dar a aula. Que alívio! Avisei-o. Prudência. Mas parece que não é com ele. Formidável este miúdo. Disse-me pra não me atrapalhar.

10 de Abril

A radiopatrulha seguiu-me do Figueira e eu trazia documentos e revistas debaixo do braço. Quando dobrei a esquina, o carro da radiopatrulha estava parado à porta. Que dor de barriga! Entreei pela porta do quintal e escondi tudo na retrete. Mas as patrulhas estavam no bar. De noite saí com ti Nobre e Zeca esconder tudo em casa duma prima do Ti Nobre. Bendita seja esta Sra. Tão compreensiva. Queimeei fotos e outros documentos. Que perda e chateice. A Ndona está desconfiada, mas não quero alarmá-la.

12 de Abril

Rusga. Perto do chafariz encontrei o Roberto e o Zeca presos, sentados já no chão. Aproximei-me e expliquei ao polícia que eles eram tão estudantes do liceu como eu. Diz que não quer saber e mandou-me embora. Afastei-me um pouco, mas continuei a barafustar. Mandou os miúdos embora. Parece que não houve nada com o Delado que foi ao liceu às sete por causa da ginástica. O que é que nós somos aqui em Luanda? Tudo, menos seres humanos. E até quando esta merda de vida?

17 de Abril

Perto do «Majestic» e do Alexandre Herculano, um capataz branco estava a sovar selvagemmente um dos presos que estão a abrir valas. A quitandeira e eu éramos as únicas pessoas perto e o sol era de matar

às 11h30m. Reclamámos para o ngueta deixar de

bater, mas ele ameaçou. A quitandeira disse-me para continuarmos a gritar até virem homens patricios. Finalmente o ngueta parou, talvez só por estar já cansado.

O que me impressionou foi a paralisção do patricio que estava a ser chicoteado e dos outros. Ele era mais forte do que o branco, mas só gemia. Chigai! Esta situação faz-me pensar no suicídio. Que vida!

19 de Abril

A Ndona e eu quase não dormimos a noite passada. Está na moda a PIDE acordar gente perto da madrugada. Outros agentes dela vêm com conversas provocativas na janela do nosso quarto. Não sei se é melhor dormir no Rangel pra evitar que a PIDE se meta com a Ndona.

24 de Abril

Até nas reuniões de oração, nossos olhos falam política, mas a D. Doroteia pensa que estamos a meditar na «palavra do Senhor»

A Missão serve-nos de lugar do Movimento Clandestino (no escuro e no 1.º andar) e com o padre Andrade («esta batina atrapalha-me»). Até nas reuniões de oração, nossos olhos falam política, mas a D. Doroteia pensa que estamos a meditar na «palavra do Senhor». Estes missionários são uns bons cachorros e pensam que não vemos nem sabemos a patifaria deles, filhos da mãe. É fácil ser

cristão quando se vive bem como eles: não passam fome, não andam a pé, não são humilhados. Só depois de recuperar a nossa dignidade é que podemos decidir se viramos ou não cristãos. Por enquanto o cristianismo não é pra nós, mas se o vir à igreja no domingo ajuda a contactar os outros e fazer o trabalho nacionalista, então podemos vir a Igreja.

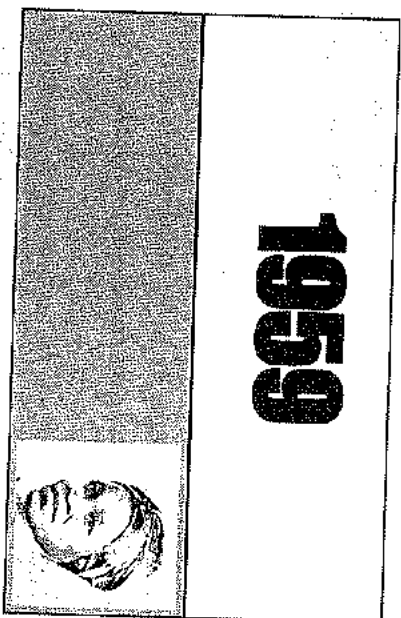
18 de Maio

Os caloiros nguetas ficam na escada perto da minha turma e gritam «Miss Sambizanga» quando chego

Os caloiros nguetas ficam na escada perto da minha turma e gritam «Miss Sambizanga» quando chego. Vou dominar-me e não ligar. Não sei se consigo. Minha vontade é sacar num deles e malhá-lo a valer pra ver se no dia seguinte se metem com as mães deles. Isto de engolir insultos ainda mais de kangundos... é uma merda de vida esta.

28 de Julho

O Roberto foi passear à vila. Passou um merda de ngueta que se diz aspirante da administração que bateu no miúdo por não ter tirado o chapéu quando ele passou. O papá ficou furo. Foi queixar-se ao administrador, outro ngueta. Mas pra fazer boa muxima ralhou o aspirante. Chata vida esta de humilhações constantes pra nós! ...



3 de Janeiro

A mamã pegou numa moça pronta a partir a cabeça ao 1.º ngueta que vier incomodá-la. É que ela enxotou os porcos dos bezugos que vieram estragar a nossa horta. E como somos pretos, os merdas dos nguetas ainda querem armar connosco.

17 de Janeiro

Gente surrada até sangrar por todo o corpo; mulheres ruscadas pra dormir com o chefe (uma em cada noite), enquanto a mulher do Chefe está no putu

O Fausto¹⁷ tem visto cenas de muita chatice neste ponto (Kritexi): gente surrada até sangrar por todo o corpo; mulheres ruscadas pra dormir com o chefe (uma em cada noite), enquanto a mulher do Chefe está no putu. Roubalheira no peso e pagamento do café: quem refila é morto à pancada no posto. Na igreja há uma missa pra os pretos e depois outra

pra os brancos. Não se misturam. O Fausto não pode mais e vai abandonar isto. Está a ser perseguido por não ir nessa onda chitriñosa.

31 de Janeiro

Os do movimento deram-me farrá de despedida

Os do movimento deram-me farrá de despedida em casa do Ti Nobre. Apareceram vários mulatos que não conhecia mas que também são do movimento. A pide surgiu no meio de tudo, fingindo estar à procura do Gaby. Merda de vida esta.

2 de Fevereiro

Como custa deixar esta Angola onde vivi sempre

Caramba! Como custa deixar esta Angola onde vivi sempre. Ainda se a situação fosse normal, vá lá. Mas o meu Povo vai ficar a sofrer e vou safar-me, abandoná-lo. Que tração! É difficilimo deixar a família tão, tão querida, os amigos, os patricios todos nas garras dos nguetas. E a Mamã que é o meu leme e o papá que é a minha segurança e o resto da família que é o encorajamento desta vida de misérias aqui. Porque nasci, chatice!

3 de Fevereiro

Difficil separar-me da Mamã.

Ela também chorou muito. Esta é a Luanda da chicotada do branco nas costas nuas do preto que cava a terra sob um sol de Março. Esta é a Angola do contratado. E é esta a Angola que deixei hoje.

Difficil separar-me da Mamã. Ela também chorou muito. O papá não teve licença pra vir despedir-me. Com o Roberto e Delado também custou muito a despedida! Companheiros de alegrias e tristezas durante anos. Separar-nos até quando?

O Bigorna não apareceu ao cais. Coitado. Foi mais fácil assim pra nós dois. Vai ser lindo viver bem no estrangeiro enquanto a nossa gente vegeta sob uma PIDE destas. Que fatalidade! Não sei quanto tempo vai durar tudo isto. Mais valia não ter nascido, chatice!

Esta é a Luanda da chicotada do branco nas costas nuas do preto que cava a terra sob um sol de Março. Esta é a Angola do contratado. E é esta a Angola que deixei hoje. Mas temos de transformá-la: não sei como nem com que forças mas este mal não pode durar sempre.

12 de Março

Finalmente o visto pra o Brasil. Parecia que a PIDE não ia dá-lo. Custou, caramba. Mas este visto também quer dizer vida mais longe de Angola.

7 de Abril

Sessenta (Sebastião Gaspar) e outros, presos.

24 de Julho

Bigorna, Mino, Ti Nobre presos. Que fazer?
Taf' odio!

9 de Setembro

Rocha pôs-me em contacto com o Lúcio Lara.

1960



5 de Fevereiro

Contactei com o Orlando. Bom nacionalista. Falei numa reunião política sem a D. Dina saber.

21 de Março

Outra reunião também em casa da D. Francisca, também sem a D. Dina saber.

28 de Maio

*D. Dina disse-me pra não fazer política
pra não arranjar encrenca aos missionários*

A D. Dina disse-me pra não fazer política (não sei como ela descobriu ou descobriu as reuniões passadas) pra não arranjar encrenca aos missionários, à igreja e ao instituto. Nem lhe respondi. Onde for, vou sempre falar das condições na terra. Lixem-se lá as Missões e o resto. A minha família, o meu Povo vale mais que todo o resto.

2 de Agosto

Os brasileiros vão assinar um acordo de extradição com os lusos. Tenho de cavar daqui antes disso.

29 de Agosto

Os americanos parecem-me muito falsos

Os americanos parecem-me muito falsos. É tudo arranjado, nada é espontâneo e obrigam-nos a dizer que gostamos disto. Raio de nquetas. São muito chatos. Gosto de ficar à vontade mas eles não largam a gente.

11 de Novembro

Estes pretos americanos precisam de revoltar-se contra esta «vida» só de fachada que eles levam

1960
Thanksgiving com a Carolyn e família em Chicago. Moram numa favela. Quanta miséria, pobreza e doença em casa. O pai é guarda-nocturno, a mãe é quase paraplégica. Carolyn é boa filha. Estes pretos americanos precisam de revoltar-se contra esta «vida» só de fachada que eles levam. O Sr. Clark é muito consciente das condições deles e nossas.

25 de Dezembro

Natal com os Chiwengos da Karanga. Onde está a minha família por esta hora?

1961



4 de Fevereiro

Revolta em Luanda. Tamanu dê certo e avance!

15 de Março

Outra revolta no Norte!

2 de Abril

«Se és tão anti-americana, o que estás a fazer no nosso país?»

Numa discussão com as ianquis do dormitório, casquei o país delas. A Liz toda irritada disse-me: «Se és tão anti-americana, o que estás a fazer no nosso país?» É verdade, estou aqui a mais. Este não é o meu lugar.

FORA DO PAIS?

19 de Abril

A Conferência que fiz sobre Angola na Universidade de Chicago

Os Ikkus, Emily e outros estudantes africanos em Chicago são muito conscientes e querem ajudar a nossa causa. A Conferência que fiz sobre Angola na Universidade de Chicago talvez ajude esta gente hibernada a ver a realidade, principalmente os muitos pretos que lá estavam.

7 de Agosto

Ida urgente a NYC. Chatices do passaporte caducado: perigo de extradição. Vou é cavar daqui o mais cedo possível, mas não pra ser remetida à PIDE.

11 de Dezembro

Chegou delegação do MPLA pra a ONU Savimbi também chegou, mas faltei ao rendez-vous com ele pra ir a NYC ver os do MPLA.

28 de Dezembro

Agravou-se a chaticce do passaporte. Vou dar o fora. Oxalá o Mário d'Andrade consiga tirar-me daqui. Passei as férias a atender os telefonemas dele no hotel e a atender o Reverendo Silva, chato e atrevido, quase abusador.

40

1962



27 de Janeiro

O Sr. Diallo Telli da Guiné na ONU vai ajudar-me a cavar daqui.

29 de Janeiro

Fora dos EU. finalmente. Em Amsterdam, a policia queria entregar-me ao consulado português. Este passaporte caducado é um perigo. ÁFRICA, finalmente! Ah! CONAKRY!

8 de Fevereiro

ACCRA!

28 de Março

Léopoldville! Que bom ver gente conhecida. Mas apontam-me com o dedo na rua, talvez por vir dos EU. Que chaticce! Mas há muito trabalho aqui. Mãos à obra!

41

1963



28 de Março

Há chatices na política

Neste ano de Congo, ano de dificuldades pra o Mpla aprendi mais do que toda a vida. Há chatices na política. Temos muitos chefes no Mpla. Enfim, tudo isto dá chatices.

29 de Junho

...o Adoula reconheceu hoje também o governo do Holden

Que merda de vida! O Pedrinho foi enterrado longe, sozinho hoje em Paris e o Adoula reconheceu hoje também o governo do Holden. Foi o Lúcio que me deu as duas notícias maldíffissimas! Convocaram-me pra uma reunião do Comité Director, mas não tive coragem de ir. Fiz mal. Tenho de enfrentar estes contratempos e ultrapassá-los.

4 de Julho

Barraca dos Viriatos e Matias

Barraca dos Viriatos e Matias. Que chatice! Que vergonha! Que tração a nossa pra com os que sofrem lá dentro! Não será melhor suicidar-me?

24 de Setembro

Reunimo-nos com os responsáveis do Comité d' Acção aqui em Matadi. Parece que a malta ficou mais animada. Às vezes não sei como tudo isto vai acabar nesta confusão do Congo. Mas se paramos é o fim de tudo.

27 de Setembro

Dezoito camaradas vieram à reunião de contacto em Boma. Também houve perguntas e respostas como em Matadi. Gente decidida, mas não organizada. Mas não adianta nada procurar bodes expiatórios. Há que avançar!

28 de Setembro

Uma maluca ameaçou-nos com o canivete

Quando íamos apanhar o carro pra o Luáli, uma maluca ameaçou-nos com o canivete. A polícia interveio pra acalmá-la. Que experiêncial! A viagem pra o Luáli com o caixote de medicamentos foi cheia de peripécias.

29 de Setembro

Um upista escreveu asneiras (30 lavale fildaputo) na porta da nossa casa.

Veio gente (chefe da douane, upistas) espreitar, espiar, cumprimentar e ver o transistor que o Big Brother me deu em Matadi. Um upista escreveu asneiras (30 lavale fildaputo) na porta da nossa casa. De tarde passou o desfile de mulheres com lenha e água pra a mulher do Ngunza que deu à luz. Isto é comunismo prático, socialismo em acção, em plena brousse d'África.

Fomos visitar doentes e militantes em 3 sanzalas.

30 de Setembro

O resto acomoda-se no chão

O nosso dispensário do CVAAR aqui é uma loja adaptada: uma sala grande com balcão e uma prateleira toda empoeirada e um quartito escuro ao lado, sem um... (*ilégivel*) que faz às vezes de banco para os tratamentos. Do lado de fora, está a panela no fogo de lenha, pra esterilizar as seringas. À porta, uma cruz vermelha. Autêntico dispensário da brousse. Dentro só há 4 bancos pra os doentes se sentarem. O resto acomoda-se no chão.

2 de Outubro

Uma campanha de alfabetização pra adultos mudaria isto por completo

As moças entregam-se quase todas à prostituição

agui. A Fátima e a Lená são muito bonitas. É preciso salvá-las. Uma campanha de alfabetização pra adultos mudaria isto por completo.

22 de Outubro

Penho de arranjar um kadienge pra viver, mas nada de arrear pé daqui

Estamos outra vez tremidos. O MLEC foi chamado no sábado pro burgomestre pra fechar o escritório. O MNA foi convocado ontem. Pouco a pouco vai chegando a vez do MPLA. Seja como for, daqui não saio. Tenho de arranjar um kadienge pra viver, mas nada de arrear pé daqui, aconteça o que acontecer. Nascem hoje o 5º Ferreirinha no CVAAR. Deitaram-no num berço de caixote. Os pais queriam uma menina.

22 de Novembro

Chipenda e Condessa presos! Malta atropalhada. Mais velhos todos em Brazzaville. A maioria da malta pensa em atravessar.

*o pai é duvidoso
ou 3.5. fupô de davis
e que
pelo é
da guerra*

25 de Dezembro

Natal em Matadi com Big Brother. Natal sem família não é só Natal: é Natal-tortura.

1964



23 de Janeiro

Sem dúvida, há coisas erradas em Léo, no Congo, na África, como em toda a parte, começando por Alabama

O facto de trabalhar no escritório do CPC (departamento da Juventude) dá-nos uma oportunidade extraordinária pra aprofundar o conhecimento dos ianquis, o desempenho das suas funções de agentes estaduais e assassinos da personalidade humana do africano.

Sem dúvida, há coisas erradas em Léo, no Congo, na África, como em toda a parte, começando por Alabama, por exemplo. Kathy, a ianqui que veio há pouco, admitiu logo que discrimina os belgas. «Naturalmente», enquanto cá estiver nunca vai dizer que odeia os congolezes. Até é mesmo capaz de alegar que veio por amá-los demais...

Estou tremendamente embaraçada por estar metida com estes ianquis que merecem bem outra coisa. Aparecer com eles em público o menos possível.

10 de Fevereiro

Até 1958, meu aniversário era celebrado com um ovo dado pelo Papá, um carinho da mamã

Fiz hoje 25 anos: estou velha. E deste quarto de século vivido só reparti três anos com os outros (um na Escola infantil em Luanda e 2 no CVAAR cá). Que dia de aniversário: nem tempo tive pra ir almoçar em casa. Contentei-me com 2 coca-colas postas no balcão com todo o mau-humor da senhora do bar e um pãozinho doce. Nem tempo tive pra ir esvaziar a caixa de correio: talvez o Papá e a Mamã me escrevessem. Bem, hoje vou recordar o passado: Até 1958, meu aniversário era celebrado com um ovo dado pelo Papá, um carinho da mamã.

10 de Fevereiro de 59:

Começa o drama da solidão: aniversário no barco de carga «Rita Maria», entre estranhos e a caminho de Lisboa. Só estranhos ao redor: nenhum ovo, nenhum carinho.

10 de Fevereiro de 60:

No Instituto Metodista, aniversário à ocidental: bolo, velas e canlata de «Parabéns a você», além dos cartõezinhos. Mesmo assim, falta-me o 10 de Fevereiro à moda lá de casa. Esta celebração à branco faz-me sentir ainda mais saudades dos meus queridos e de Angola.

10 de Fevereiro de 61:

Cartões da Liz Coulter e das moças do Kemp Hall.

10 de Fevereiro de 62:

Aniversário em Conakry. Como estou entre estranhos (Eugénia do Viri e os Laras) ninguém descobre que hoje é o dia dos meus anos. Gostei deste aniversário passado na clandestinidade.

10 de Fevereiro de 63:

O trabalho e a vida entre os camaradas também fizeram passar este dia na clandestinidade. Mas o Pedrinho e a Ruth Lara enviaram-me cartões.

10 de Fevereiro de 64:

Sinto falta do cartão do Pedrinho. Só, familiarmente. Que os restantes anos da minha vida sejam mais postos ao serviço dos meus compatriotas e do nosso país. Que sejam muitos; mais 75, pelo menos.

22 de Fevereiro

A iançada está a deixar cair a máscara da face e mostrar todo o seu imperialismo, racismo e exploração.

A iançada está a deixar cair a máscara da face e mostrar todo o seu imperialismo, racismo e exploração.

Este «cartefour» ou qualquer outra organização não pode ir à frente com estrangeiros a dirigir, principalmente quando são ianquis.

Ianquis já vos conheço um pouco bem pra acreditar mesmo nas raras prováveis vezes em que vocês tentam ser «sinceros» pra conosco. Estou até à raíz dos cabelos com esta canalhada. Até já me custa mesmo fingir um sorriso pra eles. Enquanto o preto for menos treinado tecnicamente, ele é «bom rapaz». Mas se o preto abre o olho, vira logo comunista, etc.»

- No Ndolo, o Anjoel perguntou ao António: «Onde é que vais jantar hoje?» E a resposta foi: «Jantar o quê, porra?» Coitados dos meus compatriotas, esta é uma vida de merda.

6 de Março

Posso fazer mais e melhor pra Angola e a humanidade se me preparar mais

Não é fácil nem bom deixar o Ndolo com toda a sua fome, insegurança, solidariedade e nacionalismo em troca dum Kalina sofisticado, falso, com base na exploração humana. Não sei bem porque fiz esta troca.. Não estou em paz comigo mesma desde que passei pra esta Kalina.

Tenho de estudar, descejar um pouco mais além e melhor em vez de me conformar com o pouco e remediado de hoje. Posso fazer mais e melhor pra Angola e a humanidade se me preparar mais. Oxalá dê certo.

Também não acredito que os ricos sejam eles portugueses, americanos ou angolanos desejam o bem-estar do pobre. Quando desesperados, fingem-se «amigos, compreensivos e desinteressados». Que

os mulatos e pretos universalistas do MPA chamem a isto racismo. Mas quer esteja casado com preto ou não, pra mim português é português, branco é branco, rico é rico e, em certa medida, não tem nada de comum comigo quanto aos alvos. O mesmo e muito mais com os ianquis. Boas relações sem violência nem ódio, só quando estivermos em pé de igualdade. Antes não. Este Kalina à amerloque não é lugar pra mim. Tenho de abalar daqui.

A vida é interessante. É cheia de testes e desafios:

Amor	#	ódio
Coragem	#	desânimo
Pressa	#	paciência
Tolerância	#	agressividade

9 de Março

Os canadianos da ONU no Congo inventaram o «the happy rate» mercado negro.

12 de Março

O mal tem de ser atacado pela raíz e não remendado com esmolas

Grande dia: é o Artur que me ameaça: «Tu é que devias ter medo de mim. Olha que aqui não é Brazzaville.»

O Harold (canadiano) meleu algum dinheiro na mão do Jean à despedida. Mas que pode remediado este gesto quando é o próprio Harold que arruina o país do Jean com «the happy rate» e outras irregularidades criminosas? O mal tem de ser atacado pela raíz e não remendado com esmolas.

4 de Abril

pra eles, eu como toda a preta,
somos simples prostitutas, caída plos brancos

1 de 1962

brancos

Acabei de ler o «Another Country» de Baldwin. Agora compreendo as mãos dadas do David Allen, o «You are so cute» do Thomas Friedman, os olhares bestiais dos canadianos: pra eles, eu como toda a preta, somos simples prostitutas, caída plos brancos. Pra elas, todo o preto morre pra pele clara e «perras boas» delas, ou nas palavras do Edwin, «They think all blacks are so weak».

Será que as ngnetas casadas com os pretos e mulatos pensam assim também? Acho que não. Pra estas, os maridos são posição elevada na sociedade e evidentemente, massas.

Que inferno os brancos fizeram da nossa África! Os brancos castraram a nossa personalidade humana. Apesar de tudo isso não quero vingança: quero só o nosso levantamento, o retorno da nossa dignidade. O castigo deles virá naturalmente da própria parte deles. O preto, pra o ngneta, é um anjo enquanto agir como um bebé e nunca como um indivíduo adulto.

Agora deu na bóia da malta vir-me com apaixonadices. Charlie e Edwin só falam em planos de marriage. Mas se estou velha, ku mbolo iami. Ninguém pode obrigar-me a casar. Ao diabo com os favores e jeitos casamenteiros deles! É estranho que enquanto há aí tanta mulher que faz o que quer com a sua vida, a mim querem fazer ficar que ficara solteira é penoso, vergonhoso ou o diabo. Pra mim é excelente e não há razões pra enforcamento.

52

3 de Maio

Tensão no beach: deixam-me passar ou vão me *refouler*? Suspense: demora depois do sino do embarque; polícia substituído por um homem à paisana. Receio de demorar o olhar sobre o meu cartão de *séjour*; polícia inda no barco já em andamento. Incrível, livre, enfim. 15 minutos de travessia pra a liberdade.

4 de Maio

Chez-nous il n'y a pas de boy

Acabou-se a odisseia principiada em 15/3 de trabalhar no CPRA.

Mas aqui também: «*Tu n'es pas un boy. Tu es un frère. Chez-nous il n'y a pas de boy*» Que grande aldrabão. Cirimoso, mentiroso. É isso que vão fazer em Angola?

5 de Maio

«Eu nunca reparei que a Noémia de Sousa (ela é madrinha do meu filho) não fosse branca. Sempre pensei que era até que vi um retrato dela. Aliás nunca ligo às cores. Se me perguntarem a cor do Viriato, eu nem sei já. Foi assim que eu cresci. Mas estas aqui, são umas racistas: *mundele* pra aqui, *mundele* pra lá. Então se compro fuba no mercado: você também come isso? Um *mundele* a comprar isso? São tão racistas! Deixa falar. Isso vem em 2º plano.

53

7 Maio

«Temos comício? Que merda d'homem esse também... Estas bestas vêm aqui fazer barulho porque lhes batem nos filhos, ele bate no miúdo. Porque hei-de acreditar nelas e não no meu filho? Agora acabou-se: chamem-te mundele e o que quiserem. tu não abres a boca. Não brincas com mais ninguém e não fales com ninguém na vizinhança. Nada mais com estes racistas. Acabou-se, heim?»

«Quem é a mulata que em Luanda não queria fazer-se passar por branca?»

20 de Maio

«Nós andamos a arranjarr balhuuro depois»

Isto é uma hipoteca: comida cara virou refrão. Casa-favor, comida — favor, tudo favor. Vida?

22 de Maio

Choros no Hospital: alguém morreu. Quem chorou quando o Pedrinho morreu? Preciso estudar pra ajudar a luta contra a doença.

27 de Maio

«Lukuku lusukula mukúá»

«Ovoimalline dantes durava 3 meses; agora 3 semanas. Já desisti de comprar leite condensado. Todo o mundo toma cacau agora.»

Que vida cirminosa esta de comer à custa destas portuguesas e mulatas que, ao menor pretexto, no-lo lançam à cara com a maior soberba. Ainda se lhes pudéssemos dizer: «Lukuku lusukula mukúá», mas elas não entendem esta linguagem de desprivilegiado, esta linguagem do pobre.

Quanta humilhação, caramba! Desde a infância passamos de humilhação em humilhação, nem temos a dignidade de viver à nossa própria custa, livres desta merda de favores. TENHO DE VIVER PRA MUDAR TAL SITUAÇÃO. Temos de ser SERES HUMANOS de verdade.

29 de Maio

Morte trágica do Cirilo.

2 de Junho

Quem é mais fácil d'influenciar? O intelectual que lê muito ou o analfabeto que não lê as teorias pra influenciar o preto?

7 de Junho

1. Trabalho activo de consciencialização
 2. Vigilância: dá-la às massas
- «Povo-todo o que luta»

10 de Junho

As flores que a corrente levou Flores n'água.

23 de Junho*Primeira vez assistir desafio de futebol*

Com 25 anos de idade, primeira vez assistir desafio de futebol sentada no estádio. Que beleza! É divertido. Muitas cabeças pretas, camisas de cores vivas (africano não gosta de meio-termo). Muita animação. Foi ótimo.

24 de Junho

E hoje faz um ano que chegou o telegrama de Paris a dizer que o Pedrinho estava muito doente. Este é um dia terrivelmente especial, nunca passa indiferente à nossa dor.

26 de Junho*VITÓRIA OU MORTE*

Dia fatalíssimo. Como é duro separar-se definitivamente dos queridos. A maior veneração que posso dar à memória do PEDRINHO é continuar fincada na luta. Mas tenho de dedicar-me à medicina e fazer o possível pra salvar vidas úteis e jovens como a do Pedrinho que são indispensáveis à luta e ao país. VITÓRIA OU MORTE.

28 de Junho

Chegou telegrama de Accra pedindo urgente representante MPLA. Outra tentação pra abandonar os estudos?

29 de Junho

Contra a insónia:

- 1- Jantar bem, mas levemente
- 2- Nada d'álcool nem estimulantes
- 3- Banho morno
- 4- Nada de fumo no quarto
- 5- Silêncio ou música
- 6- Leitura
- 7- Quarto de cores claras
- 8- Iluminação suave
- 9- Colchão um pouco rijo

30 de Junho

Disseram-me que não vou já pra Ghana porque sou mulher e o Barden não respeita senhoras. Esta discriminação só por causa do meu sexo, revolta-me. Se me apanho fora deste MPLA erudito e masculino, não volto em breve. Oxalá as traduções não faltem pra *chasser* esta inactividade que me desespera.

2 de Julho

Drama da fome:

- Matete de fuba bombó
- Marmelada Maternidade
- Cascas de goiaba na rua
- Uvas do lixo da Briccon

15 de Julho

Não vou estudar na Nigéria por nada deste mundo. Que amaldiha!

16 de Julho

«Amanhã vou sair pra uma missão. Fiquem bem.»

Como as pequeninas coisas podem influir nas grandes. O Bourreau disse-me: «amanhã vou sair pra uma missão. Fiquem bem.» Falou num tom consciante do dever e saudoso também. Impressionou-me muito, só em casa é que me pus a ver melhor a coisa. O Bourreau vai pra uma missão com tanto orgulho e eu ponho o rabo entre as pernas e vou estudar em Ghaná? Há alguma coisa de normal nisto? O que se passa comigo, afinal? Cruzo os braços a tudo isto e vou estudar? Com que cara saio daqui? E que dizer aos presos e aos que estão a sofrer lá dentro? Não, não é possível.

Há o problema da família que moralmente me dá cabo. A morte do PEDRINHO foi a coisa mais besta. Terrível não poder mandar sequer uma agulha aos velhos pais de vez em quando. Tanto sacrifício fizeram e não colhem nada do que semearam? Que vida irónica! Queria tanto que a MAMÃ estivesse aqui pra me orientar. Esta solidão é uma morte lenta e terrível. Está decidido não parto agora: viva ANGOLA e adeus medicina durante este ano escolar. Mas a luta tem que andar e o MPLA melhorar.

Há aqueles que fazem facilmente a «revolução» porque nunca lhes faltam os bifes, o «Le Monde» e os AC. Podem continuar a instrução que tiveram em Portugal, porque podem comprar livros. Nós pra comprar um envelope temos de estar a rogar a este e aquele. Vivemos mas é como se estivéssemos mortos pra as nossas famílias. Cachorra da vida! Vou ficar e continuar a luta por causa do Povo que sofre lá dentro. Não é por esta elite que faz revolução de barriga cheia e no salão. Vou agarrar-me à estenografia, alemão, etc. É preciso estudar sempre. O pior são as massas pra os livros.

24 de Julho

Chegaram os Liãucas.

25 de Julho

Saú o Rocha.

30 de Julho

Morreu o avô. Chegou o Luís.

31 de Julho

Depois da Revolução, gostarei de fazer alguma coisa pra ajudar as pessoas solitárias, crianças principalmente. Deve ser a pior tortura, o estar só, só.

3 de Agosto

Chegou o Savimbi.

4 de Agosto

Disseram-me que sou pessoalista porque sugeri que os moços não visitem sempre o lar de moças.

Saú o Neto

Disseram-me que sou pessoalista porque sugeri que os moços não visitem sempre o lar de moças. A prova de que o sou, é que no lar da Basoko, eu não comia junto às outras. Acredito que não haja fumo sem fogo e, portanto, há verdade nesta acusação. Prometo solenemente a mim mesma submeter-me sem protesto ao regulamento que se estabelecer para aquele lar e a esforçar-me no caminho do altruísmo. Tenho medo d'arranjar complicações lá se eu não for na onda, mas vai ser um bom exercício de democracia e aceitar e respeitar o que convém à maioria. Oxalá não haja bagunça e me mandem depois à fronteira. Talvez não seja mau ser um bocado individual, mas sem chegar a individualista. Vou esforçar-me.

7 de Agosto

Luta económica
Luta pra melhorar o nível de vida do nosso Povo
Reforma agrária
Industrialização
Educação Nacional
Transformação em regime democrático.

8 de Agosto

A solidariedade é vida, mas é preciso temperá-la com a verdade e a justiça.

Eu daria tudo pra controlar-me e falar o mínimo possível e só quando necessário mesmo. Os meus males são: individualismo e falatório. E quando se fala demais é impossível aceitar ou ficar imune. A partir d'hoje prometo esforçar-me por não falar demais: cantarolar quando a tentação for muito forte. Outra coisa: não deixar-me levar por palavrinhas de ninguém, ofertas, parentesco ou panelinhas. A solidariedade é vida, mas é preciso temperá-la com a verdade e a justiça. E quando precisar de desabafar, fazer exactamente isto: assentar tudo num papel. Não parlapatar com ninguém. É tempo de eu ser adulta de verdade. *Mbambe nga kuka.*

17 de Agosto

Bagunça com Mariazinha. Chauce! Tudo por causa do falatório.

18 de Agosto

«Vas-y, não. Allez-y. Não me conheces de nenhum lado».

19 de Agosto

«Se a Isabel vier...
A D. Maria vai sair!!»

20 de Agosto

*A luta não acaba. A vida é luta.
Tudo é luta, afinal.*

Quando olho pra a foto do Roberto preso e do resto da família naquele beco sem saída, não tenho coragem nenhuma de me afastar da luta pra continuar os estudos. Não sei. Continuo no ar. Mas a luta só acaba com o nosso esforço contínuo. Aliás, a luta não acaba. A vida é luta. Tudo é luta, afinal.

24 de Agosto

Chegaram Kalundungo, Mendonça, Sr. Alexandre.

25 de Agosto

Saú Savimbi.

28 de Agosto

Apesar dos choques, cautela pra não criar incompatibilidades nem ter compaixão de mim mesma. O que interessa mesmo é só avançar a luta d'Angola. O resto não tem importância e não devo ligar a tudo. Basta de chatices.

30 de Agosto

Saú o Luís.

1 de Setembro

Substituta da mãe
Segurança
Compreensão, indulgência
Verdadeira companhia

2 de Setembro

Saíram Daniel, Barros e Ciel.

5 de Setembro

Mudanças. Se o ter cultura e dinheiro faz gente desta espécie, não quero nunca tê-los.

11 de Setembro

O que faz a diferença entre os pretos e não-pretos não é a cor da pele.

O belga Bossier tem razão: o que faz a diferença entre os pretos e não-pretos não é a cor da pele. São as facilidades, o bem-estar, os privilégios, a vida confortável e fácil de burguês. É contra isto que devemos estar alerta. Oxalá eu nunca seja rica nem tenha uma vida confortável demais. Ser médica pra ajudar o meu povo a ter um corpo são capaz de alojara uma mente alerta ao facto de serem humanos com a dignidade de ganhar o seu pão diário em vez de rogar isto mais aquilo a este ou aquele e deixar-se explorar.

12 de Setembro

*O erro não está na cor da pele.
O mal está nesta podridão social e económica,
no bem-estar, no conforto burguês*

Chegou notícia: Chipenda e Ciel presos. «Alarmação», porque «vão ser entregues aos tugas». Nesta casa o Gilberto é tratado por «rapaz» como se não tivesse nome. E eu não posso com este termo. Faz-me tanto lembrar o «boy» estúpido do racista

Yankee... Estes ares patronais e indelicadezas ficam tão mal às senhoras, ainda mais em frente de crianças. E que conversa ao almoço!... Depois dizem que as mulheres é que são cozidas e assadas. O Bossier tem razão: o erro não está na cor da pele. O mal está nesta podridão social e económica, no bem-estar, no conforto burguês. Oxalá mude de casa em breve. Dissertam que o Necongo está preso em Léo desde o dia 10.

17 de Setembro

Ainda bem que a vida para uma mulher não depende do casamento e este não é só carinhos e beijos. A vida, o casamento é uma luta constante com momentos de fogo e de repouso.

Escândalo Ferro-e-Aço no bureau: que eu não sabia nada. Durante estes dois anos fingi que sabia muita coisa, mas quando vier quem sabe mais, vou ser descoberta de que não sei nada. *que eu sei* Que sou mulher e não valho nada fisicamente, etc. Parta disto chamei-lhe estúpido, mas logo descobri que cheirava a álcool. Era tarde. Que era mais esperto do que eu porque já em Léo tinha me feito capitular, quando das confusões do Matias, que eu não merecia estar na Secretaria por estar envolvida no complot que ia derrubar o Movimento e dar cabo do trabalho dele. Que não admira eu — que cheiro a não sei quê — chamar-lhe estúpido. Que fosse à merda e chamasse estúpido ao meu pai e à minha mãe. Que me partia a cara, etc... etc...

Naturalmente o pior de tudo foi envolver os meus pais. Fiquei daquele jeito... Esta barraca do Ferro-e-Aço encoraja-me ainda mais a lutar pela libertação de Angola; só não sei se vou continuar a fazê-lo aqui depois de Agosto de 1965. Não sei. Esta Revolução custa-nos tão caro! O pior é sujeitar-me a isto tudo sem a orientação e a compreensão dos meus Pais. Isto é que me mata e me vai fazer abalar. Mas devo trabalhar dia e noite para ajudar os desajustados sociais como o Ferro-e-Aço, os patricios menos instruídos para quem a mulher é só sexo, é parlapeiteira, é criança que não amadrece nunca, uma criança com eterna sede de carinhos, de apalpadelas, de beijos e abraços.

Ainda bem que a vida para uma mulher não depende do casamento e este não é só carinhos e beijos. A vida, o casamento é uma luta constante com momentos de fogo e de repouso. Mas no fundo, dou razão ao Ferro-e-Aço. A culpa foi minha, pois não devia ter respondido a nenhuma das provocações dele. Esta falta de controle no papo é que vai dar cabo da minha vida qualquer dia. Preciso manter-me serena e evitar a todo o preço falar sem que seja estritamente, necessário. Não fui ao jantar da Ia. Mãe e Papá perdoem-me por esta desoura. Tenho de melhorar.

18 de Setembro

A vida é difícil, mas tenho de aprender a vivê-la e apreciar a sua positividade

Chegaram 11 camaradas que acabaram os estudos na Europa. É preciso avançar. A luta tem de marchar. O resto é bastante secundário, preciso de adaptar-me a todo o género de pessoas, principalmente das sensíveis e das agressivas pois estas últimas fazem-me perder os estribalhos muito facilmente.

Será que esta vida da Revolução vai obrigar-me a procurar marido qualquer dia? É necessário isso?

Não. O que preciso é de firmeza, diminuir o falatório e cortar a paciência e confiança aos camaradas. Compreendo a camaradagem sim, mas em certos limites. A vida é difícil, mas tenho de aprender a vivê-la e apreciar a sua positividade à medida que procuro melhorar porque talvez a Pátria precise de mim.

19 de Setembro

Embarque da Ia. «Na gente que tem amor é triste a separação.»

22 de Setembro

Chegaram do front as camaradas da delegação da OMA (Carmelito e Catarina), Lúcio, Carreira, Veríssimo, Paiva.

23 de Setembro

Nossa mala é cem por cento fixe

Partiu pra Accra o Sr. Mário de Andrade (E.A.). Até às 2 e tal da manhã farrá no Faignon com os seus compadres.

Desde 19 que virámos «verdadeiramente escrava da máquina» com os memorandos para o dia 29. Trabalho em casa segundo insistência do Sr. M. Andrade e companhia.

Ficámos a ouvir o Lúcio durante quase 2 horas sobre várias facetas do trabalho na área donde vem. Nossa mala é cem por cento fixe (mesmo com os cães amestrados que os portugas estão a lançar na pista dos nossos guerrilheiros). Parece que a OMA tem que entrar em acção a sério, agora. Vamos ver as sugestões do relatório das 2 camaradas. Chipenda e Ciel condenados a 4 meses de trabalhos forçados na Rodésia - Zâmbia. Que desgraça! Mas tenho quase a certeza que não vão cumprir essa sentença se cá fora nos mexermos. Oxalá saiam de lá são e salvos e a lição sirva para todos nós. É dura a aprendizagem.

27 de Setembro

...a luta também é uma Escola.
 E não é de todo impossível conseguir livros
 e ir estudando sozinha no maguis,
 nos centros ou onde a luta me levar
 para não ficar muito atrás de tudo.
 Enfim, os dois lados são necessários:
 lutar e estudar.

Junqueira, Brica e Paiva mais velho passaram a tarde a ouvir discos em casa da Mariazinha. O Junqueira referiu-se à vontade do Condessa, Rangel, Quito e ele próprio de continuar os estudos daqui a dois anos. Esse é também o meu desejo mas, solenemente, ANGOLA lá de dentro está em primeiro, primeiríssimo lugar. Enquanto o Movimento, a nossa luta precisar de mim, ou melhor puder aproveitar-me, não vou insistir mais nesta questão dos estudos. É verdade que preciso preparar-me para o futuro, mas também é verdade que o futuro depende muito da libertação do País. Depois há a delicadíssima questão da família que dia a dia sofre a humilhação, a sova, ameaça e tudo mais dos portugueses. Eu, Deolinda, não posso abandonar a minha família. Não posso abandonar a luta que vai acabar com a miséria que os meus pais, irmã e família e irmãos, etc., estão a sofrer. E depois da família vêm os Camaradas do Processo dos 50: Noé, Ti Nobre, Mino, Carvalho, Pascoais e outros. Nós desafiámos juntos a Pide, trabalhámos juntos na clandestinidade lá. Agora que tenho sorte de estar cá fora com possibilidades de lutar melhor, vou abandonar a luta, única chance de melhorar a vida desses Camaradas da primeira hora

da clandestinidade? Não. Eu, Deolinda, não posso fazer isso.

É certo que o mundo evolui. As condições duma ANGOLA LIVRE vão exigir uma Deolinda preparada para servir o País nessa fase nova. E verdade. Depois há o perigo de intelectuais de passado burguês, desonestos e soi-disant revolucionários, substituírem os portugueses numa Angola independente por estarem intelectualmente mais preparados que nós. É verdade isso também. Mas a luta também é uma Escola. E não é de todo impossível conseguir livros e ir estudando sozinha no maguis, nos centros ou onde a luta me levar para não ficar muito atrás de tudo. Enfim, os dois lados são necessários: lutar e estudar. Vou tratar de conciliá-los e manobrar os dois ao mesmo tempo. Mas entre afastar-me da luta pra estudar no estrangeiro e ficar cá devotada 24 horas por dia à luta ao mesmo tempo que aproveito as «horas vagas» que milagrosamente conseguir, ESCOLHO ficar cá empenhada directamente na luta. E não é por ninguém que faço isto. É pela minha FAMÍLIA, é por ANGOLA simplesmente que tomo esta decisão. Porque, afinal, se resolvermos quase todos os quadros actuais ir estudar lá fora, quem vai conduzir a luta, até os quadros novos voltar e rodarem? É bom que alguns vão estudar, sem dúvida. Precisamos mesmo de mandar centenas de estudantes por ano para estudar. E francamente, também gostaria de ter essa sorte, porque não sei se alguma coisa neste mundo será capaz de matar esta minha paixão pela

MEDICINA. Mas também é necessário que outros aguentem o trabalho. Se mais tarde, depois da volta doutros quadros houver oportunidade e a minha vez chegar para realizar o meu sonho de servir ANGOLA LIVRE como médica, é com alegria que irei então continuar os meus estudos. Mas até lá fico a prestar trabalho onde a luta EXIGIR. Bem, deixa-me ir ajudar na louça e no jantar.

29 de Setembro

Na casa da OMA, vou aprender a respeitar o gosto, a opinião das outras; ser amiga de todas; falar pouco, cantar bastante e sorrir muito

Hoje ou amanhã devo mudar de casa. Estou excitadíssima: ansiedade de fazer parte da onda e medo de arranjar bagunça. Acima de tudo, na casa da OMA, vou aprender a respeitar o gosto, a opinião das outras; ser amiga de todas; falar pouco, cantar bastante e sorrir muito. Uma das companheiras tem receio de mim e evita-me por eu ser mandona, ter a mania de dar ordens e não saber cozinhar. Consciente de espantar as companheiras nesses pontos, vou esforçar-me por não ser nada disso. E aceito esta aprendizagem-desafio com muito gosto. MAMÃ, ajuda-me a não viver em conflitos com as outras, a não ser motivo de vergonha para ti e sobretudo não ser prejudicial à REVOLUÇÃO.

Há o boato de os Matisas abrirem um Escritório cá. Que chateice! Mas é preciso manter a calma. Unir-nos

mais como Organização e dar mais duro, limando as nossas arestas com compreensão e AMIZADE.

1 de Outubro

Mudámos para a casa da OMA. Mamãzinha dá-me juízo para não falar demais, ser amiga de todas, não fazer encarencas. De noite, veio o Baya e tivemos discussão acesa sobre o Damson. Acalorei-me demais nesta discussão. Falta-me muita calma. Que chateice.

2 de Outubro

Chegaram Rangêl, Condessa, Timóteo, Medeiros e Gilberto. Estes três últimos, mais o Brica e o Paiva comem em nossa casa; um grupinho razoável.

3 de Outubro

Saíram Azevedo e Eduardo. Oxalá a OUA não nos deixe cair no Cairo, embora lá esteja o Viri.

7 de Outubro

Reunião de trabalhos da OMA em nossa casa; parece que a Mariázinha gostou desta. Ainda bem. Jogámos as damas. O Timóteo está impossível de preguiçoso. Escrevi à Wilma e Marise. Falei demais.

8 de Outubro

Chegou o Benedito que passa também a comer conosco. Diz que o Carlos Rocha deve chegar hoje e o Hugo no dia 20 para trabalharem. O Paiva diz que, qualquer dia, até o Viri volta. Depois de uma semana de vida nova nesta casa, o *bilan* da minha atitude aqui não é 100% mau. Ainda não houve zangas (oxalá nunca haja) e parece que estou a respeitar a opinião das outras. Acontece apenas que ainda estou a falar demais.

Um grupo do Comité Afro-Asiático visitou o nosso bureau.

De noite, Anlbais, Condessa, Benigno, Junqueira e eu fomos ao aeroporto buscar o Rocha. Que lata! Estes intelectuais!...

9 de Outubro

Dia D para o MPLA: começa o confronto no Cairo

16 de Outubro

Azevedo chegou do Cairo: coisas a nosso favor. Holden recusou confronto e prometeu colaborar com o Comité dos três no Congo. Viri falou com Mário: esquecer tudo, reconciliação é o remédio.

Fomos ao aeroporto despedir Lizi e a Carneiro. Azevedo chegou do Cairo: coisas a nosso favor. Holden recusou confronto e prometeu colaborar com

72

o Comité dos três no Congo. Viri falou com Mário: esquecer tudo, reconciliação é o remédio. Querem pôr bureau neste lado. A malta diz que virei uma boa papista e é verdade. Quero controlar-me Mas ainda não estou a fazê-lo como devo. Com vontade, posso fazer melhor e vou consegui-lo. Devo falar, mas tudo o que é demais não presta. Mamã, Mamã, inspira-me e ajuda-me a não falar demais.

19 de Outubro

Reunião da JMPLA. Brica tem intervenções que me fazem lembrar muito os Zé Miguel. Combinada reorganização da JMPLA.

20 de Outubro

Parece que pela primeira vez estou a controlar-me de verdade quanto ao falarório. Hoje estou mesmo equilibrada neste sentido. Oxalá me mantenha.

22 de Outubro

Os favores são dívidas, dívidas que diminuem a dignidade de quem recebe.

Chegou Hugo e família; trouxeram um transistor para mim. Os favores são dívidas, dívidas que diminuem a dignidade de quem recebe.

O Neto não veio. Oxalá não lhe tenha acontecido nada. Disseram-me que falo demais. Bom, já melhorei um pouco, mas ainda a minha língua é solta demais. Como domino-me muito

73

vagarosamente, talvez o melhor seja isolar-me um pouco mais dos outros para evitar falatórios.

Também a Salette achou-me impaciente demais e reflona. Sei que estou fraca nesse sentido também. Estou com um *carácter irado* com por cento de solteirona. Mas também há solteironas calmas e posso ser uma delas. Vou esforçar-me mais.

para a Salette

23 de Outubro

Fazem muitas perguntas e o Brica é céptico quanto às matanças da UPA.

Reunião da JMR.A: ponto n.º 1 voltou à baila o caso da malta estudante na Checo: o Bires esteve ausente. Ele parece ser o Zé Miguel dos 4, o Brica é o Borges, o Paiva é um Amaro muito mais compreensivo, sincero e desejoso de fazer a coisa avançar mesmo e o Simão deve ser o Santos do «grupinho». Parece que esta fase é necessária à vida deles.

O Brica diz que está arrependido de ter vindo; foi ilusão de pensar que a luta aqui estava já muito avançada. O plano dele é continuar os estudos daqui a dois anos: medicina na Europa. Perguntou pelas bolsas da UGEAN, talvez se candidate.

Brica e Paiva querem saber as possibilidades de chegarem clandestinamente a Luanda. Parece que isso também entra nos planos deles ou então não sabem o que querem. Fazem muitas perguntas e o Brica é céptico quanto às matanças da UPA.

Preciso de ter muito cuidado, evitar papos com eles.

24 de Outubro

De tarde, Abílio deu barraca porque aproveitei o carro que devia levar o camarada André Santana ferido no maguís. Mantive-me calma, mas desanima-me bastante estes arranques injustos dos camaradas. Se o Ferro-e-Aço e o Abílio são desequilibrados sociais a culpa não é minha, não.

25 de Outubro

O Benedito diz que se eu fosse irmã dele, dar-me-ia como esposa ao Zé Mendes ou ao Joaquim Cardoso. E que devo casar-me já para inocular nos filhos o que sei;

Chegou o Neto, finalmente. Que bom!

Deitada no quarto, ouvi D. Catarina, Benedito e Paiva comentarem sobre a minha pessoa. Parece que a Sra. é minha fã e gosta muito de mim. O Benedito diz que se eu fosse irmã dele, dar-me-ia como esposa ao Zé Mendes ou ao Joaquim Cardoso. E que devo casar-me já para inocular nos filhos o que sei; não devo casar-me aos 30 ou 40 anos porque então já não se ensina nada aos filhos.

26 de Outubro

Com o Cadete arrumei que o camarada Santana durma cá, se houver outro colchão para mim na sala porque a D. Catarina está a tossir demais e não deixa dormir. Ele resolveu tirar daqui o Santana «para não

comprar outro colchão». Tenho remorsos disso porque o camarada deve estar muito mal instalado lá. Que me perdoe.

29 de Outubro

Chegou Isaac.

30 de Outubro

Saíram Neto, Simão, Brita e Azevedo. Chegaram três de Ghana. Comité da OUA.

31 de Outubro

Saíram Santana e Lologé para o front D. Melo, Carreira e Ferreira. Chegou o Chale do Comité dos 9.

1 de Novembro

Os Africanos nunca consideram os mulatos como representantes do povo angolano por causa do seu passado privilegiado.

Às 21 horas o Baya veio avisar-nos que o Chale almoça moambada aqui amanhã. Começou a desabafar: ausência inoportuna do Neto; Eduardo explicou ao Chale que a revolução começou nas cidades (intelectuais) e daí espalhou-se ao povo. «Onde se viu isto? O povo que sofre é que se levanta. Isto dá vontade de a gente ir e não voltar mais». Não sei onde isto vai ter sem o Neto nem

Azevedo cá nesta altura. Os Africanos nunca consideram os mulatos como representantes do povo angolano por causa do seu passado privilegiado. E só quem é avestruz (esconde a cabeça na areia e deixa o bolido do resto do corpo à mostra) não aceita esta verdade ou considera isto racismo. Vamos ver o tal almoço e fatorialório amanhã. A D. Cata já está a preparar o seu papo em kimbundu. O Baya ficou zangado porque falei-lhe sem abrir a janela. Que sabia que era incorrecção porque estava de passagem.

2 de Novembro

Chale almoçou em casa da OMA. Parece razoável, mas não acredito nestes reacções. Diz que eu devia ser secretária dele em Dar-es-Salam. Filho da mãe. Respondi-lhe que se-lo-ia se ajudassem o MPLA.

Prometo a mim mesma não tornar a perguntar nem insistir sobre a minha ida à fronteira. Eu própria já me enchi as medidas. Nem falar frequentemente sobre o Zeca ou N'ic. Se for à fronteira, está bem; se não for, paciência e está bem também. O importante é trabalhar aqui ou lá. Combinado, combinadinho: não voltar a falar em fronteira. Mamãzinha, ajude-me a lembrar-me disso sempre.

O vizinho está a bater na mulher. Há exactamente um mês e um dia que ele fez isto. A pobre só grita, não se defende. Os outros vizinhos riem-se do medo dela. E tão revoltante isto tudo!

W. C. ...

5 de Novembro

...estou feliz da vida por esta esperança de continuar os meus estudos. Nada pode impedir-me de ajudar o meu Povo como

médica, a não ser a morte.

Nada de distrações ou castelos no ar: em primeiro lugar a medicina. Casamento sem bases seguras é um crime.

Chegou carta da ONU: bolsa de estudos disponível, mas em Lagos, a partir de Janeiro de 1965. Prontos a tratar viagem, etc. Tenho de responder adiantado, em princípio para o ano que vem.

Oxalá me mandem os livros para eu ir estudando aqui e matriculem-me em Ghana!

Bestas dos portugues: uma pessoa com tamanha sorte e não poder aproveitar esta! Esta lufá que estragou tudo. Temos de levá-la até ao fim de qualquer jeito. No fundo estou feliz da vida por esta esperança de continuar os meus estudos. Nada pode impedir-me de ajudar o meu Povo como médica, a não ser a morte. Nada de distrações ou castelos no ar: em primeiro lugar a medicina. Casamento sem bases seguras é um crime. Aliás com esta guerra não pode haver nenhuma boda. Para frente é o caminho! Chegaram Neto e família.

6 de Novembro

Um tal Neto que foi do MPLA e fez trifulha de dinheiro no Kongolo

Um tal Neto que foi do MPLA e fez trifulha de dinheiro no Kongolo, deu barraca em frente ao bureau à moda do Ferro-e-Aço e Abílio. E quis envolver-me na maka dele. Como isto põe o meu ânimo em baixo! Não sei bem como ultrapassar tudo isto.

Salete e família jantaram connosco. Diz que entre os militantes cá está um ambiente horrível de intriga. E é verdade.

7 de Novembro

A música tem me distraído muito e como amanhã retomo as lições e a ginástica, espero ultrapassar esta solidão.

D. Joaquina que ficou a substituir a Zizi recusou-se a presidir a reunião e levantou o problema de lhe terem dito «estão a preparar a tua cama na OMA» e deu barraca por isso. Criou um ambiente de muito desânimo. Estou com vontade de desaparecer para sempre! É que num ambiente destes a gente não pode desabafar com ninguém para evitar mlongá. A música tem-me distraído muito e como amanhã retomo as lições e a ginástica, espero ultrapassar esta solidão.

A Jenny perguntou à D. Catarina: «mora com a Deolinda? E dão-se bem? Deve ficar espantadíssima com a resposta da Sr.ª: «muito bem mesmo.»

Chegou notícia Chipenda e Ciel foram soltos. Ótimo. Oxalá organizem o trabalho lá agora. O vizinho comprou um valente rádio que maneja num tom ensurdecedor. É muito aborrecido principalmente de manhã e de noite. Hugo e família voltaram a ACCRA.

10 de Novembro

On ne gagne jamais rien à fermer les yeux aux réalités si déplaisantes qu'elles puissent apparaître. Tôt ou tard, les réalités prennent leur revanche.

17 de Novembro

Zizi e Carneiro vieram da Europa.

19 de Novembro

Baya partiu. Chipenda e Ciel chegaram.

20 de Novembro

Melo e Eduardo seguiram para Tanganica. Santana, Pimentel, Zola, etc. vieram do front.

21 de Novembro

António fez uma proclamação ao nosso Povo na R. N. Congoleza. Escrevo ao Brica sobre o gira-discos que está lento. Preciso de prestar atenção em casa. dimoxi diami a desabafar só no Diário. Mamã ajuda-me: nada de falatórios.

24 de Novembro

*Porquê esta tendência de crer que
uma mulher intelectual
não sabe mexer uma agulha,
uma colher, uma vassoura, etc?*

Até aqui fiquei calada, mas não sei o que me deu, falei sobre as refeições (fazer só almoço) e comprar o que nos falta (como Palmolive, OMO): resultado - a camarada Carneiro diz que cozinha nesta semana e depois cozinha outra. Não sei como aceitar esta indispensabilidade dela na cozinha. Porquê esta tendência de crer que uma mulher intelectual não sabe mexer uma agulha, uma colher, uma vassoura, etc? A camarada diz que está farta disto e que quer só arrumar a situação das filhas.

Mamã, favor ajudar-me a estar mais calada do que hoje. Preciso de evitar barracas e incidentes desagradáveis. Já tenho uma fama-desgraçada de mandona e b-a-s-t-a-m-e!

Explicar que as dificuldades provêm da opressão exercida pelos portugueses e pelos ricos. Indignar-se com a injustiça da sua sorte. Porque devem os donos da terra e os pobres ter uma vida tão dura? Porquê devem trabalhar como bestas durante toda a sua vida?

- 1) - dedicar toda a vida ao serviço dos pobres
- 2) - enfrentar juntos o perigo e obedecer com presteza todas as ordens
- 3) - pagar as contribuições
- 4) - não revelar os segredos a estranhos ao Partido, sejam pais, mulher ou filhos.

6 de Dezembro

Domingo no Miradouro, como há sete dias: ar calmo, céu muito límpido e azul. Que P-A-Z! Mas não posso apreciar tudo isto com calma: há comunicados e mensagens a traduzir que nunca mais acabam. Doem-me as costas e sinto-me bastante cansada. Mas há que aguentar.

7 de Dezembro

Muito que fazer!

8 de Dezembro

Partida para a fronteira

Partida para a fronteira. Preciso bem de dois dias de praia em Ponta-Negra. Vamos lá a ver se isto é factível.

22 de Dezembro

As 3 e tal a patrulha portuguesa veio até perto da escola

Primeiro dia de aulas em Ilupanga: 18 alunos. Os adultos ficaram para as 3 horas. Ao meio-dia e tal, morreu uma pequena refugiada e assim a aula da tarde foi ao ar. Às 3 e tal a patrulha portuguesa veio até perto da escola: povo atrapalhado, guerrilheiros hesitantes e vagarosos. Tememos pelos camaradas que estão no interior (nas matas), possibilidade dos tugas os cercar. Que impressão: mulheres correndo com as ikumba, crianças cheias

de medo, adultos descontrolados! A guerra, que negócio! Quatro camaradas montaram a guarda no carinho, mas já os tugas deviam estar longe. Hassan foi buscar reforço em Dolisie. Veio o Kiki.

Num momento destes os camaradas travam discussões chatas: falta de carro, a quem a luta pertence, falta de comida, etc. Tenho de evitar intrrometer-me em questões militares.

23 de Dezembro

As crianças todas querem aula duas vezes ao dia

Noite passada quase em claro; expectativa dos tugas. A aula das 8 e 30 foi bem. Os adultos querem sempre cumprimentar e conversar atrapalhando a aula. As crianças todas querem aula duas vezes ao dia, como na escola congolosa. A aula da tarde foi melhor: 8 adolescentes. É animador notar que, entre todos os alunos só há 3 rapazes no J. K. O resto é tudo menina. Continua a expectativa em relação ao tuga que está a agir com um método novo: nenhum tiro dispararam e ainda não regressaram. A malta ignora o que os tugas estão a tramar: cerco? Bombardeio ou quê? Este vai ser um Natal do kilé. Desde ontem não consigo conformar-me e ouvir a emissora oficial dos tugas. Chegou Ingo. A sanzala está animada de tarde, talvez por causa do Natal que se aproxima.

As 19 e 30 chegaram os nossos guerrilheiros a cantar. 3 carros com soldados portugueses foram ao ar. Que alívio! Mas 5 dos nossos ficaram perdidos na

mata. Esperamos que voltem ao lugar amanhã (Tiro, Kiki, Tuluia, um novo e não me lembro do outro).

Oxalá apareçam!!!

O «Angola Combatente», dedicado às famílias dos presos foi bom, sentimental, mas ao mesmo tempo encorajador.

24 de Dezembro

A fome está a tomar-se aguda entre os nossos guerrilheiros. Dos desaparecidos faltam o Tiro e o Tuluia. Parece que os tugas estão muito preocupados: passaram o dia a bazookar para apanharem os cadáveres. Danças na sanzala, mas só mulheres e crianças.

25 de Dezembro

Ouvi música do dia. Continuamos apreensivos com a ausência do Tiro e Tuluia. Natal de fome para os nossos guerrilheiros. Que situação! Eles perdem o controle todo com a falta de comida e tabaco. Dancei com os aldeões.

26 de Dezembro

Apareceu o Tiro, de tarde. Emagreceu. Teve uma aventura danada com cobra, pendurar-se em cordas e orientou-se pelas montanhas. Agora falta o Tuluia. A fome é quase total entre os guerrilheiros! Que vontade de desaparecer da circulação.

30 de Dezembro

A fome, a insegurança e a situação em geral fazem descartilar os nossos guerrilheiros cada vez mais reclamantes e exigentes

Há uma semana que o Tuluia desapareceu. A malta está na balança sem saber se está ferido e impossibilitado de andar ou se foi caçado pelos tugas e estão a preparar o cerco.

A fome, a insegurança e a situação em geral fazem descartilar os nossos guerrilheiros cada vez mais reclamantes e exigentes. Coitados! O que me desgosta e revolta é a atitude deles sexual demais para com as mocinhas do povo: começam logo a apalpá-las. Parece que assim estão a mobilizar o povo ao contrário.

31 de Dezembro

*Já virei também esfomeada
Os guerrilheiros já são heróis de verdade:
ir ao combate com fome não é negócio para todos*

Há quase uma semana que não matabicho e hoje o almoço foi (com bastante sorte) um ovo frito e um pedaço de kikuanga. Já virei também esfomeada e não convidei ninguém para este almoço. Ontem fiz feijão de moamba mas valeram-me os comprimidos de carvão. De tarde valeu-me a chuva porque dia a dia sinto-me com menos capacidade de ensinar em jejum. Mas assim posso avaliar melhor a luta destas crianças que crescem neste ambiente de fome.

Os guerrilheiros já são heróis de verdade: ir ao combate com fome não é negócio para todos (e o Tiro que o diga).
 Não sei como estão os outros em Nganda, Kimongo e Pangí.

1965



1 de Janeiro

*Como a fome tira o tu do indivíduo
 e faz desrespeitar os outros!...
 O filho do vizinho é um amor:
 canta, fala, brinca. Até a chorar tem toda a graça!*

O comed beef do jantar fez-me acordar cedo com valente diarreia. Não sei o que aconteceria se a Zizi não me munisse destes comprimidos de carvão. O dono da mangueira da frente sacudi-a e caíram muitas mangas, mas correu com as Crianças que se aproximavam.
 Desencorajada pelos gritos dele, fechei a janela. Quem me dera uma mangueira!
 Vieram os três ovos encomendados em Nganda e fiz omelete do resto do danado comed beef.
 Um avião portuga sobrevoou perto da sanzala. O povo alvorçou-se.
 Como ontem. Há falscas e trovões de desorientar e sopra uma ventania gelada. Gelo toda neste «Monte

dos Vendavais» todo esburacado. O pior é que tenho de fechar o rádio.

Como a fome tira o utu do indivíduo e faz desrespeitar os outros!... As pessoas adultas que vêm visitar-me no quarto só olham para a panela e o cesto: procuram comida e coitados, sonham com peiscos. Não se lhes passa pela cabeça o facto de haver moambada e feijão na panela e bananas e kikuanga no cesto. Elas tresandam a uma catianga tão forte e querem mexer em tudo. Pena termos de ser um pouco duros para com eles.

O filho do vizinho é um amor: canta, fala, brinca. Até a chorar tem toda a graça! Que inveja me traz e como faz-me feliz da vida ouvi-lo e estar perto dele!

2 de Janeiro

O carro vai amanhã a Dolisie. Todos nós esperamos comida; o pior é se não vem nada.

De tarde como é moda ultimamente choveu e esfriou. Depois houve um pôr-de-sol maravilhoso. O dourado brilhante manteve-se entre duas montanhas durante muito tempo e fiquei a admirá-lo da janela do «Monte dos Vendavais». Tenho de começar a pintar para gravar estas belezas da África! Quem disse «*I hate to see the evening sun go down*» talvez nunca tivesse visto disto. O carro vai amanhã a Dolisie. Todos nós esperamos comida; o pior é se não vem nada.

3 de Janeiro

Rádio-Congo transmitiu uma face inteira do long-playing dos Golden Gate. Senti-me simplesmente «great» e muito feliz da vida.

Grande surpresa às 6.40: rádio-Congo transmitiu uma face inteira do long-playing dos Golden Gate. Senti-me simplesmente «great» e muito feliz da vida.

Como a kikuanga e as bananas verdes estão quase no fim, alinhiei-me ao arroz dos rapazes que saltaram ferozmente sobre os restos do feijão e a jingubita que o pequeno Afonso («*eh, uma nguba*») deu. Dizem que o carro só deve voltar amanhã ou depois. Até lá, estamos fritos.

O povo bateu e dançou outra vez pelas ruas e veio à nossa porta, mas não sai. Sei que estou a isolar-me muito, mas não me agrada nada esta folia numa situação séria (falta de comida, disciplina firme entre os pacaceiros e os manos etc., a paragem da luta, o desaparecimento do Tuhula, o prosseguimento dos meus estudos, o mistério sobre a família na terra, etc.)

4 de Janeiro

Ao meio-dia a fome foi mais forte e galgámos três quilómetros num abrir e fechar d'olhos para caçar mangas que foram o almoço e jantar.

De manhã ainda tive os restos da kikuanga com nguba. O professor congelés mandou correr com as nossas crianças que brincavam perto da escola dele.

Revolou-me esta atitude dele da maneira como o fez, porque pode incitar os miúdos congolezes a maltratar as nossas crianças.

Ao meio-dia a fome foi mais forte e galgámos três quilómetros num abrir e fechar d'olhos para caçar mangas que foram o almoço e jantar.

De noite chegou finalmente o carro: a comida vem amanhã no jeepão; Maria Paim chegou e devo abalar já. Apesar da fome e das condições duras gostaria de ficar a trabalhar aqui permanentemente porque há muito que fazer e sem ganharmos este povo a luta vai *tengunhar* longamente.

Ouvi a «Aida» de Verdi até à meia-noite.

Este NIVICO ajuda-me tanto!

14 de Janeiro

«No Movimento cometem-se muitos e muitos erros. A gente continua firme porque sabe que é a única organização capaz de fazer alguma coisa.»

Tem havido muito que fazer desde que cheguei e depois desta semana de Brazza ainda não fui capaz de pegar nos livros e estudar a sério.

Hoje o Paiva mais velho disse: «Em Angola tenho de ser mesmo um burguês. Então se na Revolução já são burgueses, eu é que vou continuar a rasejar?»

O meu pai já não foi burguês e sofreu muito. Eu tenho já de ser diferente do meu pai.»

O Joaquim Cardoso falou assim: «No Movimento cometem-se muitos e muitos erros. A gente continua firme porque sabe que é a única organização capaz

de fazer alguma coisa; de contrário, uma pessoa desanima e deixa a Organização.»

Aida, escura: pano avermelhado por baixo. O de cima tanto pende para o azul claro como para o branco encardido e cruzado em baixo do queixo, passando pela cabeça. Puxa os panos para cima, senta-se no degrau (dobra as mangas). Num gesto rápido tira os sapatos fechados (autêntica moda das regiões fitas) e arregança ainda mais os panos. Mão esquerda a volta dos joelhos; com a direita faz passar na boca um pau seco.

27 de Janeiro

Mamã, ajuda-me a não ficar amuada; a compreender os meus erros e corrigir-me.

Quando já estou arrasca cá volto. Hoje trouxeram-me de volta os exemplares do vocabulário fioteportuguês porque estão com a linguagem dos padres e por aí fora. «A Voz Missionária» voltou porque cheira a imperialismo. Reconheço que não devia ter mandado nada disto, mas assim é que aprendo. Tenho de esforçar-me por fazer todos os trabalhos o melhor possível e o mais revolucionário possível, ainda que dê mais trabalho e leve mais tempo. Outra coisa: tenho de acabar com a correspondência para os Estados Unidos, excepto os angolanos que lá estão. O resto acabou. Por receber «A Voz Missionária» sou capaz de estar já ao serviço do imperialismo. Mas preciso de corrigir os erros,

levantar a cabeça e continuar a marchar, pelo menos fazer o melhor para a Revolução. O que eu não for capaz de fazer, melhor deixar e não meter-me em cavalarias altas. Mamã, ajuda-me a não ficar amuada; a compreender os meus erros e corrigir-me.

31 de Janeiro

Na reunião da OMA para preparação do 4 de Fevereiro, descontrolei-me e chorei.

Na reunião da OMA para preparação do 4 de Fevereiro, descontrolei-me e chorei. A Dona Joaquina despenhou tudo o que tinha reservado: porque as senhoras da OMA que sabem ler, trabalharão no Bureau, escreverem à máquina, desfazem as que não sabem e por aí fora.

Às tantas, ao encorajar as outras para cantarem em kimbundu, entrei em conflito com a Maria Carneiro. Que embrulhada! Vim a pé do Bakongo e passei até às 11 da noite. Que vontade de desaparecer.

4 de Fevereiro

«Quanto mais difícil for a situação, mais preciso de sangue-frio». Nada de despençar logo. Assim faço mal à vida dos outros e à minha mesmo.

Ficou para falar pela OMA a Emília. Às tantas os senhores acharam que não devia ser ela, mas eu. Depois da barraca do domingo, não quero fazer nada sem ser delegada pela reunião para evitar mais embrulhadas. Quase às 3 horas, o Condesse veio e

disse que não podia mais comer porque no salão tudo estava atrasado. As tantas perguntou-me quem ia falar pela OMA; eu — muito infelizmente e não sei por que carga d'água — disse-lhe para perguntar à Maria Carneiro, presidente em exercício. Não podia haver disparate maior. A senhora exaltou-se logo: «Porquê é que eu tenho de responder? Mesmo esta porcaria do 4 de Fevereiro começou antes de eu ficar na presidência.

Já no domingo, logo que apanhaste uma deixa, agarraste-te logo a mim. Hoje começa a mesma coisa. Não quero chatices.» Eu lá fui respondendo e justificando-me o melhor possível. De raiva, pus-me a tremar. Ela berrava dum lado e eu do outro. Acabei por dizer: «Tens toda a razão.» A Charlotte pôs-se a repetir: esta OMA, na reunião — unidas venceremos, unidas venceremos — chega aqui...»

Fomos à sessão solene na Câmara Municipal. Fiz o balanço do que aconteceu esta tarde: até que ponto estou ordinária e nervosa. Por dá cá aquela palha, começo logo a tremar ou a chorar de raiva e gritar. Devo estar a precisar de repouso e tratamento. Mas não posso continuar assim: tenho de aprender, treinar, exercitar a ser calma. «Quanto mais difícil for a situação, mais preciso de sangue-frio». Nada de despençar logo. Assim faço mal à vida dos outros e à minha mesmo.

Para evitar complicações vou evitar de falar à senhora. Não é fácil estando na mesma casa nem decente, mas não sei que mais fazer. Não adianta pedir-lhe desculpas e recomeçar a coisa porque

somos de feito bem diferente e parece que a coisa nunca vai dar certo. Vamos ficar assim por algum tempo e ver como vão as coisas. Ah, ela também disse: «A Sra. Zizi que venha tomar conta da presidência. Eu não fico presidente de coisa nenhuma. Vou largar essa porcaria. Ninguém pode obrigar-me, ninguém vai me amarrar. Eu, danada (eu própria fico admirada da minha vontade de brigar até ao fim), ainda respondi-lhe: «Bomita desculpa para fugir».

Na Câmara, ela não aceitou sentar-se no lugar da presidente. Minha vida, arranjo cada embrulhada! Quando vou parar com esta vida de complicações? Talvez nada disso acontecesse se a Mãã estivesse perto.

5 de Fevereiro

Mamãzinha, ajuda-me, sim? Preciso de calma, OPTIMISMO, ATITUDES CORRECTAS para com todos, DELICADEZA e PACIÊNCIA.

A Sr^a. passou por mim sem dizer água vai. Aceito o desafio. Ah! Ontem na Câmara também embrulhei-me com o Isaac. Mas o que tenho afinal? Vou acabar muito bem se continuar assim.

De noite, cumprimentei calmamente: «Boa noite, camaradas. E o Paiva: «Porquê essa voz tão meiga?» Eu não disse nada, mas devia explicar-lhe que estou a aprender e tenho de ser meiga: a Charlotte voltou ao seu pregação: «Unidos venceremos, unidos

venceremos, mas afinal...esta OMA.» Não é nada agradável estar à mercê de insultos, de piadas, mas é um bom exercício para pôr à prova a minha calma e belicosidade.

Faço ideia o que vai já por aí fora. O necessário é manter-se cada vez mais calma e ver mais o lado positivo dos outros e das situações do que o negativo. Douro modo, vou acabar por ser uma Lilli suíça: rabugenta, belicosa, bruta e injusta para com os outros, o que não desejo de jeito nenhum.

Mamãzinha, ajuda-me, sim? Preciso de calma, OPTIMISMO, ATITUDES CORRECTAS para com todos, DELICADEZA e PACIÊNCIA.

9 de Março

Fizemos perguntas ao Eduardo. Usou chantagem, embrulhamentos, teorias vazias, etc., todo nervoso e esforçado, aparentemente sei lá que espécie de calma, mas não convenceu a malta, coitado

Houve a tal reunião em que fizemos perguntas ao Eduardo. Usou chantagem, embrulhamentos, teorias vazias, etc., todo nervoso e esforçado, aparentemente sei lá que espécie de calma, mas não convenceu da malta, coitado. O único mulato que falou objectivamente foi o Macedo⁴⁷. A certa altura a Míme. atacou-me por estar a falar. Altercámos, interrompendo a reunião durante uns segundos. A D. Olga levou grande parte do tempo a resmungar contra esta e aquela das nossas intervenções, e a Mariázinha não disse um ai. Fiz-lhe ver isso no fim da reunião e ela, secamente: «Está bem».

11 de Março

Estava prevista para hoje a continuação da discussão e alusão à questão dos mulatos, etc. Os mulatos resolveram boicotar a reunião. Estiveram presentes o Carreira e o Macedo.

12 de Março

A D. Olga disse para o Quito: «se vocês querem correr com os mulatos, porquê não dizem abertamente? Onde é que se viu já fazer uma reunião só para discutir a questão dos mulatos?»

O Rangel disse que a mentalidade da D. Olga não merece resposta. E ele tem razão.

13 de Março

Tu falas sempre no colonialismo português para me ferires.

Grande bagunça com a Jenny porque segundo ela, «a malta tem que acabar com este racismo. Tu falas sempre no colonialismo português para me ferires. Não gosto de hipocrisia. Que sejas muito feliz, adaus».

E muita outra coisa relativa com a prisão da Gândara, Hélderes, etc. Comecei com calma, mas no fim vomitei-lhe umas verdades que magoam. Não lamento este incidente: foi proveitoso para ambas. Agora sei melhor onde ponho os pés e onde estão os mulatos e as portuguesas. O Januário assistiu à segunda parte da discussão, a mais violenta.

Só prometo a mim mesma não recommear a ir à casa deste ou daquele. O melhor é ir ao jardim, ao parque. Acima de tudo ler, ler muito.

A Ruth do Lúcio disse que «em Conakry era diferente: todas militavam sem as chatices que há aqui. O Lúcio não quer que vão às recepções aqui.»

14 de Março

Eu estava decidida a participar na reunião de terça-feira, mas agora pergunto-me para quê, se tudo o que se diz é racismo? aqueles que se dizem também nacionalistas e estão cá conosco, compreendam também isso e não se limitem a uma tentativa de sacrifício bem relativo. Este é o meu racismo.

Eu estava decidida a participar na reunião de terça-feira, mas agora pergunto-me para quê, se tudo o que se diz é racismo? Eles estão sempre na defensiva e agarram-se sempre à clareza da pele, única garantia deles sob o regime português.

O fulcro da questão é o desnível económico existente, que traz toda a revolta e humilhação. Não que devamos obter já uma vida completa cá fora, nesta fase. Não. Mas que aqueles que se dizem também nacionalistas e estão cá conosco, compreendam também isso e não se limitem a uma tentativa de sacrifício bem relativo. Este é o meu racismo.

Eu juro a todos os mulatos e portuguesas metidos directa ou indirectamente no MPLA que, tudo o que não contribuir para o bem-estar das massas

angolanas mais exploradas, será combatido por mim com uma força cada vez maior. Mesmo que as piadas da Jenny tenham pegado. Esta coisa de virem com teorias «avanzadas e intencionais» para salvarem a pele não nos convence mais. Quando se vêm perdidos, não há nada que não empreguem para distraírem o preto e aproveitarem da nossa estupidez. Não foi isso que os navegadores e conquistadores portugueses fizeram aos nossos antepassados? Não é isso que os chamados «democratas e progressistas» mulatos e portugueses querem usar para emburhar-nos? Como é que podemos logo admitir-los na intimidade angolana (os portugueses), tê-los na intimidade, enquanto estamos em luta se, como afirmou a Jenny e bem ontem, eles são portugueses acima de tudo? Quem aceita um militante meio ligado e profundamente ao inimigo? Qual a pessoa que ama e conscientemente vê objectivamente e tem a coragem de atacar e denunciar os erros que podem lesar a pessoa amada? Nós não temos ninguém no MPLA com essa coragem moral. Depois dos exemplos da mulher do Lima e do Ferreira, quem nos garante da integridade desses senhores? Os papéis? A vida sacrificada deles rodeada de carros, bifes e leite?

Mas aceito que esse não é o problema essencial, a tarefa mais importante da nossa luta. Eu sei que as massas angolanas são incapazes de exercer vingança. O povo angolano é bom demais. O essencial é dar-lhe a consciência para não se deixar guiar eternamente e contentar-se com as migalhas, as

esmolhas, as palmadinhas dos papás sejam eles brancos ou pretos. O essencial é mobilizar, erguer o nosso Povo e formar quadros saídos das massas populares. Isso sim. Por isso não vou preocupar-me com o ir à reunião de terça-feira. O cume não é a tarefa principal, até porque actualmente não podemos fazer muito para realizar a tão necessária modificação do cume podre do MPLA. Temos é que esclarecer as massas sobre as humilhações e injustiças vividas e trabalharmos todos juntos para modificar a vida em Angola. Nosso Alvo: uma vida decente, digna e abundante em justiça e compreensão para todos os brancos e pretos que compartilhem esse alvo. Os contra-alvo (brancos ou pretos) devem ser afastados, eliminados se preciso. A base tem que ser preparada agora para atingir o cume, esta é uma tarefa urgente.

E é aqui que o meu ânimo desmaia: Angola não tem ainda actualmente o dirigente necessário. O Holden é um escroc: cem por cento, para dizer o menos possível dele. O Neto é muito influenciado pelas teorias charnadas «avanzadas, compreensivas e não sei que mais». Não é política e moralmente virgem. Isto é o que penso. Posso estar errada.

20 de Março

Estive perto do Vog desde 5.30 para assistir «*La Femme de Sable*» às 6.30. Esperei pela Dudú até essa hora, mas nada.

Ao comprar o bilhete reparei que era 400,00 e não 300,00. Tinha 350,00. Onde arranjar os 50,00 que

faltavam? Ainda se a Dudú viesse! Resolvi esperar nada. Não tive coragem de pedir 50,00 a r'importe qui, principalmente aos nguetas. Apareceram apenas dois grunhis: um grunhi que entrou logo. Não tive coragem de aproximar-me. Depois vi uma grunhi num carro, mas acompanhada de dois velhos nguetas. Feito heróico dos portugues, estas amigações, pensei. Não me aproximei. Passou uma ngueta elegante sozinha. Arrependi-me de não ter pedido os 50,00. Comecei a andar em sentido contrário, sem o saber. Dei conta e voltei. O guarda preto dum casa de branco, tinha fechado o portão e afastava-se. Arrependi-me de não ter cravado os 50,00 ao guarda. Esperei mais um bocado pela Dudú. Nada. *I gave up* e tomei o caminho da casa.

As lágrimas vinham-me aos olhos sem qualquer esforço. Senti-me acabada. Sem 50,00! Perder um filme por ser pobre. Ter andado e esperado tanto para assistir o filme e, no fim, voltar sem nada ver. Não conhecer ninguém nesta zona de brancos!... Esta é a vida do pobre, do preto.

Ao passar pelos Correios, alguém chamou-me. Eram os Liahuucas com a criação toda e mais um menininho que o Nendela tinha pela mão. Conte-lhes a minha aflição, o meu impasse. Só 50,00. A Gina disse que tinha em casa. Não podia ser, eu tinha que ver «*La Femme de Sable*». O Liahuca lá desencantou umas moedas. Contou 50,00. Podia ver o filme! Que sorte! Despedi a correr e abalei. A mulher da bilheteira sorriu-me. Contámos as moedas, recebi o bilhete e entrei. Passou ainda um

pedaço de documentário e surgiu «*La Femme de Sable*»: impressionante e profundo. Gigantesco. Momentos depois chegou a Dudú. Pronto: até companhia para casa eu tinha! Que sorte!

Eu gosto das dificuldades, destas aventurinhas que fazem a pessoa transpirar de repente, pensar, dar voltas ao miolo! Sem momentos destes, a vida torna-se insípida e o indivíduo parado de mente! A vida é uma luta: ou o indivíduo aceita o desafio e avança ou lamenta-se durante toda a existência e não faz nada. Eu aceito o desafio!

27 de Março

preferi a vergonha de voltar a Brazza no mesmo dia, sobrecarregada de vint e duas horas de viagem numa poçiga-carruagem do «grande-viesses»

Aventura séria antecostem: saí para Dolisie com uma guia feita por mim própria. Desentendimento lá com Spencer e Chipenda que descarregaram sobre mim os defeitos todos. A mim faz-me bem ouvir esta franqueza de vez em quando. Eles têm razão em dois aspectos: não levei guia e não avisei ao Departamento de O. e Q. sobre esta viagem. Por isso resolvi voltar a Brazza. Eles opuseram-se a esta decisão da minha parte. Mantive-me firme porque não quero originar um mau precedente. Eu não estou em forma devo voltar, isto é que é lógico. Lamento imenso o ter de gastar passagens à toa, mas acho pior ficar ilegalmente. Recusei firmemente o jeito que queriam dar-me depois de me fazer ver que a

minha falta era grave. Aceitar o remediar deles é ser desonesta para comigo própria, é fazer-me excepção. Por isso preferi a vergonha de voltar a Brazza no mesmo dia, sobrecarregada de vinte e duas horas de viagem numa poçilga-carruagem do «grande-viesses». Emagreci e cheguei com olheiras depois de dois dias de jejum: quase, mas no fundo esta experiência fez-me bem: aprendi a ser paciente (não devia ter saído antes de O. e Q. chegar, como disse o Chipenda) e a ser disciplinada (nunca devia ausentar-me sem a guia como está no regulamento). Não sei bem porquê, mas o ambiente que constatei em três horas esmoreceu o meu entusiasmo. E claro quando me decidi a voltar, nada mais pôde deter-me ou convencer-me do contrário.

Enfim, o mal está feito: Agora falta-me sofrer as sanções. Vou esforçar-me por não querer mal a ninguém: a culpa é toda minha porque fui impaciente e indisciplinada.

Lições da viagem:

- 1 - Os seis prisioneiros:
 - O Ximba e o maliano.
 - O ruscito nos meus braços.
 - A carruagem-curtal do «grande-viesses».
 - O aperto.
 - Os Capaches.

4 de Abril

Precisamos inenso de aprofundar e organizar as secções da frente, até porque as massas são a força da organização só os angolanos podem garantir para si mesmo uma vida digna e nunca os portugueses, ainda mesmo que estejam movidos de toda a sua boa vontade", assim também só mesmo as massas podem garantir honesta e constantemente os seus próprios interesses

António saiu para a África Oriental.

Tivemos uma reunião animada da OMA. As mulatas (Mariazinha, Olga, Lucília e Carmem) estão mordidinhas. A D. Olga falou: "A D. Carmem não vem porque há grandes questões. Isto está mal e o movimento já está a cair. Se vocês continuarem assim vão ficar sozinhos. A D. Gina diz sempre que trabalhem. Pois olha, vão ficar a trabalhar sozinhos. Ainda hoje o meu marido esteve a dizer-me para fazer um inventário do que chegou. No dia em que eu quiser sair da OMA entrego tudo: a lista e as coisas. É preciso fazer a unidade de todos. A organização com pouca gente não anda", etc. etc.

A Mariazinha disse ao referir-se à probabilidade de tirarmos o cargo e o voto à Gina: "Deixa lá. Mesmo já somos tão poucas. Ainda se fossemos muitas". A D. Lucília: "Mas queremos libertar a terra ou vir com esta coisa da pele? Por causa de certas coisas, é que não estou disposta a fazer o trabalho". E digo já aqui: vou deixar também de vir às reuniões porque não tenho dinheiro para pagar o maximbombo".

Lembrei-me que nem sempre convém responder à D. Olga. Mas estou a lutar com uma vontade terrível de esclarecer certos pontos.

Precisamos imenso de aprofundar e organizar as secções da fronteira, até porque as massas são a força da organização e não este punhado de heroínas teleguiadas pelos maridos ou amigos aqui em Brazza. Não acredito que, se os mulatos se afastarem, o Movimento vai cair. Quando os intelectuais que estão agora no Norte de África também voaram de Léó, queriam convencer-nos disso. Que tudo ia parar por causa da ausência deles. E o que aconteceu, afinal? A resposta todo o mundo sabe. Ainda não me convenci que os mulatos são indispensáveis. É verdade que todos os quadros são necessários, mas isso não quer dizer que temos de engolir tudo. Há mulatos honestos e outros desonestos como em qualquer comunidade. Compreendo o sentimento de solidariedade que existe entre eles, o que é natural em qualquer agrupamento de minoria. Só não aceito que nos impingam os seus erros como atitudes correctas e justas e que, por qualquer questão, se façam passar por vítimas do nosso racismo. Estou farta de dizer que os pretos não são extra-humanos e o que sofremos na terra não é para esquecer de pé para mão. Se os mulatos queirem nivelamento imediato e desonesto, claro que a malta não aceita. É preciso bastante honestidade e compreensão de parte à parte. Doutro modo, a minoria perderá a não ser que use a política dos portugas, de Verwoerd ou de Ian Smith, o que mesmo assim, chegará já tarde.

Irrita-me constatar que os mulatos sempre quiseram um tratamento especial. Talvez seja uma questão de hábito porque na terra era assim. Mas

isso é que eu não aceito. Ou têm a coragem de aceitar um nivelamento realista ou então não nos enganem.

Estou de acordo que a luta precisa de gente, sim de muita gente, mas discordo que seja de toda a gente. É que entre todos há escumalha que é mesmo forçoso dispensar. Doutro modo, não seria nada esta luta.

Quanto aos que querem sair, que façam viagem excelente. O necessário é politizar e mobilizar as massas. Estou cem por cento certa disto: da mesma maneira que só os angolanos podem garantir para si mesmo uma vida digna e nunca os portugueses, ainda mesmo que estejam movidos de toda a sua boa vontade", assim também só mesmo as massas podem garantir honesta e constantemente os seus próprios interesses. É impossível uma classe ou um grupo defender os interesses doutra classe ou doutro grupo. É natural que haja excepções, mas penso que o normal é assim. Por isso é que a lenga lenga dos missionários são palavras vãs: a realidade prática é outra. Por isso é importante chegar a um acordo digno com os ianques, os portugas, etc.

Até mesmo os progressistas, com o conflito ideológico entre a Urss e a China, dão a impressão de estarem também sempre prontos a fazer capangas, o que me revolta. É a história do eterno paternalismo. Enfim, esta vida é grandíssima de interessante. Às vezes parece mais fácil deixar andar até mesmo porque um indivíduo só não é capaz de mudá-lo de melhorar o necessário. Mas este raciocínio está errado, pelo menos foi assim que a Mamá sempre me ensinou.

Nada de recuar perante as dificuldades, se o caminho tomado é honesto. A verdade triunfa sempre por mais voltas que haja. E eu acredito nisso cem por cento. Por isso, mesmo que houver dez contra eu sozinha, mesmo que as minhas ideias estejam erradas para os outros, se eu achar justo e honesto o meu parecer, não hesito em expô-lo, haja o que houver. Esta confiança é que me faz taxar de teimosa, egoísta, personalista e por aí fora, mas não sei andar ao sabor das ondas, infeliz e felizmente.

Vamos aguardar mais acontecimentos sobre a mulataria. Não sei em que pé está o caso do Chico Machado, que queria ir para Léó e a Su retê aqui não deixou. É possível que se cozinhe toda a espécie de histórias disso e da anulação da cooptação do Eduardo. É possível que boicotem as nossas actividades com esta história do racismo. A verdade é que eles não querem considerar as razões mais fortes do desequilíbrio deles e naturalmente é mais fácil fazer vaguear essas histórias sobre o racismo. E compreende-se. Aliás, parece que aqui perderam realmente terreno. Os militantes estão conscientes e atentos. Agora os Norte-africanos e os mulatos fora da África é que devem estar na verdade em pé de guerra, mas mesmo lá dentro, se nós tivermos os quadros para começar, o mulato não vai riscar só por ser mulato. Nunca. Na OMA temos que fazer reunião logo que a ZIZI chegar. Penso que a linguagem do trabalho é mais eficiente, moralmente válida. O resto, o falatório não é nada difícil. O trabalho sim. Bem aguardemos. Sempre atenta. E é preciso esclarecer as moças lá fora as massas são a nossa primeira preocupação e precisamos das treinadas cá em baixo, para realizar esta tarefa. O resto é cantiga.

27 de Maio

Quanta coisa passada: viagens, viagens esquecíveis, regressos ansiosos e mãos à obra.

Nova fase da luta com os tugas a invadir a zona B, muitos a apanharem sova na zona A. Algumas prisões e deserções. Chegada dos 20/5 companheiros. Muitas chegadas de Léó também. Muita actividade e um bocado de confusão, mas há que *tenir bon*, mesmo com a OCAM e coisas semelhantes.

Mas a falta de objectividade e prontidão dum sacrifício sem normas nem moldes da parte dos dirigentes desencoraja-me. Se os dirigentes não são um exemplo de conduta revolucionária em todos os sentidos, as massas dificilmente são mobilizadas. Quanta força é necessária para não enlouquecer nem acabar com tudo isto.

Continuo papista demais: muita coisa vivida, muita coisa por contar. Mas é preciso equilibrar: falar só quando é necessário. Tenho necessidade de isolar-me um pouco e de estudar muito mais. É difícil harmonizar o horário, mas tem de ser. Não pode ser doutro jeito. Escrever ler muito. Ser prestável (camisa, fruta, mikate, etc.). a vida é um trabalho principalmente esta so called vida, esta existência anormal que é a nossa.

Mas faz tão bem reler este "Diário" e assentar pensamentos (decisões, dúvidas), principalmente quando a coisa começa a ficar dura demais. E há outros para quem a porca da vida corre pior: coitado do velho Capache numa prisão aquática desde segunda-feira...

O Azevedo disse que todo o correio, (encomendas e cartas) para o maquis é aberto e controlado. "Até os bilhetinhos". Ainda bem que não posso corar nem empalidecer, senão, não sei onde estaria. Afinal, a malta: censora sabe de toda a parvoíce que escrevo? Manãe, que vergonha! Enfim, sou humana, que hei-de fazer? Seria melhor mandar só coisas em vez de escrever para evitar rumores e encrências. É tão chato e desanimador levar uma vida desviada, forçada a seguir certo rumo mas não há outro caminho.

AIA VIDA!

4 de Junho

Medeiros saíu para ACCRA conferência do CLSTP. Enfim, estou confundida: ele quer militar por São Tomé ou por Angola? O colonialismo português semeou tanta confusão nas coisas e até nos indivíduos mesmos!
O Carreira também era para seguir hoje — "operar varizes em ACCRA" — mas não partiu. Oxalá vá e não volte nunca mais.

5 de Junho

Ontem foi recapturado o Sózinho, ex-maquisard. Quando ele entrou com o gendarme, senti um grande mal-estar. Ele estava todo amarrutado. Talvez lhe tenham baído. E é pena que tenha feito tráfuhice. É pena e bastante difícil ver um camarada desviado assim.

Quando o gendarme ia a sair, ele quis escapar também. O Daniel disse-lhe: "Fica aí. Onde queres ir?" e deu-lhe uma bofetada na face direita, no meu nariz mesmo. E o Sózinho ficou na sala. Esta cena impressionou-me muito.
A falta do Sózinho é grave. Mas eu gostaria que, nós outros, que não tráfuhamos tanto como ele, sejamos ainda mais honestos e rendosos para a pátria em luta. Bati um papito com os companheiros sobre a fauna e flora de Angola. Parecem assustados, com os animais perigosos da África.

6 de Junho

A italiana cantou "No no letat" com um sentimento bastante elevado. E dispôs-me bem para esta tarde no jardim do Bakongo. Hoje há pouca gente. O capim já começa a secar, é o cacimbo. Mas o verde persistente das árvores contra o fundo azul claro-branco deste céu calmo dão-me uma felicidade que não sei exprimir nem encontrar senão nesta natureza africana que eu adoro.

7 de Junho

Consternação Geral: o Sózinho fugiu. O Boano morreu de queimaduras na "Sexta" dum acidente-incêndio!... Como a tia deve ficar ao receber o telegrama!...

8 de Junho

Bati um papão de meia hora com os companheiros. Todos fumam menos um. Prometeram-me selos e endereços.

10 de Junho

*Impressiona imenso a dignidade,
a alegria e a consciência nacional desta malta*

Maya—Maya em festa com danças da juventude congoleesa como recepção ao FNL do Vietnam. Impressiona imenso a dignidade, a alegria e a consciência nacional desta malta. Um à-vontade, uma naturalidade!... Não só mete inveja como anima também a lutarmos para fazer igual e melhor numa Angola independente.

Chegaram Maria Carneiro e Amélia Ngoma. Zizi ficou no Cairo para ir à Argélia. Atrasa-nos um bocaco de actividades aqui, mas há que continuar *débroullair-nos*.

Ontem o Lúcio encontrou-me a falar com os companheiros e ele disse ao Samuel: "o que é que esta menina está a fazer aqui?" Por isso, logo que a camioneta dele parou à porta dos companheiros hoje, tratei logo de sumir. O César ainda insistiu: "*Não se preocupe; não se preocupe*", mas peguei nos periódicos e cavei. Eles saíram hoje com o Daniel.

De volta do aereo, a Guida Chip mandou chamar o Azevedo porque o Kanjovo estava com febre alta (37°).

11 de Junho

Carreira saíu para a Checo via Accra. Azevedo foi a PN⁴⁹. Ontem chegou o Pepe de Léó.

12 de Junho

Chegou Zé Manel e partiram as meninas para o CIR.

13 de Junho

No Jardim do Bakongo e no princípio de "música na estrada" o Nívico recusou-se a funcionar. Logo hoje, biem. O sol e as nuvens estão jogando à cabra-cega. Chegou Maria Paim. O Zé Manel prendeu o Pepe.

14 de Junho

Recepção na embaixada do Viet com FNL. No meio do papo, às tantas o lenço cai-me da cabeça. Que barraca! Chegou o Mateus Neto, agente comercial.

15 de Junho

Fomos à embaixada da China e ficamos num papo de hora e 15 minutos. Balombo preso e Alex adoentado.

16 de Junho

Voltou Azevedo. Partiu Samuel. Saíu Mateus Neto com Reinaldo. Falei ao telefone com o camarada Neto, em Paris, muito mais nítido que um telefonema Braza-Dolisie. O Pepe provoca vómitos para ir ao médico e dar o fora. Alertámos a malta.

17 de Junho

Nós não as corrompemos.

Saú Paiva com maquette do Vitória ou Morte, postais para a Tété da Banga, Petrov, Zeca e Kibwa. Chegou Neto. A direcção da OMA teve uma reunião com o casal Alfeu. A Sr^a deturpa o que vê e o que se lhe faz, mas é natural que reaja assim: o salto foi grande e igualmente brusco. Faz muita chantagem: que não trabalhe mais na OMA, que as chinesas deram-lhe papel com lista das coisas e roupas que ofereceram. Imagine-se. No fim diz que tudo acabou, mas ainda vai pensar se continua a trabalhar com a OMA ou não. A D. Amélia é tremenda. Claro que ao marido interessava mais a devolução dos 10 dólares e a ela qualquer soma para cabombiá-la, mas enganam-se porque nós não as corrompemos. Chegou Mariazinha, de Libreville.

18 de Junho

*Queremos paz com direitos,
com soberania e com dignidade!*

Fidel disse:

Nós não vamos deixar lenha no fogo das divergências do campo socialista. Creio que quem o faz atenta contra os interesses do movimento revolucionário mundial.

Perante o imperialismo essas realidades são amargas, são duras. Nós entendemos que o nosso dever é não deitar lenha no fogo das divergências,

mas lutar para a unidade do campo socialista, unidade dentro dos princípios e lutar por ela com métodos marxistas-leninistas.

O marxismo-leninismo é bastante rico em caudal ideológico e em experiência para encontrar as formas adequadas de vencer essas dificuldades, de vencer esses obstáculos. A questão é estar decidido a fazê-lo. E creio que devemos lutar por isso, devemos lutar por essa unidade e nós estamos decididos a realizá-lo com o nosso próprio critério. Chouvinistas? Não! Marxistas-leninistas. Porque o imperialismo existe e está aí perigoso e agressivo. O mundo subdesenvolvido existe e está aí. O movimento de libertação dos povos dominados pelo colonialismo e o imperialismo está aí, lutando em Angola, no Vietnã, na América latina, em todo o mundo e essa luta precisa de todas as forças unidas do campo socialista.

Marx e Engels lutaram incansavelmente por essa unidade durante toda a sua vida. E foi isso que nós decidimos fazer, a nossa direcção política, o nosso partido e o nosso povo. "Proletários de todos os países: uni-vos!", uni-vos perante os inimigos de classe, os imperialistas, os agressores e os causadores das guerras.

Queremos paz com direitos, com soberania e com dignidade! Queremos paz sem renunciar à ser revolucionários, sem renunciar a revolução!"

Chegaram Cadete, Samuel e um camarada Zacarias desatarranjado mentalmente, vindo da zona A.

19 de Junho

Partiram para a zona B o Capache e filho, Pepe e Lolote. Nós duvidamos que o Pepe não fuja pelo caminho; oxalá estejamos enganadas. A tardinha ouvimos como bomba o golpe de estado do comandante Boumediene contra o Ben Bella. Os árabes são danados de traição e intrigal! Depois da rádio comprei pilhas para o Nívico na Christianger e o Ferro-e-Aço levou o transistor ao Chico Machado que o consentou. Que bom! Este Nívico é tanto parte da minha vida e por isso fazia-me já uma falta tremenda! Dei 100 F para o Ferro dar ao Chico mas aquele respondeu rabugentamente que aqui 100 F não é dinheiro. Depois disse que o Chico não tinha pedido nada.

Chegou o Paiva da zona B. Partiu o casal Alfeu para Kimongo.

20 de Junho

Fatalidades são tão difíceis de engolir, vida!

Chegou a Zizi. Às 14.40 horas chegou um telefonema urgente de Dolisie que obrigou o Lúcio a reunir-se imediatamente com os outro mbutas. E nós ficamos em brasas: será na zona A? Será na zona B? Mortos? Presos pelos tugas? Terá acontecido algo ao António Carlos ou aos companheiros? Será o Zeca? Quê afinal? Como? Onde? A quem? Oxalá não seja nada terrível ou irremediável. Fatalidades são tão difíceis de engolir, vida! Ai, que dor de barriga e coração pesado!

Por isso fiz barulho com o Lúcio pela falta de transporte para as senhoras virem à reunião. Estávamos ambos nervosos depois do tal telefonema de Dolisie. Eu sou uma besta, uma merda. Não sei controlar-me; que chatice! Há que coexistir pacientemente, não?

21 de Junho

Neto, Lúcio, Cadete, Lumumba e Kanhangulu partiram ontem de noite para a fronteira

De manhã cedo o Macedo disse que os tugas atacaram Banga. Os companheiros estavam lá e não se sabe nada de concreto. Grande responsabilidade a nossa! Entretanto, a malta safa-se. O pior é o material importante que lá havia. Mais tarde disseram ainda ao Macedo que houve baixas do nosso lado. O Samuel guarda o sigilo mais completo disto tudo e não quer que falemos nisto. Neto, Lúcio, Cadete, Lumumba e Kanhangulu partiram ontem de noite para a fronteira. Diz que os tugas avançaram até ao território congolês. E logo hoje chegou a carta da FMC, organização da Wilma em quem o César fala tanto. Ontem já arranjei cigarros para ele, René e António e Gum⁵⁰ para "el compañero" que não fuma. Será que tudo isto atrasou? Acordei tarde? Timóteo, Chipenda e Spencer também estão na zona A. O que terá acontecido ao certo por lá? Feridos, mortos? Sim, esta é uma guerra e a luta é assim, mas as baixas são tão impossíveis de ser aceites. A morte é tão besta, tão cruel, tão merda! E esta expectativa

torturante em que o indivíduo fica até captar e descobrir o sucedido. Oxalá não haja baixas do nosso lado. Se isso não for o caso, que nada tenha acontecido ao menos aos companheiros e ao António. Pelo menos eles. E nos nossos que não haja perdidos e feridos graves. Tudo seja o menos grave possível, Mamã! A guerra de guerrilhas favorece aos patriotas angolanos, não é assim?

Será que vale a pena saber quem morreu, não é melhor deixar-me nesta ignorância cruel, mas ao menos sem saber a realidade? E se tiver acontecido o pior ao Zeca, companheiros e António? É a luta; é a guerra. E se for assim, não arredo pé deste campo de acção, a não ser para infiltrar-me e avançar no interior.

Filhos da puta dos portugueses! Como coexistir com estes cachorros enquanto não estivermos livres?

22 de Junho

Suspensos pelo telefone esperando notícias de Banga. Samuel e Macedo começaram mobilizar os moços para qualquer sabotagem e ataque dos inimigos cá mesmo. Foi decretada emergência no MPLA.

23 de Junho

Disseram que a luta afinal foi a nosso favor e quem apanhou foram os tugas. Que alívio. Quando ouviu isso o Charge abraçou-me comovido! Foi o Ferro-e-Aço quem voltou de Dolisie.

24 de Junho

Chegaram Neto e Lúcio. De tarde vieram também o Cadete, Lumumba, Mano Vicente e outros. Diz que um dos nossos desapareceu no combate. Quem será? Oxalá apareça e não seja apanhado pelos tugas!

26 de Junho

Chegou Daniel de Dolisie.

27 de Junho

Chegaram Isaac e Traça de Argel. Sain Zé Manel para Dolisie. Paivuska e Rev. Silva foram à Finlândia.

28 de Junho

Onde está o Timóteo?

Falando de tradutor frote para a rádio perguntei se o Timóteo já o tinha arranjado na zona A. Nada de resposta. Inocente, perguntei: onde está o Timóteo? E o Chipenda: "Desapareceu. Foi ele que desapareceu." Desta vez compreendi o que é ficar sem sangue. Não esperava tal resposta. Ficamos calados durante uns segundos. Coitado do Timóteo! Será que foi apanhado pelos tugas, por feras ou quê? Um quadro que faz aqui tanta falta! Oxalá apareça! Oxalá Mamã!

1 de Julho

Com o Paiva vou ajudar no Departamento de Informação do Movimento. É tão lamentável tentar fazer o trabalho em lugar do Timóteo! Um moço tão capaz, tão completo e perdido tão tragicamente!

2 de Julho

António, Lúcio e Anselmo foram a Dolisie. Saiu comunicado suspendendo Savimbi e seu grupo.

4 de Julho

Chegou Flávio e emburrou-se logo com o Magno (ajuste de contas antigas) que se refugiou com a família no castelo de Liabuca.

Tratei de pôr um pouco de ordem na estante da informação. Mas tudo é tão pesado sabendo que um quadro como o Timóteo desapareceu!

6 de Julho

Voltaram António e co. Ltd., incluindo Roque, Maciala, Kito e Oliveira que vão sair. Dizem que o Timóteo apareceu. Que milagre! Que sorte!

7 de Julho

Segundo os jornais de Luanda, Roberto foi solto. Até que enfim. Mas o ideal seria dar o fora e com o Delado. Só que a PIDE não lhe deve tirar os olhos.

9 de Julho

Sairam Roque e Co.Ltd., e Quito. Chegaram Timóteo e Bangkok. Adlada conferência com Holden. Porque?

10 de Julho

Chegou a Cecília com cinco filhos de Léo. Chegaram Gouveia e Loba de Kimongo. Maria foi para Léo, Sairam Maria Paim, Traça e Reinaldo.

11 de Julho

Domingo de Santo descanço, passado na cama. Está feio para ir ao Bakongo.

Chegou um tal Domingos Dias, ou coisa que o valha, sem guia de Léo. Reservei-me a aceitá-lo.

15 de Julho

Chegou Medeiros de Accra, decidido a trabalhar para S.Tomé.

16 de Julho

Sairam António e família. Mudamo-nos para casa dele.

19 de Julho

Saiu Azevedo.

20 de Julho

Ciel voltou à base.

21 de Julho

Chegou Reinaldo.

23 de Julho

A hospedeira mulata tem todas as atenções para com este francês e mais ninguém;

Chegou Azevedo. Reinaldo e Junqueira foram. Condesse não chegou, muitos mais companheiros e o verdadeiro Fernando.

Junqueira deve voltar; eu parti às 7H30. Zizi e Pirofilio foram ao campo comigo. Level encomenda confidencial de "Baptista". Mme Yumbu foi companheira de viagem. Muito simpática também havia 3 jogadores de Gâmbia e 2 malianas giras, uma das quais enjoou e passou mal toda a viagem. O treinador francês da equipe maliana (Viel) fala um francês de primeira que dá gosto ouvir. A hospedeira mulata tem todas as atenções para com este francês e mais ninguém; por vezes meteu-me raiva ("*un roman complet pour passer votre temps*").

Em Accra houve uma grande bagarra na sala de espera mesmo entre dois ganeses. Deu tão má impressão. A Sr.^a Yumbu tinha uma admiração tão grande pelo Presidente Nkrumah.

Em Abidjan comi à mesa dos gambianos. Estava com verdadeira fome porque não matabichei em Brazza e no avião só houve jus d'ananas, mas do bom e geladinho.

Às 4 e tal chegamos à Bamako. Ninguém à minha espera. Sorte que o Sr. Bambo estava à espera de uma

delegação argelina e *charjou-se* de mim também. Passei sem visa d'entrada nem revista na mala nem inquérito de divisas. Jeanne recebeu-me no escritório e dali fomos ao bloc onde deixei as minhas coisas, sem sequer tempo de lavar-me (depois de instalada *déménagei* outra vez para um quarto para dois não condicionado) e fomos *chez Jeanne* jantar. Vieram as duas Martas. Fomos aos Rex ver "*La soif de la Jeunesse*" e "*un seul contre 7*". Depois veio o martirio da Boite de Nuit "motel" até quase 4 da manhã. Eu estava morta de sono porque esta é a terceira noite seguida que me deito depois das 3. E o pior é que nestas porcarias os hospedeiros obrigam os guests a aceitar tudo. A Marta húngara diz que por delicadeza, não podemos negar o que a Jeanne impunha. Bolas! Deixei-me como uma morta até às 9 da manhã.

25 de Julho

Estou chateada com os malianos: arramam-se grandes conquistadores.

Bateram a porta várias vezes. Porque não me deixam dormir todo o sono se a Jeanne diz que o chauffeur só vira procurar às 11 horas? Almoço com os Dialós num palacete. A Sr.^a é gira à valer. Chegaram os dois Senhores (Jean-Pierre todo afrancesado e burguês e Celyn todo abandalhado, Sr. Jean muito realista).

Estou chateada com os malianos: arramam-se grandes conquistadores. Ontem grande flirt no Motel entre a

Marta mexicana e um maliano giro. No Motel encontrou o maliano pipi que conhecemos em Pekin e com o piloto que veio na equipe que nos trouxe de Brazza, com quem dancei uma vez: um gigante e um anão. Eu estava chateadíssima por me obrigarem a estar fora da cama tão tarde e desencorajei todos os D. Juans. De tarde fomos à lavra (Le Refuge) do Sr. Belle: um paraíso, um Citroen Spada, uma mulher francesa gira em congé na Europa. Tudo num contraste revoltante com o servente (que descalça todas as vezes que o patrão lhe manda) e a família dele e a gente da Sanzala.

De volta um pôr-de-Sol. Que África encantadora!

26 de Julho

Elas pensam que os ngunhis morrem pelas oitopas e por virarem brancos.

Com a Marta mexicana fomos saudar os da Embaixada de Cuba. Apareceram um ngueta d'olhos verdes que quer passar as férias em Espanha em vez de Cuba e perguntou pelo Baptista e Brito em Konacry; o primeiro secretário, escurinho e magrinho, tipo maliano; depois uma fulinha (Sr. e Sr.ª Bulnes). Houve um valente papo. Esta Marta mexicana é muito simpática. Completei o relatório da OMA e com a Marta mexicana emendamos o horário do Seminário no escritório da Jeanne. Chegou telegrama que mandei de Brazza anunciando nossa chegada à Bamako. Fomos ao

aeroporto esperar Ghana e Tanzania; ninguém veio. De noite recepção na Embaixada com Yankees, Haitianos, um ngueta casado com patricia. Comi demais porque estava com fome.

Enquanto chovia e se falava de clima europeu, eu disse desgostar do clima deles. A Marta húngara não ficou muito contente. Claro, elas pensam que os ngunhis morrem pelas oitopas e por virarem brancos. Na recepção ela divertiu-me muito ao imitar o inglês dos yankees.

Mandei telegrama ao Zeca e OMA. 1 dólar = 250 Fi

27 de Julho

Um maximbombo Malanje-Nova Lisboa caiu no rio cheio de crocodilos

De manhã levantei com diarreia. Apronte-me, mas desisti de ir ao Bureau de Jeanne. Das 9:30 às 4 devorei "Les Angolais" de Robert Davezies. Os relatos deixam-me bastante insatisfeita.

Jeanne e Virgínia vieram visitar-me às tantas e mandaram fazer uma tisana. Só depois que vomitei às 4:30 é que me senti melhor. O meu organismo tem razão: ontem fiz uma mistura dos diabos, finalizado com os restos de uma manga enxertada que guardei na geladeira deste bloc tão infestado de baratas.

Acabado Davezies li os diários e ouvi "The Voice of America": que um maximbombo Malanje-Nova Lisboa caiu no rio cheio de crocodilos. Os passageiros eram nguetas e pretos. Quem sabe este é

o começo de um 4 de Fevereiro no Sul? Oxalá, mais um 4 de Fevereiro organizado e mais vitorioso.

ORTF disse hoje de manhã que Massamba⁵³ tinha revelado prisão de 18 congolenses que queriam sabotar os jogos africanos e derrubar o Governo. Oxalá aquilo se consolide por lá.

De tardinha, Jeanne e a sua secretária e as duas Martas vieram ver-me. A segunda deu-me os 250, que faltavam dos 10 dólares que me trocou.

Depois que vomitei às 4 e tal, melhorei quase automaticamente: que é drôle ficar doente! Nenhuma delegação chegou! Que chaitice.

28 de Julho

Então o Holden traiu?

Passei a manhã a corrigir as duas conferências do Mali que a Marta Hoffman traduziu para inglês. Às 11 e tal chegaram duas delegadas da Guiné. Até que enfim, começam a vir. Almooçamos em casa da Aoná Keita: mas que lar, que família formidável. É a filha desportista tão esguia, elegante, meiga e trabalhadeira. Que amor de mocinha! Aoná disse: Então o Holden traiu? Nós mandámo-vos aquela roupa que estava para ser entregue às mulheres dele. Em Sofia elas protestaram. Até mesmo a Jeanne disse que não estava a fazer bem em não mandar a roupa às mulheres do Holden. A própria OUA também se enganou. Só depois é que viram que eu tinha razão. Depois a Jeanne veio dizer-me, afinal, tu tinhas razão, Aoná! O Holden traiu a causa angolana.

Com Marta Hoffman fomos à tal ourivesaria (pobre). Todo o comércio só abre às 15 horas. Voltámos ao trabalho. A Marta Borkes fez a siesta até às 4 horas. Muito mosquito no bureau. À tardinha chegou Leah da Tanzânia que teve uma viagem muito má, coitada. Entre o Sudão e Addis, o avião ficou uma hora no ar só com um motor e depois teve de despejar todo o óleo para uma aterragem forçada. Em Abidjan, ela que não fala francês, foi um xaxado. Diz que é membro do Governo, mas quando me viu disse: "Tu também és de Angola? Afinal quantas Angolas há?" Expliquei-lhe que a outra colónia portuguesa ao lado dela chama-se Moçambique e não Angola. É formidável a ignorância da nossa gente sobre a nossa luta. A Mrs. Tanzânia acha normal que as Martas tenham vindo com uma semana de antecedência preparar o Seminário para as africanas. Organizadoras, tradutoras, etc. têm que vir da Europa e América e as africanas, donas da terra são como se fossem as visitas. Que absurdo!

De noite com o *chauffeur* e Marta Borkes vimos Danny Kaye e outro filme. "A máquina de explorar o tempo", no Vox. Foi a Marta quem gastou por todas. Há muito mosquito partout na cidade.

29 de Julho

Hoje o Zeca faz anos. Desde cedo começou a chover. Será que o Zeca recebeu o telegrama de felicitações enviado em 26? Oxalá.

30 de Julho

Depois das traduções, fomos esperar Zizi ao aeroporto com Ruthie.

31 de Julho

Dia da mulher africana. Chegou Lucette.

1 de Agosto

Será que o Quanza também é assim?

Contactamos no "Grand Hotel" com as delegações da URSS, FDIF e Jugoslava. De tarde passamos com o Ti-Keita Jeunesse: barragem e Lido.

De 2-16 Seminário e Executivo. A T Marta, Rosa, Zizi e eu jantaríamos com o embaixador de Cuba (José Carrillo - Pepe e Madalena e os Bulnes). Às 8 houve o passeio a Koulikoco: sabonaria, fábrica de óleo de jinguba onde os técnicos e as máquinas vêm da Krupp. Visitámos também a escola técnica onde estudou a maior parte dos actuais chefes de Estado da África colonizada pelos franceses. Passeámos no Níger, com baile, batuque, cama e comida. Será que o Quanza também é assim?

19 de Agosto

Regresso à Brazzaville. Em ACCRA encontramos alguns camaradas vindos de Moscovo. Diz que o Isaac partiu em 15.

26 de Agosto

Chegou família Vieira Lopes, Azevedo e Veríssimo.

27 de Agosto

Sansão teve uma crise de nervos: como é desolador e desesperador!

28 de Agosto

Direcção da OMA partiu de Jeep para Dolisie onde vi Humberto e Silva.

29 de Agosto

Reunião com comando da 2.ª Região e com secção local da OMA.

2 de Setembro

Direcção da OMA (menos Zizi) regressou de Dolisie.

3 de Setembro

Atendi telefonema de Gackson, todo nervoso que transmitiu mensagem em código ao Rev. De tarde o Samuel disse que a vida ia muito mal. O que se terá passado lá em baixo, Mamãzinha? Oxalá nada fatal. O Amílcar ganhou a comissão militar na Guiné; e nós? Estou calma, mas preocupada com possíveis reveses no front. Oxalá nada fatal!

Chegou o Carreira.

Saíram Azevedo, Kanhangulu, Tchiringueno e Rangel.

13 de Setembro

A perda do grande Sukahata já é bastante trágica...

De manhã o Ferro-e-Aço disse que em Dolisie houve uma confusão qualquer, segundo telefonema vindo à meia-noite, proibindo até que o Vieira Lopes e o Fernando seguissem para lá.

Ao meio-dia o Capache disse que houve desgraça lá: um camião nosso foi ao ar, devido a minas postas no caminho Ilupanga-Dolisie pelos portugueses: 1 morto e 9 feridos do nosso lado. Alguns feridos chegaram hoje de avião. Quem será o morto? E os feridos? Se vêm para cá é porque é coisa grave! Esta luta! Esta luta! Dá-nos coragem, Mamã! Oxalá nada fatal com o Zeca. Silva e os Fernandes, ao menos! Como é duro tudo isto.

Desi escreveu-me.

De tarde soubemos que o Sukahata é que morreu! Zeca e mais 8 camaradas estão feridos e vêm de comboio. Há telefonemas constantes de Dolisie e isto põe-me os nervos em água. É à saca-rolhas que soube que o Zeca está entre os feridos. O Zé Manel diz que os feridos não são graves, "uns estilhaços só", mas quando eu começo a apertá-lo com perguntas ele desculpa-se e sai. O Macedo pôs-se a falar com o Paiva em voz baixa, talvez sobre o acidente, e quando eu entrei ele cavou. Tudo isto põe-me em brasa. Porquê tantas reticências? O Zeca está ferido ou morto? Facto curioso: a gente sente-se ansiosa por saber a verdade, mas ao mesmo tempo no fundo prefere ignorar essas verdades

duras. Todo o mundo está triste, de cabeça baixa no bureau. Devido a esta atmosfera de luto e de mistério, resolvi voltar para casa de maximbombo para também deixar o Paivuska em paz, pois quero saber a verdade e assalto com perguntas a todo o mundo.

Já na paragem do maximbos vi o Spencer e Kibwa a passearem cansados, tristes. Ainda pensei em esperar pelos feridos na estação, mas há tanto tabú social. O Zeca é meu primo e não meu irmão de pai e mãe. Se me interessa por ele a chata da sociedade pensa que é por namoro e não por parentesco.

Portanto desisto.

Perto da farmácia passaram 3 tanks-carros com cubanos ao volante: muito senhores de si. E cá comigo: coiados! E dum momento para o outro podem morrer em luta por uma causa justa. Quanta dedicação! Como é que podemos poupar esforços mesmo que os estraguemos com atenções e mimos, se eles estão sempre prontos para dar a própria vida? Essa gente do front merece tudo.

Parece que os Fernandes também estão envolvidos no acidente. O Junqueira diz que o Renée e Rubem estão na zona B, mas não responde sim ou não se eles também estão envolvidos no acidente.

Lí um bocadinho da "Psicologia das mulheres" e ouvi rádio, mas no fundo estou inquieta, ansiosa por saber se o Zeca não está gravemente e quem são os outros feridos. E o meu medo é: e se amanhã ao chegar ao bureau me disserem que o Zeca morreu também?! É exagero, com certeza, mas porque há tanto

mistério sobre ele e os outros feridos? Como diz a Mambo, esperemos pela Jinga que os feridos não sejam graves. A perda do grande Sukahata já é bastante trágica!... vou tentar dormir para aguentar o que o amanhã vai trazer. Oxalá não haja mais fatalidades, Mamã! Por favor!

14 de Setembro

Reconheço que a luta é de todos e precisa sempre de todas e de mais braços. Mas só por isso é preciso fazer exceções conforme a importância da pessoa?

Passsei uma noite de conta-gotas. Às duas menos dez da madrugada, acordei e ouvi choros de duas mulheres e batuque. Um óbito! Será a D. Joaquina a chorar pelo Zeca? Como sou estúpida! Afastei essa ideia. Mas se essas mulheres se calassem seria tão mais fácil! Óbito, morte que coisas duríssimas! Ainda bem que o tormento da noite em claro findou. Hoje vou saber a verdade. Pela Jinga, pela Mambo, pela Mamã oxalá que o Zeca esteja fora de perigo. E os outros também. Que os possamos visitar no hospital e que haja mesmo telefonemas de Dolisie e menos mistério e luto no bureau. OXALÁ!

Este foi um dia rico em experiências. Ao fim do dia parece que cresci.

Posta no bureau fui informada quem eram os feridos: Gambela, Prata, Diabla-Rouge, Maciala, Fatú e outros quatro graves internados.

Diz que o Gambela está pior e um dos outros quatro talvez fique sem o braço. Depois o Kalé pôs-me a par do acidente e das condições de vida deles no maquis.

Talvez eu esteja errada nos pontos de vista que defendo, mas o sofrimento dos guerrilheiros não exactamente por falta de dinheiro, mas talvez por má administração e inexperiência apenas, preocupa-me. E isto dos dirigentes não estarem lá dentro com eles! "Noutros aspectos dá-se um jeito; neste há sempre desculpas de fundo e válidas". O Kalé diz que o pouco doce enviado num boiãozinho é dividido por todos. Assim não compreendo bem onde está o mal em enviar coisas. Será que devo rebater e emendar esta clausula?

De tarde o "Ferro-e-Aço" disse-me: "Se tivesses ido à estação ontem à noite, ali é que se via mesmo que a Mariazinha é uma grande nacionalista. Ajudou a cuidar dos camaradas feridos e fez tudo. Ahás foi a única senhora da OMA que apareceu". Eu pedi explicações sobre a estação ao Zé Manel: Três médicos cubanos e três angolanos (Eduardo, Lopes e Medeiros). Grande fanfara, na verdade. Só que as pretas da OMA não mereciam ser avisadas sobre a chegada dos camaradas, mas apenas da necessidade de fazerem o comer. Mas isto é natural: se são os mulatos a mandar a quem se devem dirigir senão aos mulatos?

Compreende-se. Só não entendo porque os nguetas não aparecem lá também. Falei disto tudo ao Zé Manel que ia dando as suas explicações e

ao Paiva que me proibiu de voltar a falar-lhe desta questão. Eu tentei compreender o Paiva: o Medeiros estava na varanda; outros mulatos deviam estar perto. E "é preciso não alarmá-los, não estragar a luta".

Na casa da OMA disseram-me que não há mesmo dinheiro para os doentes hospitalizados. Que ironia! Se o Súka a quem foi atribuído uma honra póstuma estivesse também no hospital, falar-lhe-ia também o comer!... "falta de dinheiro", talvez.

A Maria Carneiro e D. Engrácia dizem se o Eduardo sáisse do hospital quem mais ia fazer o que ele faz lá? Tiraram-lhe da Direcção do Movimento, mas é ele quem trata todos os doentes e ufana-se por isso. Na verdade, é desta indispensabilidade que os nguas e mulatos querem que os pretos se convençam. Por outro lado a Mariazinha refila e elas apoiam, por eu ter posto no relatório que ela não podia varrer. Bem, vamos clarificar isto na reunião próxima.

Estou certa hoje mais do que nunca, que na verdade há certos aspectos da luta que eu não devo mencionar nesta fase. Depois é preciso prestar atenção aos interlocutores: nem todos estão politizados e vêm o porquê das algumas atitudes e acontecimentos. O melhor é mencionar as minhas dúvidas aqui no Diário para evitar embrulhadas. Também é bom deixar os mulatos substituírem a luta e tentar enganar-nos, por enquanto. Um dia chegará em que nós poderemos agir e esclarecer muita coisa.

Também não compreendo como o Spencer foi hoje almoçar com o Eduardo. É natural que os dirigentes continuem ligados aos afastados? Mas o Lúcio faz também como o Spencer. Talvez a voz da pele seja mais forte neles que os princípios políticos.

Mas a Maria Carneiro já pensa como a Mariazinha: não se deve exigir-lhes a varrer e a coser porque senão elas vão-se embora e fazem-nos falta. Ma parole, reconheço que a luta é de todos e precisa sempre de todos e de mais braços. Mas só por isso é preciso fazer excepções conforme a importância da pessoa? Este deve ser mais um erro causado pela minha formação deficiente, mas eu não aceito essa razão como válida. Mas vou fazer esforços para não explodir estas dúvidas perante ninguém. Preciso ruminá-las bem em mim mesma e assentar tudo aqui mas não discuti-las mais com ninguém para evitar confusões. E muito cuidado com o Ferro-e-Açol! Nada de considerações sobre este e aquele!

Só espero que eu não vá acabar num manicómio! Ver tanta palhaçada e bujarada e não poder falar com ninguém "para não estragar a luta"!

Medeiros e Gil dizem que "um movimento em luta não deve introduzir no boletim, notícias sobre o Congresso da Paz em Helsíngua. Está errado!"

Respondi que muitos ausentes contestam porque não podem lá estar e nós lutamos para viver em paz numa Angola livre.

10 de Outubro

Abertura solene do Seminário da OMA: coisinha humilde mas significativa.

15 de Outubro

Parti para a Bulgária com a Armandinha e a Lita.

24 de Outubro

Grande barraca: perdi a reunião do C. E. da PDI na Áustria por ter caducado o passaporte.

7 de Novembro

Grande desfile na Praça Vermelha: mísseis, muito povo e jornalistas italianos. Vi o Pimentel por acaso.

15 de Novembro

Finalmente deixei a URSS. Não gostei nada do clima e das pessoas. Nalguns aspectos prefiro as chinesas.

... de Dezembro

Chegou a Irene Cohen.

24 de Dezembro

Grande azáfama na preparação da delegação que sai para Havana. Trabalhei até tarde.

26 de Dezembro

Saiu a delegação. Mariuzinha não, porque cortou os pulsos. 1977

30 de Dezembro

Morteram Massango e Tula Ngonzo.

31 de Dezembro

Humberto passou o réveillon explicando-me muita coisa, luta, só luta.

1966



Eu odeio a cidade e o escritório

10 de Janeiro

— Chegou Henda.

11 de Janeiro

— Partiu Humberto.

12 de Janeiro

Mamã, eu não sei se vou cometer um erro irremediável

— Depois do almoço a Irene informou-nos que o Amílcar divorciou-se da Lena⁵⁸ e daí nasceu um grande papo sobre os *nguetas*, casamentos, etc. Sem medir a coisa e reinando sempre, perguntei a idade da Maria, ela respondeu que tinha 32.

Dirigindo-se aos rapazes disse que muitas *mademoiselles* tinham 29, 33, mas aldrabavam nos documentos e diziam ter 26, 18, etc., para serem namoradas. Tal resposta não me espantou porque eu já sei que com ela eu não devo tocar em certas questões. Entretanto, espantou-me a agressividade dela e a insinuação tão injusta. Mas é bem feito para eu aprender: mania de reinar com todos. Mamã, eu não sei se vou cometer um erro irremediável, mas eu vou deixar cair esta senhora. Não consigo entender-me com ela. Por dá cá aquela palha reage com uma agressividade e brutalidade de um rancor espantoso. Eu devo-lhe ter feito um grande crime. A verdade é que não me topa por nada neste mundo e o melhor é deixá-la em paz, falando-lhe o menos possível e evitá-la em tudo. Basta de encrencas, puxa!

*Se há necessidade de reparos duros,
faço-os seja a quem fôr*

Anteontem também a Mariázinha pediu ao Neto para não pô-la a trabalhar na mesma secção que eu porque “a Deolinda manda e ralha muito”. Compreendo que não esteja em situação de espírito de fazer o melhor e máximo e os nossos reparos lhe firam. Mas eu ou vai ou racha! Vão se afastando já e odiando-me. Se há necessidade de reparos duros, faço-os seja a quem fôr. Entretanto, vou ter cuidado de não exagerar, mas eu fico toda emerdada de ter que lidar com estas madames xodós tão sensíveis! Puxa!

25 de Maio

- Petrov veio buscar-me com urgência da base, conforme telefonema de Brazza. Très emmerdant!

26 de Maio

- Fiz Dolisie-Brazza muito chateada. Eu odeio a cidade e o escritório. Ninguém na estação.

27 de Maio

- Apresentei-me ao escritório: impossível atender-me hoje; amanhã de manhã, sim. Fui ao jardim, de tarde. Partiram Spencer e Paiva.

28 de Maio

Li no jardim

- Lúcio apresentou grande lenga-lenga, em nome do CD contra meu protesto a propósito da Tina, minha estadia nas zonas, no Baixo-Congo, hesitação perante o Grupo oportunista, Lagos, etc. Muita coisa passou-me pela cabeça. Li no jardim. Há muito que fazer.

29 de Maio

(Nunca remendar situações; esclarecimento antes de tudo)

- Passei o dia no escritório e de noite fui ver “Les Cannons de Navarro”. Descongestionei-me. Ontem pedi ao CD para me ouvir e enquanto não o fôr, não farei nada no Movimento. Nunca remendar situações; esclarecimento antes de tudo. Morreu um moxico.

30 de Maio

- Não fui ao enterro nem ao óbito. Estou muito em baixo.

2 de Junho

*Se eu pedir demissão da Direcção da OMA
Eu não quero estar armada em mártir*

- Consternação geral com a morte dos 4 conjurados de Penecosos. A Direcção da OMA pediu-me informação da minha situação perante o CD. D. Olga diz que se eu pedir demissão da Direcção da OMA, ela também. Estou-me lembrando que sicrano disse que um grupo de militantes seria do Movimento, se a Direcção me suspendesse. Eu não quero estar armada em mártir nem arrequeimantar adeptos. Oxalá a coisa não seja mais especulada do que já está nem haja desprestígio ou prejuízo para o Movimento. Chegou Azevedo.

3 de Junho

- Partiu Ti Garrido. Chegou Belo.

4 de Junho

Há acusações graves

- Fui ao Jardim. O miúdo Domingos veio choramingar-me creme para a cara que está cheia de borbulhas. Isto de precisar e não ter!... De querer e não poder. De ter e não ter, é uma grande *puta*. Choveu em pleno cacimbo.

138

5 de Junho

*Joguei sueca das 15.00 às 22.15 horas
Depois escrevi as cartas para o Cd e a OMA*

- Passei a manhã no escritório dactilografando o trabalho para a FDM. Lima comprou-me o yogo, (porque?), mas não lhe dei uma gota; não havia colher pequena.
Em casa joguei sueca das 15.00 às 22.15 horas. Depois escrevi as cartas para o CD e a OMA, deitando-me às 2 da manhã.
Chegou Ti Horácio. Recebi cartas, dinheiro, comida e sabão de Dolisie. Que gente boa!

6 de Junho

*Refutei a necessidade de "cozinheiras"
num MPA revolucionário*

- Fui levar as cartas ao Bureau e apresentei-me na Informação. Quantos jornais e coisas para ler.

139

Casimiro e Tico foram a Léo. E o Ti Horácio também. Ti Nelumba diz que estas viagens são prematuras. Fulano disse-me de noite que a carta ao CD tinha sido lida e que condenava a *procedure* daquele por não me ter ouvido. Kavunga felicitou-me.

Não houve jantar, a Carneira está adoentada e precisa de repouso. Ia havendo barraca comigo por isso. Eu sei que ela faz isto para vingar-se de mim que numa reunião refutei a necessidade de "cozinheiras" num MPLA revolucionário.

6 de Julho

O que esta bendita gente está procurando mais?

O Rev. Convocou-me para uma reunião às 17 horas com a Presidência. O que esta bendita gente está procurando mais?

Aqui na Informação é realmente impressionante ver as mulheres que vêm do hospital, chorando os parentes mortos. Que golpe estupidamente covarde, a morte!...

Nota do editor:
A partir desta página,
o diário não refere o mês



Quinta, 5

A fuba ficou

Foi um drama encontrar transporte de favor para a fronteira porque o nosso carro não tem gasolina. Viemos apertados, mas a fuba ficou. Em Ki lavamos e transei-me, facto inédito aqui.

Sexta, 6

Que estarão reservando para o Mera?

Fomos à base e bati papo com Kumba, Tiro, Kalé, Amélia e Ndozi: dizem que membros da Comissão Militar não podem cumprir bem seu dever porque são também membros do CD, etc., e não há quadros; que o recurso à força não adianta puto porque senão atrasaria tudo enquanto os dirigentes estão agora realizando planos para adiantar os trabalhos no outro lado.

A base está bem organizada, principalmente o dispensário.

Interrompemos papos para ouvir a equipa governamental: Nounmazalaye e Nvuama que estarão reservando para o MPLA?

Com Ndozi, Kumba e o miúdo de Nambuanguongo fomos conhecer o terreno para a instalação e lavra da OMA; uns não querem perto da base, outros querem. Papo com Pelinganga: cozinha, OMA.

Sábado, 7

Amélia e eu enchemos carregadores de Pm e Fm

A manhã foi mais ou menos livre. De tarde começámos com a kizaka. Depois às 19.15 horas surgiu a confusão: tatyistas entraram na Sanzala tentando raptar Lubota e entrar na residência. Kalé, Tiro, Kilengue, Longo, Buta e os gendarmes fizeram uma batida com Pm, Fm (a qual ouvi cantar pela primeira vez com bastante autoridade) e granadas para alertar os da base. Depois vieram estes com bazooka que também impôs respeito e foi lançado pelos lados do Pangí. Amélia e eu enchemos carregadores de Pm e Fm, etc.

Depois os gendarmes vieram para beberete e comentários.

Tivemos de ouvir as etapas de "cumprimento do seu dever" de macho e fêmea

Meio bêbados, os rapazes excedem-se. O Tiro fez uma confusão dos diabos com a mulher, num quarto com tecto comunicativo em que nós os que ocupávamos os outros três quartos da casa tivemos de ouvir as etapas de "cumprimento do seu dever" de macho e fêmea. Coisa chata de dois viciados. Eu fiquei com a PA bem ao alcance para no caso desses "benditos" excitarem outro chanfrado instalado nos outros quartos.

Domingo, 8

"Posso entrar ou tem mulher?"

Depois de uma patrulha das 6 ao Pangí (o Tiro ficou com a mulher) os rapazes apanharam-se folgados: só tentativas atrás das mulheres e moças da sanzala. Em casa têm exibições chatas com o fala-barato que é o Compliqué e o resto.

Continuou a dança da moamba para a kizaka. Um guertilheiro a bater à porta pergunta: "Posso entrar ou tem mulher?" Um ambiente de luta, sim; mas um tanto emmerdant.

Os rapazes fazem agora o controlo dos carros e o primeiro foi o que nos trouxe mesmo.

Cedo fomos à água, perto da fronteira onde os portugueses tinham entrado: que atenção ao menor ruído com o capim tão alto ao redor. Morreu um homem na sanzala.

As pilhas estão no fim

Desencadeei um problema com esta malta ao facilitar-lhes o uso do Nivico: só querem ouvir bouchés e essa merdalhada congoleza que me comem os nervos. E por cima, as pilhas estão no fim.

Simão Mendes veio ver-nos.

"Então estamos a fazer uma luta séria e vocês vão juntar-se aos inimigos?"

Às 13 horas passou um fula-fula. A malta estava de sobreaviso e sacou dois traidores, Ramon, um dos quais fugiu da zona A, Banga. O Angelo, "Tonton", disse: "Então estamos a fazer uma luta séria e vocês vão juntar-se aos inimigos. Mas tudo que vocês fizerem, nós triunfaremos. Podem ficar a saber." Faz tão bem ouvir esta certeza na Vitória. O tal Ramon diz que é inocente porque ainda hoje encontrou-se com o Yaya, no bar "Bois du Congo", em Dolisie. O Yaya estava acompanhado. O Buta aperta o Ramon com perguntas sobre a mulher que o acompanha.

Enquanto uns mudavam o prisioneiro, e outros estavam na ponta da sanzala, o Kalé viu uma inconveniência nesta missão: "os quatro camaradas não sabem ler, como vão controlar a identificação?"

Kalé tem melhor método, a persuasão sem violência e o preso começou a falar

O Carlos Fernandes chegou com uma sede de bater, pegou-se logo a um congolês e depois ao Ramon, a quem fêtu a soco. Nós insurgimo-nos contra qualquer confusão com a senhora que os acompanhava. Chovem asneiras. Oxalá não aconteça nada à senhora.

O interrogatório começou com o Tiro. "Fala. Não? Então mais duas chapadas. Onde estão os outros? Quais são os planos?" Kalé tem melhor método, a persuasão sem violência e o preso começou a falar.

Estávamos para ir contactar as angolanas noutro lado da sanzala, mas são parentes dos traidores apanhados e podem manter-nos como reféns. Portanto, parte do trabalho entre as mulheres aqui está liquidado. Vamos lá ver o que resta, o que é possível ainda.

Depois chegou o nosso carro com o Anselmo, Ndozi, Nzagi, etc. Só soube que o Ramon e companhia foram soltos.

Não houve outra vez "Angola combatente".

Segunda, 9

O casal Tiro não interrompeu hoje sono de ninguém com suas atitudes maritais.

O Nzagi pôs problemas do alojamento da OMA e decidi deslocar-me à Dolisie para ajustar isto, buscar lataria, enxadas, quedes para a Amélia, etc.

Na base vi outra malta e recebi o meu correio: muita novidade.

Partimos com o médico cubano.

Sáimos de Brazza em 4 para a missão na zona A. Em Dolisie, contactei com o responsável. Mabilala informou-me dos Moxicos: informações erradas, exageradas e promessas profissionais não cumpridas. Regresso à pé: resultado, má propaganda possivelmente, no sítio deles. Neto nem os contactou durante reunião alargada.

Por toda a parte, comparação com o Continente e quase aversão velada contra os locais.

Em 5 fui à quinta.

Ouvimos "Angola Combatente".

Em 6 visitei internato. Partida para Guena, peripécias de perder o combóio, de montar, de descer. Hospedagem pelo Sr. Fidel um congolês que faz muito para os militantes de passagem por lá. Ouvimos "Angola Combatente". Porquê tanto tshokue em vez de fiote?

O povo, não esclarecido acha que o MPLA quer mandar em vez dos naturais de Cabinda

Em 7 rumamos para Banga. Ouvimos traição de Kimpese e fugas de Manuel Gomes, Zacarias, desvios de Alfeu, Petrov, etc. Esta é uma zona em constante estado de alerta, por causa de possível invasão dos colaboracionistas. O povo, não esclarecido acha que o MPLA quer mandar em vez dos naturais de Cabinda, que ao castigar os traidores,

maltrata pura e simplesmente os seus parentes, que os brancos ainda não acabaram em Luanda, que o vinho, 5 mil para kulamba, comida, a propaganda de um ngueta que traz a toalha e água para os pretos lavarem as mãos, já é independência.

Almoçámos com Delfina, Helena e Florinda. De noite, demos-lhes os lenços (quase 100) e a roupa.

Visitámos a base onde fizemos limpeza dumha das casas do quartel, em vias de reparação. Por enquanto, o enfermeiro come e dorme no mesmo quarto dos tratamentos, consultas, etc.

Em 8, sexta-feira, visitámos o Sr. Ferdinand, o Fidel da Tchibuid que antecorem esteve preso pela JMNR, sob pretexto de vender caro a comida, portanto é contra-revolucionário. Foi batido e vexado a trabalhar na enxada. Ainda tem sinais da pancadaria no rosto. Pretende mudar-se para PN dentro de 15 ou 30 dias. A verdadeira razão é apoio ao MPLA.

Enquanto falávamos, o Chefe de Canton regrette "com a população de Banga" o facto de os nossos "terem minado perto da povoação". Esse é um inimigo do nosso trabalho, aliás é um emigrado.

Os militantes pedem fiote em todos os programas

Visitámos a lavra dos guerrilheiros (milho e mandioca) e da escola (mandioca, bananeiras, ananazes). Um bom começo. Durante pelo menos um mês, mobilizámos as senhoras para os trabalhos

da revolução: fazer kizaka pisada, fuba, lavras, ajudar os guerrilheiros, esclarecer-lhes politicamente. Os militantes pedem fiote em todos os programas.

De manhã, Kiki (Bissafi), Lumumba (Serafim), Casse-Laguenle (Luís Casimiro) e Sem Unidade (Félix) trocaram impressões conosco: falta-lhes sabão desde Janeiro. Comem ervilhas há mais de dois meses. Não têm cigarros há várias semanas. Falta-lhes medicamentos. Que a OMA ajude regularmente com:

- 1) fuba
- 2) farinha
- 3) cigarros
- 4) rebuçados
- 5) comipota

Precisam de orientação para se organizarem, de mais capacidade, de instrução depois de uma rendição. As famílias precisam de roupa. Detestam jogo de empurro perante requisições ou outros pedidos. Enviar só gente capaz de passar dificuldades como o povo e ensinar fazendo e onistas permanentemente fixas cá, ou em rendição constante de um a dois meses sem esquivar perigo, nem miruínas.

Crescente moral baixa dos guerrilheiros, perante dificuldades e isolamento

Necessitam ainda de cartas, de apoio moral: muito esquecidos e negligenciados em tudo, até em equipamento.

Fomos armadas em detrimento de outros dois camaradas porque não existe aqui pistolas reservadas. (Há realmente controle do armamento ou esconde-se no capim, "são perdidas", etc.)

Falta de balancete do dinheiro entregue às intenções

Algumas confusões de mulheres. Crescente moral baixa dos guerrilheiros, perante dificuldades e isolamento:

- 1- Delfina Bilongo
- 2- Ana Tehimbondo
- 3- Florinda Biengo
- 4- Helena Tombo
- 5- Juliana Paka
- 6- Isabel Lembé
- 7- Mossika Loukoékoé
- 8- Moodhèle Ntoula
- 9- Josefina Tchivouiti
- 10- Teresa Ntoula
- 11- Elisa Mbumba
- 12- Sabole Lumbondo
- 13- Simba Ngunga

- 14- Manda Nzouli
- 15- Teresa Pemba
- 16- Iala Mazinika
- 17- Filomena Mbumba
- 18- Joana Tuai (tinha devolvido e ficou)
- 19- Ernestina Tchivoulli
- 20- Paulina
- 21- Joana Malonda
- 22- Teodora Pinla
- 23- Anastácia Mbingi
- 24- Madalena Kumba
- 25- Emiliana Meno
- 26- Doroteia Malonda
- 27- Celi Kudeia
- 28- Maria (Nzuze) Carlos
- 29- Alfonsina Mataie
- 30- Maria Mbuanza
- 31- Albertina Mbumba
- 32- Ana Pemba
- 33- Cecília Mbumba
- 34- Juliana Paka
- 35- Prudência da Costa
- 36- Adelina Mbumba
- 37- Elisa Kana

Combarer:

- 1) Falta de balancete do dinheiro entregue às intendências
- 2) Estacionamento anual nos escritórios

- a) Roupa para as crianças da escola
- b) Lenços para os guerrilheiros

Pascoal, recebeu sapatos.

Revolta no quartel

Zé Manel disse que houve revolta no quartel porque a intenção não distribuiu bem a comida. Duas colheres de ervilha ao jantar. Responsáveis sem bases, daí as falhas e desorganização. Necessário mantê-los quando mênme para ganhar povo. Morosidade em atender a sanzala em busca de comida. Miúdo Couto levou milho com ginguba. Vai fazer guarda "por vossa causa".

Sábado, 9

«Dormimos» sossegados

De manhã fomos à lavra da velha Delina colher kizaka para os guerrilheiros. De tarde um avião portuga passou perto. O carro partiu para Guena com Assis e Tiko rumo a Dolisie. Altas horas da noite, ouvimos "disparos". Avisamos o professor: não era mais do que o barulho da queda dos bambús. "Dormimos" sossegados.

Domingo, 10

Um bando de miúdos sem o amparo de um adulto experimentado, gera tragédia.

Uma rajada de peça foi disparada no quartel; o que será? Uma cabra-montês foi morta.

Levamos a kizaka ao quartel. Choca o antagonismo deles que não vêm sabão há dois meses, alimentam-se de ervilha sem óleo e parece que não têm outra orientação além do tiro. Os que não são da região exigem fungi; os outros querem banana. São insatisfeitos, não só quanto à comida. Também não são nada amáveis, compreensíveis. Mas compreende-se: um bando de miúdos sem o amparo de um adulto experimentado, gera tragédia.

Depois do almoço, reuniram-se com o comando. (um aparte: o chefe de canton é de Guena, afinal). Reunião com as senhoras. D. Cat explicou vinda, lavras, alfabetização, etc. Distribuição de lenços da OMA às mulheres, meninas e milicianos e roupa às mulheres. Ernestina e o filho do soba devolveram a sua parte, zangados. Antecitem o avião portuga sobrevoou isto.

Segunda, 11

É um trabalho ensinar-lhes a apreciar e a reparar o pouco, (...) a possuir um espírito revolucionário que vê mais além do que no prato.

À hora da lavra como combinado, as veias locais disseram que houve óbito na Banga e vão já chorar. Portanto, está perdido o dia da lavra.

Durante o dia, os guerrilheiros fizeram delegações sucessivas ao "nosso" quarto para pedir lenços da OMA para o grupo, as amigas e tudo. É um trabalho ensinar-lhes a apreciar e a reparar o pouco, a esperar, a possuir um espírito revolucionário que vê mais além do que no prato.

O avião portuga passou mais hoje.

Há fome no quartel

Curtoso que os makota exigem que falemos só português com as veias.

Está tudo a espera do carro: há fome no quartel.

Afinal o Zeferino também se foi revoltado com os moxicos porque "não se líga a luta no Sul, etc."

Passsei o dia lendo para dar o material aos guerrilheiros. Comemos cogumelos colhidos perto do rio. Os locais só comem o que cresce longe da sanzala, com medo de virem de cócó.

Sete senhoras iniciaram o curso de alfabetização, com os filhos cujo corpo é coberto de borbulhas dos minúms ou de aparência esquelética, pendurados às mães.

Terça, 12

Porque tanta hérnia?

A companhia teve um acesso de tosse sério. Diz que isto é vulgar nas matas, assim como lombrias e hérnias. O Gougel é assim teimoso porque sofre de hérnia também. Porque tanta hérnia?

Ontem a companhia ouviu um camarada dizer:

"Não comemos a carne, mas também matamos o cão." Mas ela não entendeu o que era. Afinal um cão da Sanzala comeu a cabra montês do quartel e foi abarida *sur place*. Óbito, pois, o irmão do dono caiu em Janeiro numa mina nossa que lhe deu cabo.

Comment? "Portugalidade"?

Às tantas veio o cabo com comida, encontraram-nos na lavra "*bilanga ya cope*". O avião português sobrevoou a lavra.

Sete senhoras vieram ao curso de alfabetização.

De noite, a EO convocou Francisco Silvestre e Fernando Pascoal da Costa. *Comment? "Portugalidade"?*

De manhã o Senhor Ferdinand quis causerie sobre o Mov., Mário de Andrade, fuga do Neto⁶⁰, sobre a ajuda aos guerrilheiros, mudança, etc.

Quarta-feira, 13

Duas senhoras chegaram a vias de facto

Passámos noite em claro com os cães a ladrarem e corrida de cabras. Afinal não houve nada.

O carro partiu com o Kiki e outros. Não fomos à lavra tirar kizaka porque a guia adoeceu. Mandei 200 F à D. Lídia à OMA de Brazza para cötas Abril-Maio.

De noite (20,00 horas) grande choradeira de crianças no largo do Senhor Pascoal, polígamo: as duas

senhoras chegaram a vias de facto. Alvorogo de toda a sanzala, pensando que era o inimigo e os dois guardas acorreram e um disparou uma rajada para acalmar os contendores. Da outra ponta da sanzala, outro guerrilheiro disparou outro tiro. Depois de algum tempo veio a calma. Como explodiu uma mina nossa, arrumamos tudo, prontas a agir, balas no cano.

Quinta, 14

Dirigente é quem orienta através do exemplo

Discussão na enfermaria sobre erros dos dirigentes. Fazer crónica explicando que dirigente é quem orienta através do exemplo. Não cometer abusos de poder: castigar o membro do comando que deslocando-se para uma missão volta dizendo que deixou perder as duas armas; ouvir todos os acusados, sem poupar os dirigentes nem castigar sem audição. Os dirigentes devem dar exemplo em tudo, não acumular roupa, botas, etc. destinados aos guerrilheiros, não comer a farinha que se diz para as missões, não dar às amigas a comida destinada aos guerrilheiros, não desviar os cigarros que a OMA envia, não fazer trfulha com as encomendas enviadas aos guerrilheiros. Honestidade, acima de tudo, em todos os escalões do Movimento.

*Passai a manhã agarrada
ao cabo da enxada*

Espirito democrático de fazer reuniões e prevalecer a opinião da maioria. A terra, a luta é nossa e há que usar tudo honestamente para o avanço da revolução. Não desviar os fundos para as missões.

Esta foi a menstruação mais gozada que já tive: ainda com as dores, passei a manhã agarrada ao cabo da enxada com um grupo de vinte crianças da escola, na lavra delas. Foi gozadíssimo: riam a juntar o capim atrás da mesma pessoa, o João estava atrás de insectos que matava, admirava e fugia, a matança do rato, o céu muito azul, com nuvens brancas por cima da lavra limpiada por árvores altas, sempre verdes.

O Kiki partiu para Dolisie ontem porque a Nambuangongada só quer lutar lá e ameaça partir a pé também.

*É para a família que vai a comida
para os guerrilheiros*

Os quatro comandos são casados e é para a família que vai a comida para os guerrilheiros. Depois que foi tirado da intendência, um camarada acabou com o casamento. Logo que chega uma remessa dos guerrilheiros comem regularmente durante um máximo de quinze dias, depois penúria.

Além da comida mandar-lhes:

- Quinino
- Carvão
- Algodão
- Vick
- Gaze
- Pomadas contra ferida
- Tesoura
- Bics
- Papel solto e blocos
- Lenços de bolso
- Agulhas e linhas
- Sabão

Para ser sócio do chamado "clube juvenil" da E O

- 1) Nome
- 2) Morada
- 3) Data de nascimento
- 4) Fotos

Auténtica organização juvenil fascista para o exército desesperado buscar carne para canhão e madrinhas de guerra sádicas.

Foi boa a crónica sobre mobilização, grupos, etc, apresentadas ontem em A.C. Repeti-la e fazer panfleto, talvez.

Sexta, 15

Esta é a primeira OMA que vêm a ficar junto dos guerrilheiros e do povo mais tempo

Guerrilheiro do MPLA, não compra manjevu?

— O guerrilheiro do MPLA, não tem dinheiro.

O nosso dinheiro está mbora em Brazzaville."

— Todo o tempo espera, espera.

— Não faz mal. Mesmo na Europa é assim: eu como hoje, você come amanhã.

— Mas assim não está bem. Se você está comigo e você come hoje, eu também tenho o direito de comer hoje."

— Ontem de noite, dois camaradas vieram buscar o enfermeiro: o Diabo Vermelho está com sintomas de loucura.

A companheira e o enfermeiro foram para lá.

Combater:

- O barulho bestial ao tomar sopa ou chá

- O mastigar com a boca aberta, a porco

- O não ter modos à mesa, deitar restos de comida pela janela

- O interromper aulas para cumprimentar

- O escarrar, cuspir

Segundo os guerrilheiros, esta é a primeira OMA que vêm a ficar junto dos guerrilheiros e do povo mais tempo e a animar os guerrilheiros.

Segundo a companheira, o quartel está muito sujo e cheira mal. Convecê-los a fazer limpeza.

Um tal Venâncio veio buscar o lenço e a roupa que lhe cabe. Mandámos-lhe ao velho soba, depois de uma xingadela.

Que mercenarada, estes merdas!

O Casse recusou-se a ir em missão com um grupo; foi o Lumbumba. Sempre que há missões ao interior, o Casse alega que não vai porque o Movimento não lhe satisfiz uma requisição de 15 mil francos e outras porcarias ligadas ao alembamento da moça dele. Que mercenarada, estes merdas!

Mobilização aqui consiste em fazer de confidente, ouvir queixas de todo o mundo e reclamações de falta de roupa. A minha companheira tem muita queda para conselheira e arbitro. Eu não; perco a paciência mais facilmente e dou rebocadas. O Afonso, filho do velho soba, veio outra vez com a cantiga de ir empregar-se porque pela terceira vez não recebe roupa. Este é o malcriadão que desenvolveu o lenço no domingo e vem sempre choramingar.

Na escola foi um caso convencer as mulheres a partir os lápis para repartir com as outras. Que egoístas, minha nossal! Parece que apreciaram no entanto, o plano de virem comer à nossa casa para treinar português, maneiras, etc. Vamos lá ver em que tudo isto vai dar. Se mesmo assim forem aos tugsas e Taty's, então, simplesmente BOLASI, mas há que continuar a dar-lhes tudo até ficarem esclarecidos.

Que farsantes e quanta trajulha de esconder armas, desviar dinheiro e fingir missões

A comichão dos miruíns e das picadas tsé-tsé no olho do pé originou dor de cabeça e febre à Prudência e ao miúdo. A companhia e eu coçamos a valer, ontem também houve papo com Lumumba e Vasco. Estes coregionais são tão pobres. Petrov, Kashiona e Lucienga disparam-se de propósito na mão direita para não pegarem armas no maquis. Que farsantes e quanta trajulha de esconder armas, desviar dinheiro e fingir missões.

São naturais e não devem ser debandados

Hoje uma missão ao interior falhou porque o guia não apareceu ao local combinado. É mesmo possível que tenha ido avisar aos tugas e inimigos.

A Minga Antoine deixou aqui dividas de mais de vinte mil francos CFA, em quase todas as cantinas locais. E ninguém pode chamar-lhes a atenção porque são naturais e não devem ser debandados. Isto agora!

Sábado, 16

Lutou com outro por causa de botas

Os cães ladraram nas duas pontas da sanzala. D. Cat. foi com Florinda buscar kizaka para os guerrilheiros às lavras que ficam do lado dos tugas e das minas. *Tamamú* não haja nada!

Angolanas, lutemos unidas pois unidas venceremos! Organizadas no MPLA, Lutando por Angola. Apressemos a vitória através de um trabalho intenso. D. Cat. voltou radiante: viu o caminho para Angola e que está minado. Na lavra ninguém fala alto. Mãos à kizaka para os guerrilheiros amanhã. Tchimpiati e Vasco partiram. Lopes lutou com outro por causa de botas, à porta do dispensário.

Diz que o embaixador indonésio em Pekim demitiu-se, em sinal da desassociação da política sanguinária do seu país contra a China. Que atitude honesta e corajosa! Os merdas ghaneses não foram capazes de fazer coisa idêntica. Todos caíram e renderam-se aos Yankees!

Domingo, 17

Um tal Inocência que abandonou a luta

Ontem a noite começámos a aprender a manejar PM 44. uma delícia!

Este foi um dia de mobilização política e esclarecimento a alguns dos nossos guerrilheiros.

A companhia está um pouco incomodada e com a Prudência fomos levar a kizaka ao quartel. Cotados destes rapazes precisam de carinho, orientação e disciplina, acima de tudo um Comando honesto e umas condições melhoradas.

A mulher do Casse veio com outro grupo de Banga à procura de lenços da OMA.

Chovou de tarde.

O Lumumba e o Pascoal com a ajuda do JMNR fizeram justiça a um tal Inocêncio que abandonou a luta, mas conservou uma quantidade razoável de artigos com a cumplicidade do Casse. Foi espancado e conduzido ao quartel. A falta de esclarecimento e consequente traição desta gente está a desmoralizar a malta.

Diz que o Couto Cabral passa mal por não estar habituado às condições duras do guerrilheiro. Nomeado para lenhar hoje, trouxe apenas duas lenhas.

"Fogo" foi o programa de AC dedicado aos guerrilheiros. A marcha é muito linda. Vai ser apresentada em cada terceiro domingo.

Segunda, 18

As panelas do dispensário pertencem também a camarada Helena

Dormimos mal, quase nada; sempre atentas aos barulhos da noite.

A camarada Helena em casa de quem os hóspedes ficam pede panelas, balde, etc. Não demos resposta; temos de consultar as outras e pronunciarmo-nos depois.

Fomos à lavra do guerrilheiro.

As panelas do dispensário pertencem também à camarada Helena. Temos de remediar isto logo. Fomos à lavra do guerrilheiro.

De noite subemos que o Inocêncio, Casse, Félix e Pigeon foram à Banga e ainda não voltaram. Não houve guarda do lado leste: ficámos atrapalhadas. Na enfermaria ouvimos poto-potos daqui (Zeferino emboscado, Pelé que se recusou a ficar na zona B, passeios à PN do Casse que diz ir outra vez esta semana porque já não tem cigarros, possibilidade de armas escondidas e contactos deste chamado Comando da zona com os Taly's; cenas de luta em Cateje; Madikita, Joana e Prudência).

Veio um homem de Malange procurar medicamentos urgente para a enteada que está muito doente.

Terça, 19

Estes tribulistas de um raio compreendem lentamente.

Ouvimos um jacto ontem às 23.25 horas. Os "comandos" voltaram ao quartel hoje às 4 da manhã e o Félix "não sabe onde deixou" a sua PM 44. Já viu?

Depois de ouvir a cena da emboscada ao Zeferino a caminho do quartel em pleno dia, 10 horas da manhã, não quero repetir a diabrura de ir só ao quartel como fiz ontem ao meio-dia.

A missão que devia ter saído ontem não foi porque o guia, Pascoal, não quis, alegou ter outras coisas a fazer.

Hoje trouxeram-lhe o sacador do quartel; será que vão mesmo fazer alguma coisa ou só para o inglês ver?

De manhã ia havendo bagunça no quartel. Os da

região queriam dar primeiro comida ao preso Inocêncio; os outros falaram e o "comandante" disse: não faz mal se ele traiu porque traiu a região dele. O "Pigeon" acrescentou: "os que não são desta região só têm caminho de entrar em Cabinda; o voltar já é difícil. Uma vez que passam a JMNR no Banga, pronto, acabou-se a vossa segurança". Estes regionalistas devem estar mesmo a tramar qualquer coisa contra nós. Por isso temos de estar sempre alerta ao mínimo gesto.

Petrov, Minga e Gackson devem ser apertados, esclarecidos e julgados, em último caso. É urgente pôr ponto final às trifulhices regionalistas deles.

O avião tuga sobrevoou isto às 11.40 horas. Fomos à lavra do guerrilheiro. Fizemos doce de mamão. Os nãmbuas dizem que estou fazendo falta em Brazza para a rádio porque "a outra fala como se não tivesse dentes ou quê" e é difícil entendê-la, assim com a Ma. Palm. Na escola dei bronca com a velha Delfina que cheia de inveja, quer fazer o que a Florinda mais adiantada, faz. Preciso de mais calma, mas como estes tribalistas de um raio compreendem lentamente.

Depois da aula fizemos reunião de esclarecimento em que a D. Helena disse "se vocês, as donas dos trabalhos não fizerem boas coisas; então o trabalho não pode avançar. "Pedimos-lhes detalhes e esclarecemos que o trabalho é de todas nós, e a luta também. Querem aprender a ler e a escrever, falar português e no cacimbo farão a lavra, dissemos que

isso seria possível se elas não fizessem poto-poto com os tugas ou com os Tatys. Prometeram fidelidade ao Movimento. *Mon vieux*, nunca fiando.

Quarta, 20

Casse é "comandante da panela".

Fomos à lavra com quatro camaradas. Chegou o carro com Marcelino e Kiki. Recebi cartas da D. Cadete, Lussola e Job.

Temos mobilizado a malta, mulheres e guerrilheiros, através de papos.

O miúdo António ficou adoentado e a mãe pôs-se a choramingar.

A companhia quer dar já fora daqui "porque o Horácio vai em missão." Estou a convencê-la a ficar. "Dormimos" em estado de alerta por falta de guardas. Casse é "comandante da panela".

Quinta, 21

Nervos erigados durante a noite

Fomos à lavra da escola e apanhamos *kifune*.

A companhia continua querendo "partir para aproveitar a enfermagem." Disse-lhe para aproveitar o próximo furto.

Apareceu um compatriota fixo em Guena com um maquinismo explosivo que Kiki deixou no cambóio. De tarde este veio com a caníga de a Omba pagar

gasolina quando tiver que ir à Guena. Fiz bagunça por causa disso. Cabras, insectos, etc., puseram-nos os nervos eriçados durante a noite. A companheira teve acesso de paludismo.

Sexta, 22

Fiz doce de mamão para os guerrilheiros.

Não fomos à lavra por causa da doença da companheira. Um animal morto provocou a mudança do dispensário e nós nos mudamos também. Chegou o Assis com cigarros (8 pacotes) da OMA para os guerrilheiros. De noite fiz bagunça com o Assis por causa do Cambanga. Fiz doce de mamão para os guerrilheiros. Pela primeira vez dormimos, apesar do colchão novo aos degraus. Não houve aulas por causa da mudança e da chuva.

Sábado, 23

Debater o extravio do correio

Continuámos a limpeza na nova casa. Chegou o grupo que partira em missão na Terça-feira. Distribuímos-lhes os cigarros e o doce. Sentem-se não esquecidos.

Em Dolisie debater o extravio do correio. Salvador chegou com carta de Mariazinha, mas sem os

jornais. Não houve kizaka para o quartel por falta de moamba. Aprendemos a marcha do guerrilheiro.

Domingo, 24

Íçar a bandeira no quartel

Às 9 íçar da bandeira no quartel. Casse, eu e Zé Manel (Unidade: é pá, nós sem unidade estamos lixados). Houve marcha acompanhada de canções revolucionárias e de três tiros. Ao destroçar houve excitação e fez-se um fogo de mais de 1500 balas (1.303 cartuchos foram recolhidos e contados depois) e 3 granadas fumíferas. Foi árduo acalmar os rapazes. Com a companheira e a Prudência cozinhámos o almoço e jantar do quartel. Ficaram animados. Esperamos pela "Angola Combatente" e... nada.

Segunda, 25

Fomos à lavra do guerrilheiro.

A velha Dele deu-nos uma galinha e andámos à caça de moamba que depois a Prudência pôs no *makunde*.

Ouvi "I cannot stop" de Ray. Que familiaridade!

Terça, 26

De manhã o Assis partiu de bicicleta para Guena.

Fui à lavra com os guerrilheiros. A companheira ficou a ajudar no dispensário.

Almoçamos uma moambada de galinha dada pela velha Dele.
De tarde tive sezão: paludismo na certa.

Quarta, 27

Passsei o dia na cama, sem acção, vomitei

Assis voltou às 10 e tal. De noite falou-se em disparo de uma arma pesada. Não sei onde foi isso. Ontem houve muito papo de pólvora, dispensa de guerrilheiros doentes.

Houve um tiro lá pelos lados do quartel. O que será? Chegou o carro e nós devemos partir daqui amanhã. Não sei se aguento a viagem porque passei o dia na cama, sem acção, vomitei.
Ouvimos demissão de Lissouba: que isto?

Quinta, 28

Desmoralizada com a falta de "Angola Combatente"

Caiu um *muzumbi*. Jogamos aos quadrados até às 11 e tal. A malta vem levar bilhetes e todo o mundo pergunta se a ONMA se vai e quando volta.
De noite batemos um papo sobre tudo e deu-me uma comichão tremenda.

A malta está muito desmoralizada com a falta de "Angola Combatente". Mas porque esta falha? Fita da marcha Lissouba?

Passámos a manhã jogando aos quadrados. Depois chegou a hora da partida: todos tristes e nós evíamos despedidas. Ferdinand ausente.

Parámos muito pelo caminho: bananas para Mime e Assis, casamento do Salvador, etc.

Em Guena, de noite, contactámos Mme Martins e o Sr. Paulo. Demos lenços às mulheres do último e à do Sr. Fidel.

Sexta, 29

A cama está cheia de percevejos

Dormimos putu: a cama está cheia de percevejos e a minha comichão continua, apesar do cálcio bebido ontem.

Preparámos a partida, depois da limpeza e murbi. Enviamos um pão para a Prudência e treze para o quartel com Assis que deve regressar hoje a Tchi.

A carruagem é diferente e melhor do que a que nos trouxe.

Postas em Dolisie, estivemos com Mme Cadete e os do escritório: o telefone está cortado por falta de pagamento. Por isso não se sabe porque não houve "Angola Combatente".

Sábado, 30

Passsei a manhã fazendo relatório que apresentamos de tarde à direcção local: às duas Lúdias.

Domingo, 1

Li o material para ser enviado aos rapazes da zona A. De tarde houve reunião da OMA, aprendemos a marcha, etc.

D. Fausta veio convidar-me para volta de carro: recusei. Convidou-me para jantar amanhã.

Segunda, 2

Li o resto e lavei.

Ontem não houve também "Angola Combatente" e ninguém sabe o que se passa. Que coisa!

Quinta-feira, 12

Mentida no fula-fula

Metida no fula-fula às 8.20 horas só saímos de Dolisie às 11 e tal. Cadete chegou e partiu. Com Amélia, fizemos o programa de actividades. Devorei "O caso da Loja de Flores".

Sexta, 13

Amélia e Bura discutiram por causa do luando

Cedo apareceu um grupo de patrulha que matabichou conosco. O Sangue-do-Povo veio consultar e tratar os doentes desta sanzala. Amélia e Bura discutiram por causa do luando. Bura inutilizou uma seringa e perdeu a válvula da bicicleta do Sangue-do-Povo.

Faty chegou de Dolisie com uma carta urgente da Mariazinha para eu apontar o trabalho para a FDM. Suspendi a leitura de "China, Revista Ilustrada" e lancei-me ao trabalho. Só falta a Cartilha de Higiene. Pelo Cadete mandei pedi-la a D. Cat. Anselmo veio à residência.

Sábado, 14

Deve ser terrível ser analfabeto

Kilenge partiu para a base e um Costa foi para Dolisie. Acabei de ler "China". Não posso adiantar o trabalho para a FDM sem a Cartilha.

Deve ser terrível ser analfabeto: o Kilenge, Longo e até a Amélia só querem ouvir batucada congoleza. O primeiro está todo aborrecido porque nesta fronteira não há bares. Eles sentem falta do ambiente depravado de Léopoldville. O miúdo diz ainda que na base da UPA era melhor porque cada guerrilheiro tinha uma tesoura e lâminas. É trágico trazer estes "combatentes" corrompidos pela UPA, directamente para a frente do MPLA. A mudança rápida e grande desanima-os.

Porque a cidade tem sempre a primazia?

Para poupar a saúde valiosa dos nossos guerrilheiros porque não dar-lhes mosquiteiros, melhorar-lhes a comida, etc? Porque a cidade tem sempre a primazia? O Costa ao ver-me hoje, disse que julgava-me na Europa.

Os companheiros da casa deram bronca por causa do rádio. Eles não compreendem que o vento interfere. Fazem tanto barulho que custa-me concentrar na parte final do documento. A Amélia gaba-se que durante dois meses não bebeu água, mas só cerveja em Brazzaville. Ela aspira voltar lá para "ambiance". Não, agora quer ir a Ponta-Negra "ver o mar". Diz que vai trabalhar para enviar roupa aos filhos e ter dinheiro. O Longo quer pano da OMA porque não pode ser. O kilengue lembrou as primus que bebia em Léo. É um erro não fazer mutações como no caso da Amélia que se queixa de tudo e de todos. Diz que gostaria de ir também cozinhar em Brazza. A todas minhas iniciativas o Dongo diz que é política. Estou desanimada; trabalhei até às 20.30 no documento para a FDM.

Domingo, 15

«L'Heure du Mystère»

Cedo acabei o documento. O rádio recusa-me a funcionar. Passei o dia incomodada; valeu-me a aspirina. Está uma dessas ventanias que o Dongo gosta para levar os mosquitos. 18.50, não há "Angola Combatente hoje"? O Costa passou largo. Mme Ateu veio ver-nos. Angola emitiu em francês também. Ouvi «L'Heure du Mystère». O Nívico funciona graças ao Anselmo.

Segunda, 16

O resultado da nossa política do papel e da dependência do estrangeiro

Não me passaram as cólicas. A Amélia foi a Dolisie. A malta veio da base à procura de comida: lá só têm ervilhas. Diz que nem com dinheiro aparece mantíoca à venda. Pedem 5 e 10 francos. Fome. É o resultado da nossa política do papel e da dependência do estrangeiro. No nosso vocabulário não entra "lavra". Ou o povo faz, ou o estrangeiro manda militantes e dirigentes *sur place* não podem lavar porque pegam em armas.

O Longo quis ensinar-me a fazer o doce de tomate; reprovava tudo. E eu fico danada com a insolência dele. Chegou Nzaji de Brazza com carta do Desi sobre a Dorita. Boa notícia: além do hermano, Humberto também voltou. Poto-poto grande: o Russo do Carreira foi enviado a Angola pelos pais. À hora dos "brindes" o Nívico só captava Lagos: quase a rachei de raiva; e às 14.45 voltou a captar Angola. Afinal o Macedo foi à URSS com o Pedalé.

Terça, 17

Finalmente passaram-me as cólicas. Puxa! Que menstruação difícil, foi esta! Mme Nzaji foi à Dolisie e levou a carta do Desi para a Direcção da OMA.

Dizem que na Base um camarada foi preso por ser apanhado a roubar lataria e chocolates da dispensa. É a

miseria da fome. Se esta fase não passa a correr, bolas.

Chegarão comandantes para o almoço com o Sous-Prefet: *napi* Amélia? Barraca. Pelinganga veio e começamos fazendo o tal jantar. Depois Amélia chegou e tudo foi bem. Na Base desaparece *mucha* *cosa*: açúcar, sabão e até calças de tergal. Há que andar com o sacador às costas? Chegou também Maria da Bulgária, "*engenheiro de minas*".

Tiro deixou à Amélia uma carta-jornal: parece que vai transferido. A Sr.^a suspirou, etc. "E a guerra que queremos então!"

Carreira e Costa passaram para a Base.

Quarta, 18

Disse-lhe ainda para agarrar-se aos livros e estudar

Comandantes, Carreira e Costa foram para Dolisie. Fiquei danada com o salalé: comeu as minhas calças que estendi na cerca do quintal.

Ontem à noite o Anselmo deu à Amélia uma carta do Tiro. Leu-a aos suspiros. Hoje comutou as kikwangas que ia fazer, começou a fazer reitências quanto à nossa ida para a Base, etc, etc. Disse-lhe para não darmos o dito por não dito para as outras não se tirem de nós. Que lá por o Tiro não estar, não recuar. Foi aos ares com isto, porque dizem que tudo o que faz aqui é por causa do Tiro. Eu disse-lhe ainda para agarrar-se aos livros e estudar para com uma bolsa aperfeiçoar-se um dia. Diz que com esta coisa, não quer bolsa senão dizem a mesma coisa.

Está moribunda com a ausência do marido.

O Agostinho deu barraca por causa do açúcar: fez comício com a Amélia em frente da casa e depois na sanzala; que ia deixar as armas, etc. chamei a atenção da Amélia.

Simão trouxe-me pilhas e comida. Ouvimos "Angola Combatente"

Quinta, 19

Os mosquitos fazem cá um tal coro

Continua o caso Agostinho. Com o Comissário e Martins, etc. a *fundu*. Amélia queixou em Kikongo ao primo Comissário o papo de ontem. Eu disse-lhe para ser transferida; começa a ser relutante sobre mudança.

Cerca das 17 horas e tal chegamos à Base. Todo o mundo é gentil e vem ver-nos. Retirada da bandeira, jantar, damas com papo do Abílio. Que impressão, cochichar depois do recolher, às 9. Dormimos em casa do Kalé, com mosquito. Os mosquitos fazem cá um tal coro. Feliz da vida por esta ocasião.

Sexta, 20

Traduzi VITÓRIA OU MORTE

Conheço agora o valor de um mosquito. Fomos as primeiras ao rio. A companheira disse-me para tirar as balizas da corda; finquei o pé: é roupa, têm de habituar-se a ver balizas, como se fossem as cuecas deles.

Formatura, elevação bandeira. Chegaram Kiliengue, Kingulu e Maria: Agostinho continua fazendo confusão no Pangi.

Capinámos das 9 às 12 horas. De tarde, traduzi VITÓRIA OU MORTE. Chegou o camião com jornais e cartas.

Altas horas chegou o grupo de estagiários do CIR numa marcha de 60 Km. A Josefa é a única moça que realizou esta façanha. FORMIDÁVEL!
Dormi na mesma caserna com Kalé e Petrov.

Sábado, 21

As damas são tentação forte para mim

Lavrei das 6 às 8, em cuja formatura estavam os estagiários. A companheira só pode fazer das 6.30 às 7.30 horas por ter de lavar a roupa do marido que chegou ontem e parte hoje.

Continuarei lavrando das 9 às 13 horas. É fácil começar; o pior é suspender. A minha vontade é acabar tudo num dia. De tarde comecei a ler, mas as damas são tentação forte para mim.

Petrov foi-se, mas continuo no mosquitoeiro do Martins.

Domingo, 22

*Fui com o pessoal à carreira de tiro
Custa-me manter a pesada PM-44*

Lavrei cedo. A companheira foi a Kimongo. De tarde fui com o pessoal à carreira de tiro. Que negócio espectacular: fiz 2 dez com a carabina e com a PA a pouca distância. Custa-me manter a pesada PM-44. Vamos lá ver se com a prática isto vai mesmo.

Ouvimos "Angola Combatente" com kikongo, fiote e tshokwe já. Ouvi "l'Heure du Mystère" depois de ouvir as avarias do Beto.

Segunda, 23

A nossa casa foi invadida pelo kissonde

Abílio, Didi, Sangue e outro camarada ajudaram-me a lavar; a companheira ainda não chegou. Voltou a patrulha. Estou desanimada com o avis de cada um acerca do terreno, sementeira, etc.

De tarde fiquei num papo cerrado com a malta e joguei às damas. A companheira veio com a notícia da morte da avô. Vai portanto à Dolisie e talvez a Brazza. A nossa casa foi invadida pelo kissonde. Acomodei-me numa maka na enfermaria. Às 2 da manhã voltei ao lar e dormi nas calmas do mosquitoeiro.

Terça, 24

O Comissário recusa-se a fornecer camaradas para ajudar-me na lavra

Partiu a companhia e mais gente. O Comissário recusa-se a fornecer camaradas para ajudar-me na lavra: que a OMA faça o seu trabalho e os guerrilheiros o seu. Não sei se estou correcta, mas acho estranho tal raciocínio. Mesmo assim, Manteiga e Ajacto ajudaram-me, tendo este partido uma das nossas enxadas. Os guerrilheiros começaram a lavar no pântano e têm cavado um poço perto.

1967



pisei Angola depois de quase oito anos de ausência: beijei o solo

Parti do quartel às 15. Chegámos a Kinshasa às 17h e 30. Que ambiente miserável e depravado: fomos retirados do táxi porque o pneu está fraco. Tanto cabelo, couro, tanto olho azul e tanto carro bangundo(?) ianque e alemão!...

Jogámos suca. Só de tarde chegou o resto do grupo. À noitinha veio a polícia atrás de dois camaradas que tinham ido buscar as trouxas à outra casa. A coisa arrumou-se com cem francos. Isto é Congo, caramba! Se me vejo livre desta terra, não quero voltar aqui enquanto Angola não for independente ou este Congo tiver um governo revolucionário. Saímos em pinha de combóio. Há upistas por todo o lado, repudiei a mulher e filha do velho Chaves para não dar nas vistas. Não sei se compreenderam.

Viajei muito mal com cólicas terríveis; que começo! Na estação do Songo a nossa caravana chama toda a atenção.

Trabalho duro durante o dia para arrumar as mochilas, comida e outro material. Às 22h partimos de Songololo. Numra grande confusão pegamos nas armas e munições.

O Casimiro perdeu-se 5m depois da partida e andou aos gritos para ser achado. Os voluntários carregam muito e já vão cansados. Um desistiu. Disseram que o Nguma desertou em Kinshasa.

Andámos a noite toda e de madrugada avisámos o posto tuga do Luvu. Dormimos parte da manhã sob uma mosquitada terrível. Fizemos o menu. De tarde distribuímos as armas e munições devidamente. Bebemos dum pântano chato: isto pode causar paludismo.

Somos 127, sendo 84 guerrilheiros e 43 voluntários.

Às 7 salimos de perto do quartel tuga em Luvu e passamos a 7kms dele apenas. Às 15h quando fâmos a cruzar o rio Luvu, surgiram dois bombardeiros tugas. Primeira experiência do género: deixámo-nos logo no capim. Seguiu-se a travessia em corda e pisei Angola depois de quase oito anos de ausência: beijei o solo.

A travessia durou das 14h30 às 21h30; o Comandante trabalhou afanosamente. Tudo molhado.

Cedo rumámos em busca da estrada do Nôqui. Andámos duro o dia todo; nada. Dormimos sentados. Durante o dia todo não sentimos nenhum avião nem carro. Atravessámos uns pantânos lodosamente terríveis. Eu prefiro subir penosamente um morro do que atravessar a pé águas quase de hora em hora. Um dos voluntários está com hérnia. Os carros tugas exibiram-se na estrada do Nôqui das 7h30 às 8h30. Depois o avião tomou conta da área das 8h30 às 13h. Não podemos ir ao encontro do grupo de reconhecimento por causa da aviação tuga. Às 14 partimos e às 14h30 surgiu a aviação. Camuflámo-nos: os voluntários atrapalham-se imenso. Só retomámos caminho às 17h30; um bombardeiro passou baixo. Às 18h30 cruzamos a estrada do Nôqui sensacionalmente.

A malta está animada por ter transposto um obstáculo. Agora buscamos a Ilunda Iole. Há muita pégada de caça.

A comida começa a escassear e desde ontem temos só uma refeição por dia. O Kingandu apanhou um bagre e eu tomei um banho pela primeira vez desde que partimos de Kinshasa. Dormimos num local arriscado perto duma estrada estranha.. Interditou-se a caça.

Há sempre agora grande confusão por causa das imbambas e da tipóia. A certa altura o Bunga ofereceu-se para levar a tipóia: o Comandante e o Lopes também levaram. Há também grandes chatices com os moços por causa da comida: sempre maka. Perto da estrada o Miro prometeu dois bofes à Luko: ambiente mal-são.

Dormimos à 1 hora para ferver abacates, safus e dendéns, a cinco kilómetros da estrada.

Despreocupadamente cruzámos a tal estrada às 7h.

Às 7h30 recomegaram a passar os carros tuga. E o lugar é meio clareira.

Finalmente apareceu-nos o Ilunda: que cruzámos facilmente em pedras. Que sensação para todos nós!

Às 10h20 torci o pé direito barbaramente, mas andei ainda durante 15 minutos com o meu sacador e tudo.

Depois não pude mais e friccionei-me com Linimento Sloan porque está a inchar.

Domingo o pé piorou e interrompemos a marcha pelas 18 horas. A malta está abortecida e eu também.

Se acontecer qualquer coisa, a culpa é minha.

Mais um dia de marcha valente para todos; para mim, este foi o primeiro dia de tipóia: chato para burro.

A aviação tuga rondou-nos das 15h20 às 16h15. Que grande susto: e numa área sem mata.

Como a fome desclassifica

Há já gente caíndo de fome. Tashkent, Van-dünem,

Cassule e Lopes carregam a tipóia, mais 2 voluntários.

Marcharam os outros para as montanhas. O avião rondou das 11h45 às 12h15 perto de nós também.

Instalámo-nos provisoriamente debaixo da chuva e jogámos sueca. Safram os caçadores mas nada mataram. A colmeia está muito alta: nada de mel.

Para o meu pé mudei do Sloan para o Vicks. Ouvimos "La Voix de L'Angola". O avião rondou outra vez até as 16h20.

Apareceu o mapa do Comandante. Eu é que estou arrasca: alguém levou as pilhas do meu rádio e não se sabe quem. Oxalá não as deitem fora, caramba!...

Com esta fome e questão dos pesos!... Às 13h40 chegaram os caçadores com um rabo de pacaça: houve quem dançasse de alegria. Como a fome desclassifica: há gente que fica desvariada por ver outros mastigar. O Lopes trouxe-nos fruta pinha selvagem, o Cassule limão. Alguém foi comer às escondidas farinha no capim e um grupo comeu de noite o mel que devia ser para todos hoje. Houve a festa da pacaça. O Casimiro tratou-me o pé: os músculos estão muito melhor, o caso é o nervo que parece ter sido atingido. Necessário outro tratamento, senão aí de mim no trajecto seguinte. Medicaram Vitamina B, mas não há nada disso.

De manhã foi o diabo por causa da tipóia, ninguém quer levar-me. Lopes e Pimentel prontificaram-se, mas custa-lhes imenso. Por isso fiz já parte do percurso pelo meu próprio pé. Grande surpresa: parece que chegámos ao rio Mbridge. Que valente! O ideal seria atravessá-lo ainda hoje por causa da aviação, mas há que fazer as jangadas.

Às 17h30 começou a travessia. O Levesky não conseguiu obter resposta da chamada que fez. Ouviu-se «Angola Combatente». Fiz o jantar.

A malta atravessou durante a noite toda e só passou todo o mundo cerca das 9.

Que sorte ser neste caminho e ontem ter sido domingo! O avião tuga começou a rondar às 8h30 quando fallavam quatro pessoas para cruzar o rio. Puxa!... Hoje calcei o pé doente e arrecadei parte da mochila; vamos lá ver se aguento e tudo dá certo com o chato deste pé.

tipos da Upa abriram fogo contra nós

Às 10h40 e 11h15 passou aviação tuga. Pelo caminho é uma correria desvairada pela fruta. Andámos bem e vimos atrás as pedras de Tomboco. Esta região do Bembe é perigosa e ouve-se a morteirada tuga. Houve acidente do Moniz. Oxalá se safe.

Cerca das seis horas, tipos da Upa abriram fogo contra nós e seguiu-se confusão: gastaram-se munições, extraviou-se gente. Se o quartel tuga estivesse perto, estávamos fritos... Passou avião tuga às onze. Lucrécia, Mussunda e quase toda a Secção A a ti texi e há que encontrá-los. De tarde apareceu o Mussunda; o resto nada. O Comando reuniu-se com os colaboradores e firmaram-se princípios que têm sido relaxados devido ao peso e à fome. Afinal o acampamento dos upistas não fica longe e há malta que queria ir atacá-lo. Dormimos vestidos, prontos para qualquer outra surpresa. As outras três moças passam a ficar connosco.

O Comandante saiu com um grupo ao lugar onde fomos atacados ontem para ver se os desaparecidos

estarão lá feridos. Às 8h40 o guarda viu gente e organizou-se uma emboscada: afinal são os desaparecidos, sem o Talakanga. Às 9 e tal apareceu o avião tuga, mas parece que aqui só passam aviões de carreira. Um grupo saiu com o Comissário em busca do Tala: voltou depois das duas horas sem ele. Também saíram grupos de caçadores, mas todos voltaram sem carne. A fome continua a arrasar a malta, a exaltar os ânimos e a criar problemas. A malta descobriu uma folha que se cozinha. Comemos um bocado de tudo: fruta, coconotes, limonada.

Continuamos a marcha em busca de caça e da estrada do Bembe. Tenho de passar a usar o cobertor que estava com o doente para evitar o frio da noite. Os caçadores voltaram sem nada outra vez e isto desanima muito a malta.

De tarde houve procura de toda a comida possível e imaginária: musangi, jingamba, isadi, folhas, cogumelo, palmito, mel, dendém, fruta. Jantámos "bem" mas dormimos preocupadíssimos com a falta de regresso do Gomes, Vieira e Pedro Neto que partiram às 8h30 em busca da estrada. O que lhes terá acontecido?

Teté, Eureka e eu dormimos à meia-noite para ferver jingamba: oxalá sejam comíveis. Houve outra vez barraca do mel.

O avião sobrevoou o lugar onde estamos às 9h10. Até esta hora os três rapazes não aparecem. Desde cedo a malta está a provar jingamba: a maioria ainda está amarga. Oxalá não haja incidentes tóxicos nem

incidentes com os tugas e que os rapazes apareçam são e salvos.

Ontem houve incidente do açúcar com o Salvaterra; às tantas o Pimentel ia barulhando com o Miro. Tudo vem da fome.

Houve reunião geral e cerca das 10h chegaram os três batedores.

Arrancámos imediatamente sob um sol formidável.

Às 11h45 parámos para descansar e às 13h15 foi morta uma pacaça gorda (fêmea, grande). Seguiu-se festança durante a noite toda. Andei já sem a bengala.

Andámos desde às 7h20 às 13. O avião passou às 11h20, ao meio-dia e vinte e às 12h40. Passámos a noite, com esperança de encontrar logo a estrada do Bembe que contamos atravessar amanhã. O grupo de reconhecimento voltou sem dar com a tal estrada.

Ouvimos discursos fascistas tugas por ocasião da inauguração de um tal "Banco Comercial de Angola".

Arrancámos ainda com gana de cruzar a estrada hoje, mas a malta já não tem carne e estas arrancadas custam-lhes imenso. Parámos várias vezes por causa da aviação tuga. Também fizemos um alto arriscado para se fazer o curativo ao Moniz cuja ferida não está a melhorar. Instalámo-nos cedo num lugar onde os upistas passaram recentemente. Houve reunião geral. Incomodada, mas sem cólicas. Os caçadores voltaram sem nada.

De noite houve kisonde no meu lugar

Continuamos acampados para encontrar caça. Lavei cobertor e outra roupa. Ontem comi muito palmito e dormi mal. Os caçadores saídos de manhã voltaram sem nada; de tarde, idem. Comemos bastante jingamba recolhido das secções e preparámos duas marmittas dele. A fome está a arrasar a malta. De noite houve kisonde no meu lugar e depois chuva e eu só com o pano. Sinto imenso, mas tenho de usar o cobertor. Há malta inchada; o que será? Saíram mais caçadores e nada. Chuva às 17h30. Muita chatice por causa das cargas, tipóia, etc. Muita diarreia também e mais inchagões. O Arsiano escarra sangue. Estávamos para arrancar daqui às 5h30, mas como a chuva não parou, só saímos às 8h30. Continuou a chuva até quase às 13. Só a jingamba está a aguentar a malta. Caminho ultra escorregadio: caí sete vezes, felizmente sem prejuízo grave para o tornozelo doente. Aliás, hoje foi o primeiro dia em que ando sem ligadura depois do entorse. E por cima levei as munhões do Seriosgina.

Só parámos às 18h num autêntico viveiro de mosquitos onde passámos a noite, sob ameaça de chuva. Malta faminta, doentia e desanimada.

desvario dos cocconotes

Ontem houve rumores de estarmos perto da tal estrada. Saíram três camaradas em reconhecimento às 15h e até às 6 de hoje ainda não voltaram:

dormimos preocupados perto de uma picada. Entramos agora numa região perigosa e tive sonhos chatos. Vamos lá ver como nos escaparemos da aviação e helicópteros tugas. Grande aventura: das 7 começaram a passar camiões com tugas. Estamos muito perto da estrada: minha primeira reacção - comer a minha jingamba. Muito nervosismo. Coimbra, Lopes e tipóia adiantaram: oxalá nada suceda e os 3 de ontem voltam são e salvos. Às 9 saú o Comandante com mais um grupo. Às 9h30 atravessámos a picada e às 11h30 a estrada. Depois foi o desvario dos cococonotes.

2 de Fevereiro

Arrancámos só às 7h. Andámos muito lentamente sob um sol escaldante. Ontem houve reunião geral e hoje às dez o incidente Comandante Neto José. Pernoitámos longe da estrada, mas numa mata sem provisões.

Também tive princípios de diarreia mas sufoquei-a no ovo graças à sulfá. O Miro está em baixo com diarreia que está aterrorizando quase metade do destacamento.

Há rumores que os tugas têm descido de helo perto daqui. Choveu de noite, que fatalidade e pouca sorte. Não arrancámos outra vez cedo, por causa da questão de dividir imbambas dos homens da tipóia, e vai ser outro dia de canícula!

3 de Fevereiro

A nossa luta é justa mesmo

Andámos das 7h40 às 16 com as paragens necessárias por causa da tipóia. A área está cheia de picadas, lataria, chocolate Elba, carne de vaca e outros vestígios de passagem recente dos tugas. O avião passou duas vezes hoje, mas tivemos tempo de abrigar-nos antes. Choveu às 14h30 e assim parece que hoje vamos dormir secos.

Acampámos num descampado alto e saiu-se à procura de tudo comível. Almocei fruta-pinha silvestre. Temos tudo muita sorte quanto à aviação e patrulhas tugas porque a nossa luta é justa mesmo. Oxalá continue assim até Ngalama. Incidente Comandante Miro. Loge - amanhã?

4 de Fevereiro

O dia mais duro de marcha

Partimos às 7h, depois da maka habitual por causa da tipóia e das super-carradas. O Comandante não jantou ontem: mal disposto. Parece que o rio que atravessámos ontem e hoje é um afluente do Loge. Este foi o dia mais duro de marcha até aqui: gente com diarreia e pessoas desistindo pelo caminho. A uns 7 ou 8kms há um posto Tuga. A aviação passou perto e rodeou entre as 11 e o meio-dia. Há quatro dias que só vivemos de dendém, cococonote e folhas, e *par-dessus la marche* nada de Loge: só montanhas e desertos sem mata.

Que 4 de Fevereiro inesquecível: não deve haver meeting nem nada. O Comissário Político está mal de dandém que comeu demais ontem. Contava jantar uma tangerina, mas afinal não a encontrei no sacco. Dormimos ao léu para não nos distanciarmos demais dos mais fracos. O Comandante e o resto do grupo dormiu atrás. Choveu a noite toda e todo o mundo ficou encharcado. Dois lobos uivaram perto durante a noite.

5 de Fevereiro

O Coimbra e seu grupo partiram às 7h15 à procura de mata e dandém e perspectivas de caça; nós ficámos à espera do grupo de trás, aproveitando estender os cobertores. Arrancámos às 9 e às 10h40 chegámos à mata onde vamos acampar até termos carne. Seguiu-se o desvario habitual de dandém e coconote. De tarde chegou a maioria dos atrasados. Jantámos dandém. Dormi com a Irene. Arreçou chuva.

6 de Fevereiro

Fomos acordados por gritos de MPLA

Cedo de manhã (8h) fomos acordados por gritos de MPLA. É um grupo de 131 camaradas nossos vindos do quartel de Ngalama e vão ao Congo em busca de material. Vêm com o Kolokié, família do Marcelino, etc. Seguiram-se papos. Traziam um moribundo na tópóia que morreu pouco depois da chegada: que

fatalidade. E é irmão do Correia Francisco. Nem chegaram a reconhecer-se.

Os caçadores saíram em grupos em busca de carne. Apesar de estarmos ainda para aqui do Mbridge, estamos mais animados. Vamos lá ver. Escrevi para o António, Ramos, Zé Pascoal, Mariazinha, Paivuska e Manuska. À noitinha fez-se o enterro do camarada. Jantámos palmito e coconote, graças ao Salvaerra.

7 de Fevereiro

Reunimo-nos com os responsáveis da Rota 21. Partiram com o Moniz-tópóia e deixaram-nos 16 camaradas para aliviar-nos no peso, felizmente; o Vandúnem também voltou por causa da apendicite. Os que me ajudavam a carregar alguma roupa, devolveram-mas e parece que vou ter outra vez problema de peso, devido à fraqueza da fome. Vamos lá ver se aguento.

Lopes e Casimiro foram procurar palmito e coconote e só voltaram às 23h; não se perderam, estavam ocupados a cortar a comida que cozinhámos até às 3 da manhã. Jantámos bem: palmito e dandém.

8 de Fevereiro

A Irene chorou

Arrancámos às 10 da manhã e chegámos ao lugar do mabu às 15h30; vamos pernoitar aqui para amanhã chegarmos ao Mbridge. Casimiro e Anselmo

arranjaram maka. Irene, miúdas e Brica também tiveram maka antes da partida do acampamento por causa da panela e a Irene chorou. Apanhei muita frutinha vermelha e abasteci-me em açúcar. O avião tuga passou às 11h16 e 17h. Não há perspectivas de jantar porque não há folhas; entretanto ouvimos tiros dos caçadores e tudo, oxalá tenhamos carne hoje. O Palma pediu-me 2 passaritos para pôr na sopa. Estamos na dúvida: será fogo de tuga ou dos caçadores? É que estamos a 20 kms do Mbridge onde eles acampam. O Mateus voltou sem matar; falta o Musunda. Oxalá haja carne hoje. Felizmente houve: o Mukenge matou uma pacaça e seguiu-se a confusão habitual. A Irene andou 2h30 perdida.

9 de Fevereiro

fiquei a ouvir música até os outros chegarem

Ontem não se distribuiu a carne para fumar e a confusão continuou hoje. Há sempre maka por causa da carne do Comando. Partimos às 9h50 e às 10h15 os bombardeiros tugas giraram durante meia hora. Como a nossa causa é justa, eles aparecem quase sempre que estamos bem abrigados ou então em terreno descampado passam de longe. Outro avião passou ao meio-dia. À 1h e meia atravessamos o Lué sobre corda bamba; a meio senti-me tonta, mas aqui cheguei. Sôzinha arranquei à frente às 15h e cheguei ao lugar de pernoitar às 16, às 16h30 passou avião.

Preparei os 2 fogos junto a um telheiro e fiquei a ouvir música até os outros chegarem. Lopes e Anselmo foram à frente com a exploração preparar a jangada para o Mbridge amanhã: oxalá tudo corra bem no dia dos meus anos. Jantámos o resto da carne e o osso: que vontade de acabar tudo, mas há que guardar um naco para amanhã.

A fome é terrível: nada para o murbi. O Mukenge deu-me um pedacito de língua de pacaça sem sal que comi com toda a sofreguidão. O Salvaterra também deu-me duas tumbas com caldo. Miro e Brica cozinharão carne de noite e agora de manhã também. A fome é terrível!

10 de Fevereiro

O melhor cadeau para este dia

O melhor cadeau para este dia será atravessarmos o Mbridge sem nenhum incidente. Oxalá: temos tido uma sorte até aqui!... Chegámos ao Mbridge às 8h40, agora custa tanto cobrir estas distâncias com tanta fome! Nem tenho coragem de olhar isto que a malta chama um pequeno mar. Não posso mais com a fome hoje! O avião passou às 9h50. Estávamos em reunião do Comando quando às 10h30 notou-se gente vinda do outro lado. Pensou-se em emboscada para receber comida que levam e ajudar-nos a carregar. Oxalá! Passei a manhã a ratar a pele à vista de todos. Invasão às goiabas verdes e jantar de pele.

11 de Fevereiro*Até quando?*

Hoje vai tentar-se atravessar num stúio que facilite o uso da corda. Mukenge foi à caça. Aqueci sete pedaços da pele do jantar de ontem: quatro para o murbi e o resto para o almoço. Ao Miro pinaram dois nacos na marmitta ontem à noite. Ele teve maka grossa com o Camu. Às 8h45 ele ouviu tiro: oxalá seja caça porque isto está mal mesmo. Ontem não consegui ouvir «ANGOLA COMBATENTE». Os meus pés estão a inflamar e a Irene está em baixo com diarreia. Que vida esta: até quando?

Passsei a manhã com o Cardoso e outros em busca de fruta. De tarde fizeram-se tentativas de travessia: morreu o Mareus. O Neto ficou encaalhado no Kilalu(?) mas de noite salvou-se. Puxa, que alívio! Ameaçou trovada grossa durante a noite. O Rosado deu-me meia caneca de palmito: grande jantar! Lulú abrigou-me no nylon.

12 de Fevereiro*Hoje fazemos um mês que saímos do Congo*

Começámos por uma reunião geral. Os que atravessaram ontem abalaram em busca de comida. Mussunda também foi à caça. Oxalá por tudo que haja comida hoje. A chuva veio atrapalhar os projectos de trabalho. Voltamos a acampar na colina, num telheiro regular. Hoje fazemos um mês que

saimos do Congo. Quando isto vai chegar ao fim? Há muita, muita fome e maka de comida.

Teité, Lopes e Lulú buscaram folhas para o jantar: dizia-se que eram incomíveis, mas cozinhamo-las em abundância. Mukenge voltou sem caça. Fome terrível. Os rapazes cozinharam goiabas verdes.

13 de Fevereiro*Mamã, como tudo isto vai acabar?*

A brigada da comida dirigida pelo Miro ainda não voltou e nós estamos mingando mal deste lado. Acordei inchada dos pés à cabeça. Idem para o Comissário e o Brica, além doutros camaradas. Choveu muito durante a noite e o rio está mais cheio. Estamos à espera dos pilotos que foram com a brigada, para transportar a exploração, caçadores e moças em primeiro lugar. Os nossos papos só giram à volta de peíscos nacionais e estrangeiros. Passsei a manhã ao sol esquentando as cobertas e ouvindo noticiário. Estou com muito pouca força. Mamã, como tudo isto vai acabar? Os caçadores voltaram sem nada.

14 de Fevereiro*Está uma penúria muito grande*

Com muita sorte não choveu de noite: os brigadistas voltaram com mamão verde, cana e jindungu, mas nada trouxeram para este lado porque o rio está cheio. O Coimbra partiu com um grupo em busca de mabu.

Luko, Lulú, Ludi e eu passámos a manhã no deserto à procura de ifídi, cogumelos. Rapinei palmito ao Bula e Vidal para guisar com os cogumelos e servir de jantar para todos. Está uma penúria muito grande com o Necas e o Gomes fraquíssimos. O Comissário apanhou cálculo intravenoso e fez-lhe uma reacção dos diabos. A Teté está com dor de dente. Passou avião às 14h. Caçadores foram, mas nada. Jogámos sueca.

15 de Fevereiro

*Comi cogumelo cru
Isto está de meter medo*

Mais uma noite sem chuva; oxalá o rio tenha esvaziado e hoje possamos atravessar. A jactos passáram a bombardear durante o dia todo ontem e hoje às 10h30 tive o meu primeiro contacto com eles: rápidos e baixo.

O miúdo Gomes bateu asas: fome e o Necas também está muito mal. Isto está de meter medo. Hoje voltámos ao deserto apanhar ifídi que me está aguentando ainda. Passou avião ao meio-dia e 20, baixo. Comi cogumelo cru, raiz dum árvore doce, casca da fruta doce, enfim uma mistura dos diabos. Vamos lá ver se o mabu chega hoje e amanhã podemos atravessar.

Afinal o Coimbra chegou com o mabu às 8 da manhã e 4 deles atravessaram de tarde. O Kilalu não conseguiu voltar e trazer-nos o tal mamão. Jantámos cogumelos e o Ludi arranjou uns coconitos e palmito. Mais um dia perdido aqui.

16 de Fevereiro

*Agora a opinião geral
é que voltemos ao Congo*

Continuamos com sorte, isto é, sem chuva de noite. Moisés e Arisiano foram à caça anteontem e não voltaram até hoje. Mukenge e Adão saíram cedo ontem e também não voltaram esta noite. Agora cedinho saíram Sete-e-Sete, Tashkent, Sebastião da Costa, Januário mais um Domingos do Piri; segundo parece devem ter voltado ao Congo, desesperados. O pior é terem levado as armas que fazem tanta falta. Foi-se também um tal Baptista.

Morreu o Necas. Puxal! Onde vamos parar se não atravessarmos hoje, amanhã e depois? Morreram mais dois voluntários: Domingos e António Lopes. Fez-se a experiência do kilalu: o rio está cheio e o kilalu vai, mas não volta facilmente.

Agora a opinião geral é que voltemos ao Congo, enterrado o material, etc.

Às 15h15 caiu chuva. Às 20h o tuga fez fogo mas muito longe de nós. Comemos palmito e dendém.

17 de Fevereiro

*falou Anselmo e choraram
o Comandante e o Velho Fula*

Faz hoje uma semana que chegámos aqui ao Mbridge. Depois de uma reunião geral em que falou Anselmo e choraram o Comandante e o Velho Fula, assentou-se que parte da malta tinha de voltar ao Congo devido ao obstáculo Mbridge. Entregue o

equipamento e feitas as arrumações, partimos às 11h45 sem grandes despedidas. Muitos resolveram continuar a tentar a travessia; outros não têm mais força para regressar. Dormimos na mata onde eu tinha chegado primeiro. É muito triste esta volta; pelo caminho tudo em silêncio espalhados no capim à caça de mata e arrastando-nos na medida do possível.

18 de Fevereiro

Rosado afogou-se no Lué

Partimos às 6h30 e chegámos ao Lué às 7h30. O Ludi levou-nos aos figos-matabicho e depois atravessámos o rio a pé, com a água dando acima da cintura e muita corrente. Que risco! Levou-nos meia hora. Às 10h15 chegámos ao lugar onde o Mukenge matou a pacaça. Aqui soubemos que o Rosado afogou-se no Lué: que perda! Apanhámos limão e arrancámos ao meio-dia, depois de chegarem o Brica. Resolvemos avançar até ao lugar onde o Kuolokié nos encontrou. Até às 14h30 andei com o Ludi e o Gomes Miranda; depois e até chegar ao lugar às 16h40, andei sozinho pela mata fora. Que esforço superior às minhas forças. Apanhei fruta vermelha. Chatice com a Luko por causa da lenha. Caiu chuvada e dormimos apinhados e sentados.

19 de Fevereiro

Os nossos papos só são de projectos de chegada ao Congo e de comida

Acordei outra vez inflamada da cabeça aos pés, excepto as mãos. Que medo! Choveu ainda até às 9h45. O Ludi acabou de derrubar a palmeira que a chuva interrompeu ontem e às 10h matabichámos palmito. Já não está no nosso hábito comer qualquer coisa dura e quente ao matabicho. Ludi, Teté e malta foram às matas vizinhas à procura de palmito para avançarmos. Nós aproveitámos estender tudo dos sacadores. Se não chovesse esta noite!... Que estará acontecendo no Mbridge e a malta que ficou atrás com o Brica? Os nossos papos só são de projectos de chegada ao Congo e de comida. Ontem ouvimos bombardeamentos donde saímos. O rádio deixou de tocar. Brica e Mabiala querem que Lopes vá buscá-los. Apareceu-nos Tashkent e companhia. Jantámos 13 coconotes e palmito. Não dormimos.

20 de Fevereiro

Agora só temos as SKS do Ludi e do Tashkent

Às 6h Ludi foi levar comida, água e coconotes ao Brica. Não choveu de noite, felizmente. Matabicho chic: chá de folhas mais caroço de fruta vermelha e sumo de limão. Arranquei às 7h45 atrás do Tashkent, entrámos no rasto do Kuolokié às 9h15 e chegámos ao palmeiral onde ele dormira às 19h20. Temos sorte: palmeira com dendém, coconote e palmito.

Agora falta a catana e o machado que vêm com o grupo de trás. Estou ligeiramente menos inflamada. Passou avião às 11 e tal. Juntei lenha e arumei o fogo enquanto os outros não chegaram. Para o almoço, bisei o menú do murbi, além de dendém cru. No lugar onde o Kuolokié ... (*ilegível*) ..., entreei a 44 com o carregador às ... (*ilegível*) ... com o Assoreira que não sei onde ... (*ilegível*) ... O Oliveira também enterrou ali a Sks que trazia. Como custa fazer isso: mas onde encontrar forças para carregá-las? Agora só tentos as Sks do Ludi e do Tashkent: e se houver qualquer ataque contra nós, como defender-nos? Que nos protejam as 4 forças sobrenaturais porque vamos avançar ao deus-dará e mais abandonhados do que nunca!...

Finalmente chegaram os outros às 16h20: que demora! Trouxeram palmito. O Brica e Mabiala não chegam hoje aqui, mas só onde o Kuolokié nos encontrou.

Jantámos palmito e folhas. O Costa Mussunda subiu à palmeira às 17h45, apesar dos preceitos tradicionais e comemos também dendém carnudo.

O Maravilha não apareceu com o Eureka e o machado. Chovencu.

Fiquei aborrecida com a questão dos dendéns-cocos comentada em kimbundu na minha ausência. É preciso dar desconto grande. Dormi pouco e mal.

21 de Fevereiro

«Quando os heróis falam»

Continuo inchada. Mudei-me para a clareirinha e evitei a divisão dos dendéns-cocos. Muita humidade. Ontem Tashkent veio com desculpas contra Luko e Oliveira com chantagem: Lopes acalmou-o. Passaram dois a jactos às 10h40. Eureka chegou arrasca às 9 e tal, mas o Maravilha já não pode; o Palma trouxe o machado e começou a derruba das palmeiras. Deitada com os pés no sacador e a cabeça mais baixa, os pés vão começando a desencher. O Lopes acordou com diarreia e dor de cabeça. Tomei a minha última dose de quinino e trancei o cabelo. Li «Quando os heróis falam», do ... (*ilegível*) ... Avião às 15h40. Herdei coisas do Maravilha: como estou inchada! Será que chego viva ao Congo?

22 de Fevereiro

Como chegar viva

Ontem o Eureka pescou um bagrito ontem e pusemos o ... (*ilegível*) ... de palmito, para dar gosto: peixe depois de quase dois meses. Cedo prepararmos, mas o Tashkent começou com partes de arrancarmos só depois das 7h. A malta está com diarreia. Continuo inflamada: se ao fim de sete dias não chegarmos ao Congo, o meu organismo é capaz de ir-se abaixo. Entretanto, conto chegar viva.

Andámos das 8 às 16 e tal, depois do Ludi vencer a hesitação inicial de adiantar o caminho. O Tashkent arreganha muito. Atravessámos a estrada de Tomboco às 14: que alegria! A malta diz que em 3

ou 4 dias alcançamos o Congo: se assim for. Avião às 17. Comemos muita fruta. Choveu. ... (*illegível*) ... Pântano de ... (*illegível*) ... metros.

23 de Fevereiro

De noite tentei secar as calças azuis e queimei-as com as meias. O voluntário Camilo aproveitou-as. Troquei pelas yankees. A manhã está muito húmida e enevoadada. Ontem não ouvimos «ANGOLA COMBATENTE» por causa da chuva. Acordei um pouco menos inflamada, felizmente. Okalá chegue viva ao Congo.

Atravessámos um pântano de mais de 65 metros: que marfúrio! O capim é tão alto, fere os braços e o orvalho de manhã molha tudo. Palma e Tashkent ficaram do outro lado do pântano.

24 de Fevereiro

Andámos das 7 às 10h e um quarto. Parámos para procurar palmito e coconote e pernoitámos perto de uma lagoa. Cortar palmeira dá muita maka. Tentei pescar na lagoa com o saco plástico, mas nada. A maior parte da gente está a acompanhar bem: Ramos nuído, Adelino, Monteiro e Ti Camilo.

Ninguém dormiu quase por causa da mosquitada. Parti coconote e ouvi música até tarde; fiz sumo de ifidi.

Ouvimos da ORTF, «comunicado do MPLA sobre liberdade de acção em Kinshasa». O que estará acontecendo? Não tentei ouvir «ANGOLA COMBATENTE» por causa da interferência. Comemos bom palmito e muito.

25 de Fevereiro

Andámos das 7h15 às 11h25. O avião carreira passou às 11h. Depois de parados cerca de uma hora para fazer sumo de ifidi, arrancámos às 13 na esperança de atravessarmos o Luso (?), afluente do Ilunda. Andámos até às 17h e nada de rio. Pernoitámos onde o Kuolokté também tinha ficado, depois de atravessarmos dois grandes pântanos cuja água dava ao peito.

Secámos a roupa. No primeiro pântano apanhei um ninho com dois ovinhos. Diz-se que amanhã atravessámos o Ilunda e o Nôqui: será?

26 de Fevereiro

*Se possível,
Kamuna de noite alta*

Acordei às 4h30 para secar as calças e os keds. Não dormi quase nada, embora houvesse menos mosquitada. É que hoje é o dia D para nós: esperámos atravessar o Luzu, o Ilunda e o Nôqui. Se possível, Kamuna de noite alta. Será esperar o impossível assim? Será pedir demais? Depois de

tanta persistência, sacrifício e riscos, oxalá que não.
Tamam os rios não estejam muito cheios e possamos atravessá-los em segurança. Que vontade de chegar ao fim desta miséria de palmito e sumo de ifídi, caramba!

Arrancámos às 7h30 em busca do Ilunda, vimmo-lo ao longe cerca do meio-dia. O caminho é muito patulhado: há até Vm enterrado com papéis dos tugas. Paramos para goiabas, cocos, dendém; barraca da Teré dá miragem tuga. Confusão. Jantámos palmito de moamba. Perdemos travessia ... (*illegível*) ... de domingo. Lopes e eu temos piolho de roupa.

27 de Fevereiro

Será hoje?

Vamos lá ver se hoje avançamos finalmente. Muito perigoso este caminho. Arrancámos às 7 e meia depois dum moamba morna de palmito e da divisão de dendéns, cocconotes, etc. Avião às 10 e 10h50. Ouvimos carros às 9h e às 10h30 fomos ter a um rasto de patrulha tuga ... (*illegível*) ..., quando finalmente passamos este rio, a estrada e Kamuna! Será hoje? Tanta subida e pedral Parámos ao meio-dia, estoiрадíssimos: nada de rio nem de estrada e parece que esta só será cruzada amanhã.

Afinal às 14h40 chegámos ao Kihunda e às 16 estamos todos do lado de lá. Puxal! Que grande vitória. Pernoitámos numa clareira aberta sem mosquito. Aquecemos dendéns e jantámos a moamba deles; merci, ... (*illegível*) ... por termos vencido já um obstáculo.

28 de Fevereiro

Quanta subida, mamã!
Retirei o soutien
e a camisola cheios de piolhos

Mais um dia de sacador às costas em busca da estrada do Nóqui. E só nos restam dendéns. Ontem passou o a jacto 10 minutos depois de atravessarmos o rio. Diz-se que só chegamos ao Songololo amanhã ou depois. Como tudo isto custa a chegar ao fim, Avé Maria, Lola!

Arrancámos às 7 e meia. Ouvimos carros às 7 e meia e às 8. Quanta subida, mamã! Parámos às 9 e meia para o Ludi procurar palmito e dendém já que a estrada nunca mais aparece e ontem já dormimos com fome. Toda a gente ralha conosco por ontem não termos carregado mais dendém. A Luli diz que nunca mais vem ao interior mesmo que tenha de sair do Movimento. Estamos todas altamente fatias disto tudo. Quando chegamos à merda da estrada do Nóqui, afinal? Recebi a trouxinha do Oliveira que está *au bouf*. Retirei o soutien e a camisola cheios de piolhos. Oxalá não nos pegue o tifo! Ao meio-dia avistámos a estrada. Será o Nóqui de certeza? Credo! Nem acredito! Resolvemos ficar camuflados e atravessar só às 18h para evitar ciladas.

Passou avião às 13 e combóio às 13h10 (?)

Tudo está a *bouf* dos nervos com esta travessia final. Eu disse ao Simão Major-demente que parecia um boi e foi um ai-Jesus! O Oliveira queixa-se a nós que

os miúdos o "cafumbam". Miranda, Simão e Costa estão do outro lado da encosta fazendo horas. Onde vamos dormir hoje? Quando podemos o pé no Songololo? Oxalá que hoje saitemos bem e que o rasto do Kuolokié nos livre bem de Kamuna e nos conduza a Songololo. AMÊN!

Hoje somos:

- 1 - Rodrigues Lopes (Ludi)
- 2 - Irene (Luzolo)
- 3 - Engácia (Luko)
- 4 - Lulú
- 5 - Teté (Kulaia)
- 6 - (Langidila)
- 7 - Oliveira (Makanga)
- 8 - Lopes Júnior
- 9 - Costa Musunda
- 10 - Manel
- 11 - João
- 12 - Gomes Miranda
- 13 - Xavier
- 14 - Paiva
- 15 - Simão Major

O Lopes especialmente e as moças guerrilheiras sobreviventes da tragédia Kamy deviam ser realmente condecoradas. Esta é uma verdadeira corrida contra a morte.

O lugar onde estamos camuflados fica perto de um quartel tuga e ouvimos os cartos quase de meia em meia hora. Há um tal nervosismo entre nós que quase não podemos levantar-nos para urinar, sem todo o mundo bradar e ralar!... Ah quando tudo isto chegar ao fim, Mamãe! Mesmo se já não está mal o termos chegado até aqui sem novidade de maior, puxa! Temos vindo ao acaso sem ninguém que conheça ao certo o caminho. Ora nos dizem que tais montanhas são do Yunda, ora porque já ficam do outro lado da estrada, ora não se passa o rio e ao fim de uma hora de andamento chegamos ao Ilunda, ora porque estrada só amanhã e ao fim de meia hora avistamos a tal estrada, ora porque o rasto tem de ir à esquerda e assim por diante: tudo, tudo a calhar. Se não fosse este rasto do Kuolokié e todo o esforço do Lopes, nós já estaríamos mortos. Aliás, hoje quase todos nós acordamos inchados. O Lopes especialmente e as moças guerrilheiras sobreviventes da tragédia Kamy deviam ser realmente condecoradas.

Esta é uma verdadeira corrida contra a morte. Ouvimos tiro do lado do posto tuga às 15. O que será? Nada contra nós por favor, que a nossa presença aqui não seja descoberta, senão estamos frífinhos, Mamãe. Por favor, trabalhai as quatro forças juntas para que atravessemos bem esta estrada

hoje, prossigamos bem a viagem e chegaremos sãos e salvos ao Songololo onde encontrar o Zé Pascoal e estarmos sem complicações com Upas e Congolenses. Queremos chegar sem novidade a Brazza. Já bastam as dificuldades de toda esta odisseia, Mamãel! Que aprendamos todos muito desta "viagem"...

- Até ao Mbridge morreram ou desapareceram três guerrilheiros (Talakanga, Necas e Gomes) e três voluntários
- Pelo caminho ficaram 23 guerrilheiros e dois voluntários

Bilan provisório:

- 26 guerrilheiros
- 5 voluntários

Oxalá, por tudo, 4 Forças!

Às 15h25 ouvimos combóio, diz-se de Léó. Às 15h25 ouvimos barulho de tambores, diz-se que os tugas foram acarrejar água. Avião às 15h45.

Aproveitei este alto para pôr Fenergan na ferida da diakataka e fazer um curativozinho com Vicks à minha língua que está toda escangalhada com aftas causadas pelo dendém. Esse Vicks está me fazendo um jeitão, caramba. Apanhámos um bom banho de sol e já não é sem tempo! Abri a blusa para o sol matar-me os piolhos e desinfectar-me de um possível tifo.

Às 16h45 o Gomes Miranda veio dizer-nos que o Simão já tinha atravessado a estrada. Depois de muita finta, afinal declarou que ia fazer o mesmo. Nós continuamos à espera que escureça um pouco mais. Oxalá a primazia deles não nos crie dificuldades, nem aqui, nem em Kamuna.

Li mais de metade do livrinho do Ludi. O resto fica para as horas que temos de fazer para passar Kamuna amanhã de noite.

Parece que depois de amanhã à noite, quinta-feira chegamos a Songololo. Oxalá, por tudo, 4 Forças! Atravessámos a tal estrada às 18h20 e parámos às 18h50. Fiz outra vez moamba de cogumelo com o resto dos meus dendéns cozidos: vai moamba com jindungu e não dei a ninguém para ninguém me chatear. Assámos cocoonotes e os miúdos do Oliveira deram-me seis dendéns que também assei. Dormimos mal ao léu, com muita humidade embora sem mosquitada.

1 de Março

O Ludi disse «é desta vez que o Holden me apanha, caramba»

Vimos os outros a subir uma colina e recuperámos o raso, graças a tudo. Ao meio-dia e tal suspeitaram que estávamos no Congo já, depois de passarmos um grande pântano de 35 minutos de travessia. Escondemos a Sks e o equipamento e avançamos sempre ao acaso porque cada um diz reconhecer Vunda, estrada alcatroada, Kamun Septante e por aí fora.

Às 15h30 chegámos a uma lavra: euforia do jindungu. O Lopes convenceu os donos e comemos desvairadamente mandioca, jinguba e milho torrado em troca do cobertor do Lopes. Aproveitámos também tomate, folha de feijão. O velho explicou ao Ludi o caminho directo para o Songololo, sem passarmos pelo Kamuna. Às 15h45 arrancámos por um caminho bem aberto, segundo indicação do Velho. O Lopes vinha todo latgado à frente, até que às 16h25 vinha voltando dizendo que estávamos em Kamuna e que tinha sido visto pelos upistas.

Víamos parar às mãos da UPa

Recuámos até uma lavra de mandioca onde nos camuflámos. No caminho passou gente falando em Kíkongo. Desvairado, o Ludi diz que são patrulhas upistas. Agora temos de esperar que anoiteça para passarmos a ponte e andarmos pelo caminho ao atravessar esta sanzala de Kamuna. Oxalá não haja cães que nos toquem e ladrem. O Ludi está atropalhado. Temos sorte que já não é hora de vir à lavra senão estávamos tramados.

O Simão-demente e o resto da malta estão muito atropalhados e querem arrancar de dia já. É preciso acalmá-los e convencê-los. Não sei como vai acabar esta aventura de Kamuna. Aguardemos! É mais uma incógnita. Creio que cantámos vitória antes do tempo pois viemos parar às mãos da UPa. O Ludi disse «é desta vez que o Holden me apanha,

carambas». Acalmei-o. Eu tenho a certeza que nos safaremos desta também. Depois de tanto sacrifício, ficarmos em Kamuna!...

Quatro forças, trabalhai por nós, por favor. Tudo nervos!...

e de repente, bumba: Kamuna!

E nós que estávamos com planos de jantar molho de tomate com ifuata, tudo estragado. Já nem chegamos hoje ao Songololo como contávamos. Bem, o importante é safarmo-nos de Kamuna e chegarmos a Songololo amanhã ou mesmo já depois de amanhã. Temos milho seco e jinguba para aguentar. Quando nos livrarmos de tudo isto, Mammaê! Tudo parecia já tão bem e de repente, bumba: Kamuna!

NOTA FINAL



Tal como foi referido, o manuscrito do “*Diário*” de Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida, termina assim, abruptamente. Ou melhor: não termina. Sua voz foi apenas confinada ao silêncio...

GLOSSÁRIO



"They think all blacks are so weak" - eles pensam que todos os pretos são tão fracos.

"Tu n'és pas un boy. Tu es un ... Chez-nous il n'y a pas de boy - Tu não és um criado. Tu és um irmão. Em nossa casa não há criado".

A Fundu - Do kimbundo "fizeram julgamento", ou "justiça"

AC - Marca de cigarros em Angola.

Ambiance - Festa, ambiente animado.

Amilicar - Amilicar Cabral (dirigente do PAIGC)

Beach - Porto, lugar de embarque, local em Léopoldville onde atracavam e partiam os barcos que faziam a travessia do rio a Brazaville.

Belarmino ou simplesmente "Mino": Nome de Belarmino de Sabugosa Van-Dúnem

Benje - Trata-se de António Pedro Benje, como Bigorna e Belarmino todos integrantes do "*Processo dos 50*"

Bezugo - Branco ordinário.

Bigorna - Alcumha de Noé da Silva Saúde
Bilan - Balanço
Bricom - Sigla de Brigada de Construção, que passou a designar um amigo bairro de Luanda.
Brousse - Termo Francês que designa "mato", "selva".
CD - Comité Director, órgão de Direção do MPLA.
Causerie - Conversa
Charjou-se - Do francês "encarregou-se"
Chasser - Termo francês que significa "caçar", empregue aqui no sentido de "acabar com".
Chez Jeanne - Nome de restaurante.
Cir - Centro de Instrução Revolucionária
Cirtilo - Trata-se de Cirtilo da Conceição e Silva (nacionalista angolano), morto por acidente, salvo erro por afogamento.
CLSTRP - Comité de Libertação de S.Tomé e Príncipe
Companheiros - Refere-se a cubanos
Congé - Férias
CVAAR - Iniciais de "Corpo Voluntário Angolano de Ajuda aos Refugiados".
Débrouiller - Desenterrar; desembaraçar-se por sua própria conta.
Déménager - Mudar de quarto ou residência.
Desi - Trata-se de Desidério da Graça Veríssimo da Costa actual membro do governo Angolano.
Dimoxi Diami - "Fico nas calmas".
Dina Rizzi - Reitora do Instituto Metodista onde Deolinda estudou no Brasil.
Do Kilé - Expressão que significa "vertivel", "dos diabos".

Douane - Termo Francês que designa "alfândega".
Drôle - Engraçado.
Emerdada - Revoltada, escandalizada.
FDIR - Sigla de Fédération Démocratique Internationale des Femmes, o mesmo que FDIM em português Federação Democrática Internacional das Mulheres.
FMC - Federação da Mulher Cubana
Front - Frente militar
Gourgel - Trata-se de Fernando Pio do Amaral Gourgel, que foi dirigente do UPa.
Grande-Vitesse - À letra "grande velocidade", trata-se do comboio da linha Brazzaville-Ponta Negra.
Grunhi - Negro, preto
Guest - Termo Inglês que designa "hóspede", "visita".
Humberto - Trata-se do general Rafael Moracén Limonta, Cubano.
I cannot stop loving you - Música cantada por Ray Charles (eu não posso deixar de te amar)
I gave up - Desisti
I hate to see the evening sun go down - Ódio ver o sol poente (a pôr-se)
Ianqui - Designação do cidadão de nacionalidade norte-americana.
Ifidi - Frutos selvestres (pl.).
Ikumba - Carga, bagagem.
Jingamba - Frutos selvestres (pl.).
Jmnr - Juventude do Movimento Nacional Revolucionário, Partido então no poder no Congo-Brazzaville.

Jus - Sumo

Kadienge - Biscato, trabalho ocasional de baixa remuneração.

Kamuna - Sanzala fronteiriça no território do Congo ex-belga (actualmente República Democrática do Congo), na altura praça forte da FNLA.

Kangundo - Branco ordinário, fubeiro

Kifune - Género de gafanhoto, comestível

Ki - Abreviatura de Kinshasa, capital da República do Zaire, actual República Democrática do Congo.

Kikwanga - Alimento feito de mandioca e envolto em folhas de bananeira.

Kilalu - Espécie de jangada rudimentar.

Kissonde - Formiga brava Africana.

Ku Mbolo iami - Expressão kimbundo que significa "isso é cá comigo", "isso é da minha conta".

Lena - Trata-se de Maria Helena da Silveira, que foi esposa de Amílcar Cabral e professora nos anos 56-57 no liceu Salvador Correia.

Lissouba - Trata-se de Pascal Lissouba.

Lukuaku Lussukula Mukuá - Expressão kimbundo que significa "uma mão lava a outra".

Lusito - O mesmo que "português", de "Lusitano".

Ma parole - Palavra de honra (exclamação).

Mabu - Caule flexível, utilizado na confecção de esteiras, cestos, etc.

Macedo - António Rebeiro de Macedo Júnior, cujo nome de guerra foi "CERTA".

Makunde - Tipo de cereal, parecido ao feijão.

Maquisard - O mesmo que guerrilheiro.

Massamba - Trata-se do Presidente do Congo, Alphonse Massamba - Débat.

Matele - Papa alimentícia; mingau

Maya-Maya - Nome do aeroporto de Brazzaville.

Mbambe Nga Kuka - Expressão kimbundo, que significa "quase que estou velha".

Medeiros - Tomás Medeiros, Nacionalista São-Tomense que militou nas fileiras do MPLA e actualmente exerce medicina em Portugal.

MLEC - Movimento de Libertação do enclave de Cabinda.

MNA - Movimento Nacional Angolano.

Mundele - Branco.

Murbi - O mesmo que pequeno-almoço ou mata-bicho (calão).

Musanzi - Raiz de uma planta silvestre.

Muzumbi - O mesmo que cacimbo, dia nublado.

Nambuás - Naturais de Nambuangongo.

Nguba - Jinguba, amendoim.

Ngweta - Branco.

Niger - Trata-se do Rio Níger.

Noémia de Sousa - Poetisa moçambicana.

Noumazalaye - Trata-se de Ambroise Noumazalaye, que foi primeiro ministro do Congo-Brazzaville.

Nyc - A cidade de Nova York (iniciais de New York City).

OCAM - Organização da comunidade Africana e Malgache; grupo moderado da OUA que se opunha ao grupo de Casablanca, progressista.

On ne gagne jamais rien à fermer les yeux aux réalités si déplaisantes qu'elles puissent apparaître. Tôt ou tard, les réalités prennent leur revanche - Nada se ganha a fechar os olhos à realidade por mais desagradável que ela possa ser. Mas cedo ou mais tarde, a realidade executa a sua vingança.

Orff - Rádio Televisão Francesa

Partout - Por toda a parte.

PN - Ponta Negra (cidade congolesa)

Poto-Poto - Confusão, algazarra.

Primus - Marca de cerveja Congoleza.

Quand Mème - Apesar disso; mesmo assim.

Quartel Ngalama - Base do MPLA na região dos

Dembos.

Refouler - Expulsar; repelir, fazer recuar

Séjour - Estadia; cartão de permanência provisória.

Silva - Trata-se de Domingos da Silva nome de guerra do cidadão ganense Kodjo Tsikata que esteve na guerrilha com o MPLA e veio a ser conselheiro do Presidente Jerry Rawlings (Ghana).

Sur Place - No próprio local; imediatamente.

Tamamu - Termo kimbundo que significa "oxalá".

Tat'odio - Exclamação que significa "meu pai", "meu deus".

Tatystas - Partidários de Alexandre Taty, dissidente da Upa e na altura defensor da secessão de Cabinda.

Tengunhar - Andar como manco, andar lentamente ou a coxear

Tenir Bon - Aguentar

Thanksgiving - O primeiro de Janeiro, primeiro dia do ano, chamado dia de Acção de Graças.

UTU - Dignidade, respeito, hombridade

Visa de entrada - Visto de entrada

Vitória ou Morte - Título do Jornal do MPLA.

Wapi? - Do lingala (onde está?)

Wilma - Deve tratar-se de Vilma Espin, dirigente da FMC, (Federación de las mujeres Cubanas) de Cuba.

ANEXOS

— Comunicado da OMA de 16 de Fevereiro de 1968 exigindo a libertação de Deolinda e suas companheiras

— Documentos escolares de Deolinda Rodrigues

— Menu de Graça

— A Poesia de Deolinda Rodrigues

— Fotografias

CRUSADE SCHOLARSHIP
BOARD OF MISSIONS OF THE METHODIST CHURCH
475 RIVERSIDE DRIVE
NEW YORK 27, NEW YORK

August 5, 1960

Miss Dina Pizzi
Instituto Metodista
Calle Postal 12681
Santo Jairo
Sao Paulo, Brazil

Dear Dina:

Thank you very much for your letter concerning the arrangements for Deolinda's coming to the United States. We are glad to know that things are all shaping up so nicely for her and we hope that she will be happy in her situation here. You will be interested to know that a District Superintendent who has a daughter who is attending Illinois Wesleyan University where Deolinda is going, and this daughter wishes to room with Deolinda. The Dean of Students thought it would be a very fine arrangement because she is a splendid young woman and one who would be very much interested in Deolinda and one who would want to help her in any way she could. We were so pleased when Dean Melchhofer suggested this possibility.

With regard to where Deolinda will be disembarking, our Transportation Department checked with the shipping company and they said that definitely now the ship is scheduled to stop first at Baltimore, Maryland. The passengers are expected to disembark, in fact I was told they would have to disembark, at the First part of call. Since Baltimore is quite near to Washington, this is not a bad situation. Also, it is on the railroad line which Deolinda would take to her school after the Orientation Program is over. We already have purchased her railroad tickets and we are asking the representative of the Committee on Friendly Relations among Foreign Students to meet Deolinda at the ship and help her with all of her arrangements there. We also have purchased the ticket for her to go on the Pennsylvania Railroad from Baltimore to Washington, as well as the ticket for her trip to Bloomington, Illinois. We are giving full instructions to the Committee on Friendly Relations so that they will know what they can do to help her.

I have written a letter to Deolinda, sending a copy of it to your address, one to the ship in Rio and another to the ship in Baltimore. I think she should receive at least one of those. Then, when I found that the shipping company stated definitely that the ship's first port of call would be Baltimore we reversed the instruction about sending the trunk on to New York, but gave Deolinda in a letter addressed to her at Baltimore on the ship, the instruction to have the trunk put on the train and checked on her rail ticket which we have purchased for her. I think that all of these arrangements can be worked out very easily.

Congratulations upon your being invited to go to Northern Rhodesia for the World Day of Prayer in February 1961. I am sure this will be a very significant occasion and one which will be most meaningful to you. We are very happy for you that you have this opportunity.

It is interesting to know that your knowing about Deolinda going to our Orientation at American University makes you homesick for the wonderful days you had there. I am glad that you have that sort of a memory of the situation. We hope this Orientation will be as helpful and as meaningful to Deolinda as we hope yours was to you.

Thank you very much for what you have done for Deolinda. I feel that she has had a splendid experience here and we hope for her another fine program in her study here. Thank you for all of your help.

Cordially yours,

Florence H. Cox

Mrs. Florence H. Cox
Director

Crusade Scholarships

MHC/2

Nome da Aluna Deolinda Rodrigues

	1.º ANO 1957			2.º ANO 1958			3.º ANO			4.º ANO		
	Aula	Exame	Média Final	Aula	Exame	Média Final	Aula	Exame	Média Final	Aula	Exame	Média Final
Bíblia	86	85	87	71	70	70.5						
Educação Religiosa	90	90	90	86	70	78						
Sociologia						70						
Serviço Social												
Orient. dos Grupos												
Português												
Inglês				91	96	93.5	87	77	71			
Costura						95						
Educação Física		90					98	95	97			
História							95	98	96			
Nutrição							100	100	100			
Geografia							100	100	100			
Arte de Falar em Público							95	98	97			
Arte Culinária	89	90	91	88	95	91.5						
Histologia												
Como cuidar dos Doentes												
Plano Semestral			(1)	82	85	70						
Psicologia		80										
Aplic. Antropologia	100	97	97	98	90	94.5						
Atividade		80	80	77	80	78.5						
Atividade	98	90	89									

Deolinda Rodrigues

228

Deolinda Rodrigues

DEOLINDA RODRIGUES - Matriculacion March 3, 1959
Left on August 3, 1960

Last year - 1959 - 8 months Grade

Bible - Introduction to the Bible - Old and New Testaments - 108 hours of classes - 89
Religious Education - The organization of Sunday School - 108 hours of classes - 90
How to Tell stories
Bible Vacation School

Psychology - 18 hours of classes - 80
Introduction of Social Work - 36 hours of classes - 89
Introduction to Sociology - 36 hours of classes - 95
Physical Education - 72 hours of classes - 90
Home Economics and Nutrition - 36 hours of classes - 90
Sewinary - 36 hours of classes - 70
A. History of Music in Rel. Education - 72 hours of classes - 97
Creative Arts - 72 hours of classes - 79
Sewing - 68 hours of classes - 95
English - 72 hours of classes - 96

2 year - 1960 - 1st semester - 4 months

Bible - Old Testament - 54 hours of classes - 94
English - 68 hours of classes - 90
Sewinary - 36 hours of classes - 97
History of the Church - 54 hours of classes - 95
Sociology - 36 hours of classes - 100
Bible Reading - 36 hours of classes - 97
Rel. Education - Worship - 54 hours of classes - 94
Case Work - 36 hours of classes - 75
Physical Education - 36 hours of classes - 90

Both years she studied Plano - but don't give grades
Also she sang in the choir and she gave 108 hours in 1959 and 54 hours in 1960.

Also she had Gardening, both years, 72 hours in 1959 and 36 in 1960.
In 1959 she had her field work with a group of children, here at the school.
In 1960 she had her field work at a church.

520 Paulo, Brazil
August 15, 1960

Dina Nazari - Principal

Dina Nazari - Principal

229

MEMU EM BRAZA



1. Leite condensado (wachi pukia... caramelo)
2. Goiabada
3. Compotas (coco, doce amarelo cubano, doce branco cubano, doces da Urss)
4. Queijo
5. Yogurt
6. Pudins, tortas, bolos (igual ao que a Jenny mandou pelo Natal)
7. Saucisson
8. Pão
9. Manteiga
10. Pamplermousse
11. Ovos
12. Bolacha água e sal
13. Banana madura e Fruta da época
14. Abacate com leite
15. Leite condensado com limão
16. Batatas fritas com bifés
17. Moamba
18. Funji de miudezas

19. Banana cozida com peixe frito
20. Pirão
21. Feijão de azeite com farinha e banana
22. Maizena com leite, ovo e banana
23. Tapioca com leite, ovo e banana
24. Aveia com leite, ovo e banana
25. Matete com leite, ovo e banana
26. Canjiquinha com leite, ovo e banana
27. Escabeche com salada de abacate
28. Banana frita
29. Mandioca cozida frita
30. Batata doce frita
31. Puré de batata com bifés e salada
32. Arroz de forno
33. Grão de bico com bacalhau
34. Pastéis de bacalhau com arroz ou makunde
35. Corned beef frito com arroz
36. Macarrão com corned beef à cubana
37. Atum de cebolada com arroz à cubana
38. Kikwanga com peixe frito, cebola e tomate
39. Ngonguenta com leite
40. Kiaba com banana cozida
41. Ovos com funji
42. Jinguuba toI Tada com banana cozida
43. Ovos com bacon
44. Pancake ou mikate com mel e chourigo
45. Sumo de fruta (tomate, laranja, ananás)
46. Ovos cozidos com salada de batata cozida e mayonaise
47. Cozido à portuguesa
48. Feijoadada com chourigo, carne e dobrada
49. Iscas com alToz
50. Língua/Coração com alToz
51. Churrasco
52. Pastéis de massa tenra com arroz e azeitona
53. Inhamne com peixe frito com molho (cozido e frito)
54. Salsicha com pão, hot-dog com salada de tomate ou mayonaise
55. Sandwiches
56. Caramelos
57. Mikate com mel e chourigo
58. Paracuca
59. Pé de moleque
60. Manteiga de jinguuba
61. Pancake de fuba de milho ou farinha de trigo com mel e chourigo
62. Mayaka
63. Broa
64. Kamundele com pão, kikwanga ou mayaka
65. Moamba de jinguuba com Mikate

POEMAS

— Consoana
— Maria
— Inquirindo
— Um 4 de Fevereiro



A CONSOADA

— As Sete

perto da rerete
não falar, uma a uma
já têm tudo pronto
para pôr-vos na outra margem
é só saber correr
que o piloto está aqui esperando,
se vos descobrem sou fuzilado
que paga terei por este risco?

Já passa das sete
a cadeia ensina a iludir-se
enquanto não vem o sinal
combinado
antecipam-se os sonhos
amanhã é Natal
Natal na liberdade,
puxat' estar com os camaradas
respirar o ar da dignidade
voltar a ser eu

O sinal

Vamos embora?

— Ainda não. Mais tarde

primeiro a paga
serem minhas aqui no capim.
Não querem?
Estão armadas em espertas?
Bem, virei buscar-vos à meia-noite....
.....

É o sinal?
Não.
É dia.
Uma noite de vigia
e tudo em vão.
É Natal
Natal na prisão.

Dezembro de 1967

MAMÃ

África
mamã África
geraste-me do teu ventre
nasci sob o tufão colonial
chuchei teu leite de cor
cresci
atrofiada mas cresci
juventude rápida
como a estrela que corre
quando morre o nganga
hoje sou mulher
não sei já se mulher se velhinha
mas é a ti que venho
África
mamã África.

Tu que me geraste
não me mates
não praguejes um rebento teu
senão, não tens futuro,
não sejas matricida.

Sou Angola, a tua Angola
não te juntes ao opressor

ao amigo do opressor
 nem ao teu filho bastardo.
 Eles caçam de ti
 caíste na ratoeira
 enganada
 não distingues o verdadeiro do falso
 no teu cândido e secular vigor
 cegaste
 agora és tu África
 mamã África
 que das força ao irmão bastardo
 para asfixiar-me
 azagaçar-me pelas costas
 O opressor, o amigo do opressor
 o teu filho bastardo
 (também tu, mamã África?)
 divertir-se-ão
 ao ouvir-me espirar

Mas África
 mamã África
 pelo amor da coerência
 'inda quero crer em ti

Setembro de 1967

INQUIRINDO

*ver o texto de Cristina
 Schuber met no livro
 Faleiros de Poder e
 malhe tridados, p. 41
 aku como n proximias
 não tratados como pnds*

Carrasca de upistas
 na espia dos tugas
 prostituta mulher medida em política

aqui estou etiquetada disso
 inquirindo o fim deste pesadelo
 inquirindo
 cada vez que soa o passo bruto
 ronca o jeep militar
 a corneta toca formatura geral
 colocam-me o guarda à porta
 será o pelotão do talho?
 a minha vez a dele
 um camarada na margem direita
 o capitão conga vem levar-nos
 agora ou nunca?
 aqui estou inquirindo
 sempre inquirindo
 na ilha do inferno não há túnel

Vietnam acabou abuso yankee
 Colômbia retomou carrinho da dignidade
 outra mina rebentou na Pretória
 acima de tudo

Kipanzu

(com Cienfuegos, Kamy e o outro)

avança

consertando o estragado

varendo o colonialista

edificando o lógico

Brazza transmitiu a marcha do Kamy?

Inquirindo

inquirindo pra manter

a luta constante

entre o suicídio à espreita

e este louco redemoinho

até a manhã chegar

pra mim sair viva do campo da morte

e poder ser útil

na liberdade de escolha

da responsabilidade a tomar

e liberdade de acção

pra realizá-la.

Março de 1968

UM 4 DE FEVEREIRO

A paralisada mesa da cela
não está nua

no centro tem um emblema
o nosso emblema
e à volta da mesa
três militantes do MPLA

Sobe a bandeira verduga
e na cela
três militantes
rendem homenagem
aos heróis de Fevereiro
aos heróis anónimos dos
maquis, das prisões da pide,
do exílio

homenagem ao Cienfuegos
reverência especial aos jovens
mártires do Kamy
êxito ao destacamento
de caminho no interior
Vitória ao povo angolano
sob a bandeira do MPLA
Vitória ao Vietname secular

à África e América Latina

Não há relógio

expirado o minuto de silabas

Três vozes provocadas(?)

lançam-se p'ra lá da cela

"com o povo heróico"

"Revolução angolana",

e o dinâmico "Da Triste História"

Soam passos

MPLA, Vitória ou Morte

três punhos cerrados violam o ar da cela

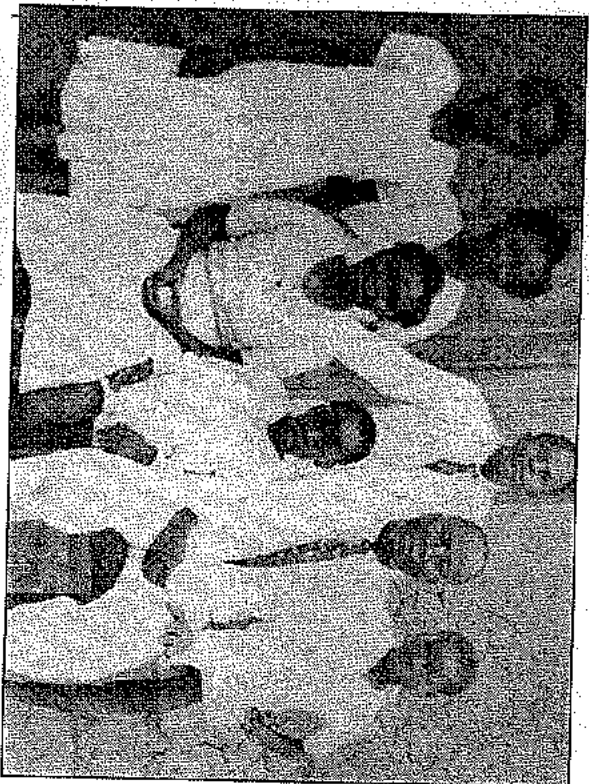
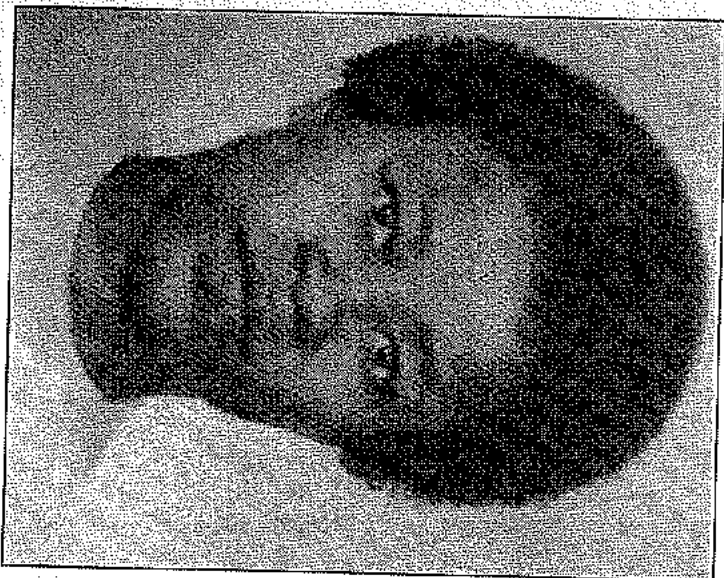
MPLA, Vitória ou Morte

MPLA, Vitória ou Morte

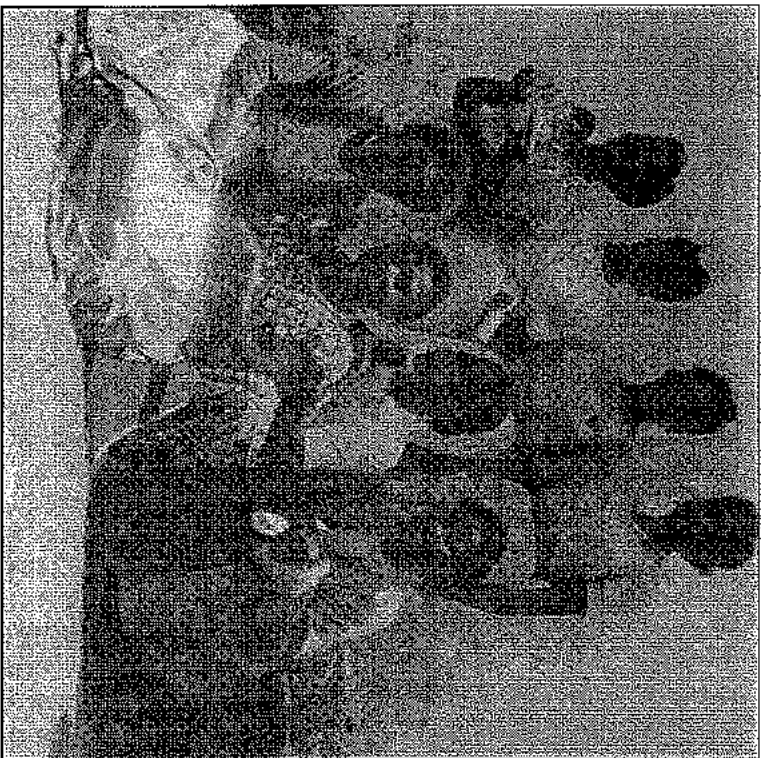
Fevereiro de 1968

FOTOGRAFAS





Em Vila Salazar (atual Natalando), em 1950
Deolinda Rodrigues com os pais e irmãos, e à 1.ª a contar da esquerda



Neste grupo de jovens da Missão Evangélica reconhecem-se:

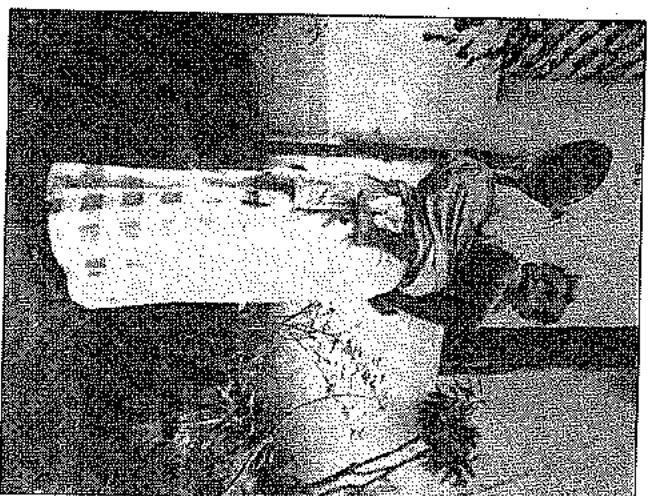
De pé, a 1.ª, Deolinda Bebirana - sentadas: Irene Wiebka, Lóide Ana, ? e Deolinda Rodrigues



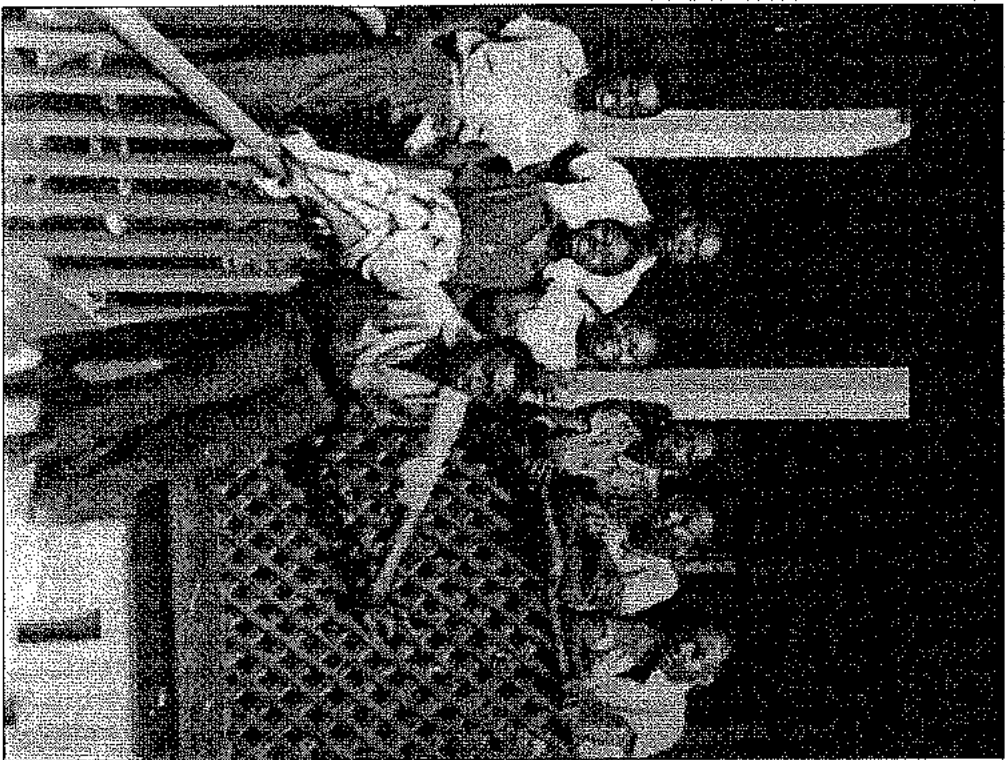
A chegada de Lisboa Deolinda Rodrigues e seu irmão Pedro Sobrinho (1959) ?



Deolinda Rodrigues num jardim, vendo-se ao fundo o edifício da antiga escola da Missão e a casa onde residiu o Rev. Gaspar de Almeida (1956)



Deolinda Rodrigues, vestida de panos e com uma criança às costas, na residência no Bairro Operário



Esta foto foi tirada entre 1956 e 1958, numa casa situada na ilha de Luanda, que pertenceu a Missão Evangélica, onde os jovens faziam retiros e escarções

De pé, da esquerda para a direita: Pedro Filipe, José Custódio, Lóide Ana, Deolinda Rodrigues (encostada ao pilar), Regina da Silva, Maria Eugénia e Raúl Matoso.
Pendurado, fora da escada, Jerónimo de Almeida



Deolinda Rodrigues, com sua prima Ruth Neto, na residência em que viviam no Bairro Operário (actual Centro Cultural Agostinho Neto)



Esta foto deve ter sido tirada em 1966 ou 1967 durante uma escursão na praia da Samba de jovens da Missão Evangélica: De pà, reconhecem-se, da esquerda para direita: João Domingos Savelle, Mateus Adão Neto, Jorge Matoso, Isaque Mõises Sebastião, Pedro António Filipe, Eng.ª Maria Helena da Silveira (esposa de Arnílcar Cabral), José Custódio Rodrigues, Eng.ª Arnílcar Cabral, Roberto Webba, Lúcia Poulison, Paulo Matoso, Dona Maria da Silva Neto (mãe de Agostinho Neto), Jerónimo de Almeida e José Agostinho Neto. De frente: Manco Custódio (agachado), Roberto de Almeida, Mateus João Neto (semi-encoberto), Raul Matoso, Josefa Godinho (cabocadinho), Iva Cabral (filha de Arnílcar Cabral), Lotide Ana, Guida de Almeida, Arminda Ana, Deolinda Bebrana, Deolinda Rodrigues (?), (semi-encoberta), Calama Mariana (a encobrir Deolinda), Zeca Matoso, Baduda Gaspar. Reconhecem-se ainda "Delado" (Adão Francisco de Almeida Júnior), Guida e uma irmã (filhas de Adão Gaspar Martins, integrante do "Processo dos 50").



Pedro Filipe (de toalha ao pescoco), Arnílcar Cabral, Pedro Matoso (?) e João Rudeolito Webba (com máquina fotografica ao ombro)



Deolinda, a penúltima a contar da esquerda para a direita, durante a visita delegação da OMAA à China